

Os valores da educação árabe



O legado cultural árabe em Portugal
A leveza do deserto na prosa e poesia brasileiras
A influência cultural árabe na língua portuguesa
Abadil, o viajante
Um certo oriente que ficou na memória
Al-Khat e a Palavra na Arte Árabe-Islâmica
Os Malês – negros mulçumanos no Brasil
Fazeres artísticos árabes e sacralidade

*A Terra é minha pátria e a humanidade,
minha família. (Gibran)*
Caligrafia de Hassan Massoudy - www.massoudy.net



REVISTA ELETRÔNICA ANO III, N.º 7

GOVERNADOR
SERGIO CABRAL

VICE-GOVERNADOR
LUIZ FERNANDO SOUZA

SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
TEREZA PORTO

CHEFE DE GABINETE
JOSÉ RICARDO SARTINI

SUBSECRETÁRIA DE GESTÃO DA REDE E DE ENSINO
TERESA COSETTI PONTUAL

SUBSECRETÁRIO DE GESTÃO DE REC. E INFRA-ESTRUTURA
JULIO CESAR MIRANDA DA HORA

EDITORES
HELENICE VALIAS E JOHN WESLEY FREIRE

ILUSTRADORES
ANTONIO SILVÉRIO CARDINOT DE SOUZA
E RAFAEL CARNEIRO MONTEIRO

AGRADECIMENTOS

Aos acadêmicos da ABL Antonio Olinto, Carlos Nejar e Evanildo Bechara; a Adalberto Alves (Portugal), Affonso M. Furtado da Silva, Aida Ramezá Hanania, Carlos Lima, Gabriel Chalita, Felipe Ferreira, Jean Lauand, Luiz Antônio de Souza, Marco Lucchesi, Maria Ligia Fortes Sanches, Nelson Rodrigues Filho, Paulo Farah, Paula Quental, Roberto Corrêa dos Santos, Rosa Nepomuceno, Valter Kehdi, Wellington Machado, pela cessão graciosa de seus artigos, a Henrique Pontual, por sua foto, e a Hassan Massoudy (França), por suas premiadas caligrafias.

Às editoras Companhia das Letras, Global, José Olympio, Martins Fontes, Nova Fronteira, Record e SM, seus autores e ilustradores; a Ana Maria Mira, Anna Rennhack, Antonio Roberto Capatão, Carla Nunes, Carla Porto, Carmen Lucia Valle, Elizabeth Almeida, Guilherme Loureiro, Laura Sandroni, Lucia Deppe, Luiz Marchesini, Maria Amelia Mello, Naira Lima, Paulino L.S. Cardoso, Rafaela Deiab, Regina Lúcia Miranda, Sonia Hey, Victor Musumeci, Vilbia Caetano, pela gentil colaboração à feitura deste número.

À Angela Duque, pelo projeto gráfico e competente arte-final da revista.

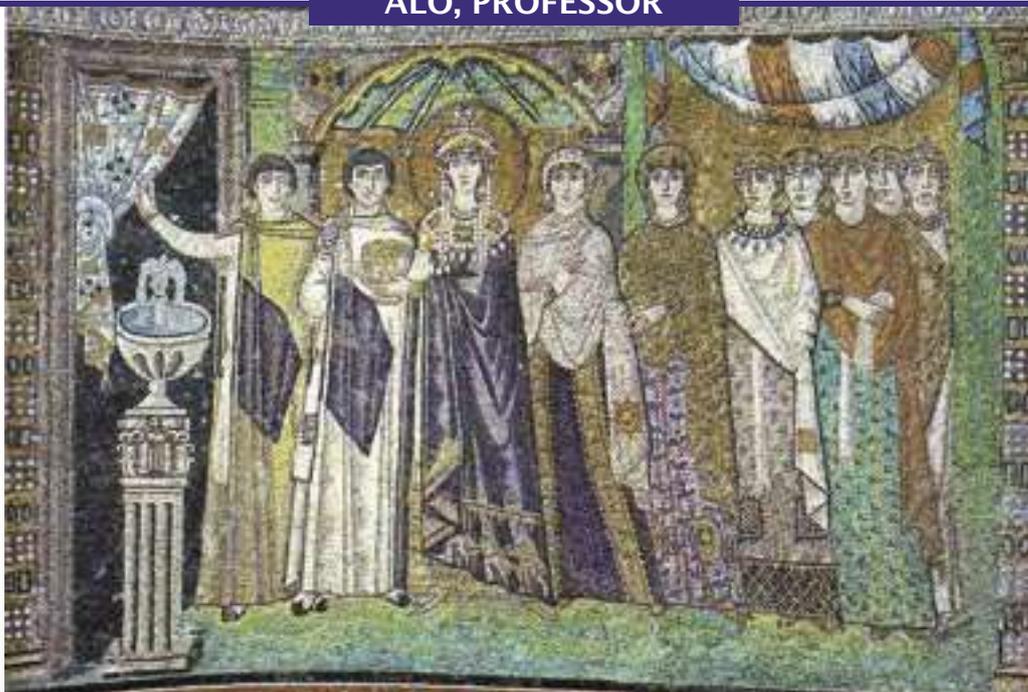
Aos colegas da Seeduc/RJ, Antonio Silvério Cardinot de Souza e Rafael Carneiro Monteiro, colaboradores de sempre, com suas belas artes; a Maria Gisela Cersósimo, por seu texto; e aos que nos ajudaram a viabilizar esta edição: Ailce Malfetano Mattos, Eliane Bardanachvili, Esther S. F. Monteiro, Ivanete Puell, Jacqueline Tostes, Magda Sayão, Maria de Lourdes da Silva Machado, Ronaldo Lapa, e Simone A. Pinto.

SUMÁRIO

- 03** Palavra da Secretária
- 04** Editorial
- 05** Os valores da educação árabe
- 06** A leveza do deserto na prosa e poesia brasileiras
- 08** Um certo oriente que ficou na memória
- 09** *Lavoura arcaica* – a hóstia hostil dos padecimentos familiares
- 11** Abadil, o viajante
- 12** O legado cultural árabe em Portugal
- 16** O livro do mundo
- 17** A influência cultural árabe na língua portuguesa
- 18** Filólogos brasileiros de origem árabe
- 20** A imigração árabe no Brasil: presença antiga e relações atuais
- 22** Os Malês – negros mulçumanos no Brasil
- 24** *Al-Khat* e a Palavra na Arte Árabe-Islâmica
- 26** As especiarias do Oriente Médio
- 30** Tom Jobim e a Poesia Árabe
- 32** Arquitetura no Brasil: influências árabes
- 35** A centenária biblioteca da ABL
- 37** *Abc do mundo árabe / Azur & Asmar*
- 38** *A caligrafia árabe / Viagem ao fabuloso mundo das especiarias*
- 39** *A descoberta da América pelos turcos / Noites das mil e uma noites*
- 40** *Vozes do deserto / Os olhos do deserto*
- 41** *Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa / O que muda com o novo acordo ortográfico e A nova ortografia*
- 42** Um livro, uma leitura e uma proposta “das Arábias”
- 45** Uma Veneza parisiense no carnaval carioca
- 48** Reis Magos: origens e tradições populares brasileiras
- 51** Projeto Redação
- 52** Fazeres artísticos árabes e sacralidade
- 55** Fala, leitor

Permitida a transcrição, desde que sem fins comerciais e citada a fonte.
Os conceitos emitidos representam unicamente as posições de seus autores.

Contato com os editores: educacaoemlinha@educacao.rj.gov.br



A imperatriz Teodora e comitiva. Mosaico bizantino do séc. VI, Igreja San Vitale. Ravena, Itália

PALAVRA DA SECRETÁRIA

TEREZA PORTO

Um conjunto de textos brilhantes, produzidos por autores igualmente valorosos oferece ao leitor da sétima edição de *Educação em Linha* a oportunidade de conhecer, reconhecer e apreciar a cultura árabe em toda a sua riqueza. Pela mão desses pesquisadores, escritores, ensaístas, poetas, professores, entre outros especialistas, somos conduzidos ao contato com aspectos diversos dessa cultura, da educação à literatura, da culinária à arquitetura. Temos o prazer de transitar pela produção de nomes como Aida Hanania, Antonio Olinto, Evanildo Bechara, Gabriel Chalita, Marco Luchesi, Milton Hatoum, Rosa Nepomuceno... e o do renomado calígrafo iraquiano Hassan Massoudy.

Acolhedores, generosos, cordiais, adeptos da boa prosa, vencedores por não temerem o desafio da construção, assim são descritos os árabes por Gabriel Chalita, no primeiro texto da revista – *Os valores da educação árabe* – despertando-nos ainda mais para seguir adiante na leitura.

Já Marco Luchesi, aponta com beleza as especificidades da língua árabe – “O árabe é uma pele que reveste a nudez antediluviana da palavra, com tecidos finos, como a renda; transparentes, como a seda; ásperos, como a pele de camelo; cortantes, como a espada; ou

sinuosos, como os rios”. Sua análise harmoniza-se com a contribuição do respeitado gramático Evanildo Bechara, que nos dá uma ideia do “caudal imenso de palavras” legadas do árabe. Algarismo, álgebra, cenoura, arroz, algodão, azeite, marfim, almofada, alfândega... São muitos e de universos variados esses vocábulos que permeiam o nosso dia a dia.

Pelo texto de Antonio Olinto, conhecemos a associação entre Maomé e a presença dos negros muçulmanos no Brasil. A religião de Maomé teria atraído habitantes da África negra, e quando o comércio de escravos negros da África passou a ser a mão de obra utilizada pelos colonizadores das Américas, vieram os maometanos para cá. A revista nos oferece, ainda, a oportunidade de termos contato com outras curiosidades, como o legado da cultura árabe em Portugal e a relação entre a poesia árabe e nosso compositor maior Tom Jobim.

Mais uma vez, *Educação em Linha* põe ao nosso alcance um conjunto de ótimos textos, cuidadosamente selecionados, reunidos e ilustrados. Tenho certeza de que será um prazer conhecê-la e apreciá-la. Boa leitura.

TEREZA PORTO

Secretária de Estado de Educação do Rio de Janeiro

EDITORIAL

Conduzida pela “bússola invisível da intuição”, esta edição se constituiu em imaginária caravana, com delicada carga tecida de palavras, ideias e imagens, riqueza sendo levada a territórios desconhecidos, nessa viagem de conhecimento/reconhecimento do outro.

Cada colaboração, juntada às demais em polifônico discurso, lembra a de beduínos no deserto, que, nutridos de silêncio até chegar ao destino, acendem a fogueira, em torno da qual trocarão histórias de vida e da imaginação com aqueles vindos de outras paragens. A aceitação dos que participaram da aventura de semear a beleza e revelar – aos que conosco partilham a travessia –, a riqueza que é de cada um e de todos, foi imperativa para tratar do significativo aporte árabe à nossa cultura.

Ancorados no conceito cultural de *árabe*, não na acepção étnica ou religiosa, delineamos esta 7.^a edição. Relevantes fatores a marcaram: perceber como estão introjetados valores e tradições árabes entre nós, verificar quantos de seus descendentes vivem no Brasil e, deles, quantos nela marcaram presença.

Iniciando a viagem, Gabriel Chalita proclama: “É de luz que precisa a educação. Luz que ilumina e aquece como um bom abraço árabe”. Da tradição da palavra escrita, Paula Quental diz que tem raízes na leitura do Alcorão e, as descrições literárias, na vida nômade do deserto. Nelson Rodrigues Filho revela a arquitetura do primeiro romance de Milton Hatoum, cujo relato tem ecos da tradição oral dos narradores orientais. Carlos Lima escreve sobre *Lavoura arcaica* com o mesmo fogo como Raduan Nassar o seu livro, um clássico da literatura brasileira, cuja adaptação fílmica de Luiz Fernando Carvalho tem a mesma intensidade. Carlos Nejar, com olhos de descendente, mergulha na condição humana e homenageia, liricamente, em *Abadil – o viajante*, a trajetória dos mascates árabes no Brasil.

A travessia avança, com preciosa carga. Adalberto Alves fala das marcas deixadas na alma portuguesa, mescla de cultura cristã/muçulmana que forjou Portugal – ou *Gharb al-Andalus*. Marco Lucchesi, em sutil tessitura de palavras e letras, nos desvela a beleza da língua árabe. A herança árabe no léxico brasileiro é matéria de Evanildo Bechara, filólogo da Academia Brasileira de Letras, à testa da reforma ortográfica consolidada em 2008, e responsável pela equipe de lexicografia que atualizou o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, recém-lançado pela ABL, em parceria com a ed. Global. São dele *A nova ortografia* e *O que muda com o novo acordo ortográfico*, publicações da Nova Fronteira, guias seguros para a expressão escrita na língua pátria.

Seguindo, Valter Kehdi apresenta nomes de origem árabe fundamentais na nossa filologia, pela excelência e moderni-



Semeia um grão, a terra te dará uma flor. (Gibran). Caligrafia de Hassan Massoudy

dade de seus estudos. Paulo Farah expõe como ocorreram as correntes migratórias árabes e sua inserção no país, onde já vivem cerca de 12 milhões de árabes e descendentes. Antonio Olinto conta como no Brasil do século XIX os malês, escravos islamizados de cultura letrada pela leitura do Alcorão, se rebelaram contra a escravidão e a imposição do catolicismo. Aida Hanania revela a sacralidade da *Palavra* na arte caligráfica árabe-islâmica, concebida como manifestação de Deus ao homem, pela escrita. Rosa Nepomuceno nos faz viajar ao mundo das especiarias, cujo coração está no Oriente Médio, celeiro e entreposto de espécies aromáticas, elencando ervas que servem à arte culinária e à medicina. Jean Lauand e Aida Hanania sugerem que em *Águas de Março* Tom Jobim abandona os padrões usuais de pensamento ocidental e, num suceder de *flashes*, explora as formas do oriental. Maria Ligia Fortes Sanches, através da arquitetura, mostra a influên-

cia árabe na paisagem urbana do país. Wellington Machado, com uma proposta “das Arábias”, sugere a Literatura como imprescindível arsenal mágico para o ensino-aprendizagem. Roberto Corrêa dos Santos adentra na sacralidade dos fazeres artísticos árabes – iluminuras, rendilhamentos, caligrafias e arabescos, cuidando que “de ornamentos veste-se o espírito”. Ornamentam esta edição a magnífica arte de Hassan Massoudy, calígrafo iraquiano.

Outras preciosidades são também transportadas. Digna herdeira da Biblioteca de Alexandria, há a centenária biblioteca da ABL, que Luiz Antônio de Souza nos descortina, permitindo que conheçamos seu raro acervo. Para a “Nossa biblioteca” selecionamos oito títulos que contemplam a temática da cultura árabe sob prisma diverso: *ABC do mundo árabe*, de Paulo Farah, e *Azur & Asmar*, de Michel Ochelot (ed. SM); *A caligrafia árabe*, de Aida Hanania (ed. Martins Fontes); *Viagem ao fabuloso mundo das especiarias*, de Rosa Nepomuceno (ed. José Olympio); *A descoberta da América pelos turcos*, de Jorge Amado, e *Noites das mil e uma noites*, de Naguib Marafuz (ed. Companhia das Letras); *Vozes do deserto*, de Nélide Piñon, e *Os olhos do deserto*, de Marco Lucchesi (ed. Record).

Para completar a viagem, duas tradições populares brasileiras celebradas no período: *Reis Magos*, com texto de Affonso Furtado, e *Carnaval*, em que Felipe Ferreira faz passagem antes por Veneza e Paris. E o *Projeto Redação*, que Maria Gisela Cersósimo conduz, promoção da *Folha Dirigida* com a SEEDUC/RJ.

HELENICE VALIAS E JOHN W. FREIRE
Editores



OS VALORES DA EDUCAÇÃO ÁRABE

GABRIEL CHALITA

O professor que caminha na sombra do templo, entre os seus discípulos, não dá a sua sabedoria mas antes a sua fé e amor.

Gibran Khalil Gibran

Os dias contemporâneos assistem a um fascinante diálogo universal. Rompemos as barreiras da distância e do tempo com a tecnologia que disponibiliza a informação e atíça a curiosidade.

Em um passado não muito distante, as notícias vinham a navio, os mitos dificultavam o contato com culturas diferentes. Estávamos em ilhas continentais vencidas por braços imigrantes. Os árabes, quando chegaram por aqui, vieram como tantos outros em busca da terra da esperança. Não conheciam o idioma, a cultura. Não tinham ideia do clima, dos desafios que estavam por vir. Partiam do Porto de Beirute, deixando para trás as raízes e trazendo na bagagem a herança de um povo acostumado a acolher.

As famílias árabes são reconhecidas pela generosidade em alimentar sem economias os amigos, os conhecidos.

A música, a dança, o sorriso, a deliciosa comida fazem com que o sabor da convivência acalante a boa prosa. Os árabes são excelentes contadores de história. Sherazade e suas mil e uma noites atestam o valor da contação para que a inteligência vença a prepotência, e o amor vença o ódio.

Os árabes têm muitos provérbios. Comungam de valores corretos sob a luz de uma cultura

milénar. Aprenderam a conviver com a guerra, a dor, o sofrimento. “Somos todos prisioneiros, mas alguns de nós estão em celas com janelas, e outros sem.” (G.K.Gibran). São vencedores porque não temem o desafio da reconstrução, das paredes destruídas pelo outro nem a provocação da alma alquebrada pela dor.

A educação árabe traz como paradigma o amor à família. Choram juntos e riem juntos. Respeitam os velhos, ciosos da abnegação de retribuir ao amor partilhado e cientes de que a sabedoria da vida tem tanto ou mais importância que a dos livros. Em geral, trazem a religião como valor inegociável.

Evidentemente, há os fundamentalistas extremos, mas são exceção. A regra está na cordialidade de pais que professam a fé e o amor, desfraldando as sombras do medo para o voo necessário da geração que está florindo.

Ontem, a ousadia dos desbravadores; hoje, a paciência dos reconstrutores; amanhã, a bênção dos iluminadores. É de luz que precisa a educação. Luz que ilumina e aquece como um bom abraço árabe.

GABRIEL CHALITA

Escritor e Professor
Membro da Academia Paulista de Letras
Vereador do Município de São Paulo
ex-Secretário de Educação do Estado de São Paulo
Autor, entre outras, de *Os dez mandamentos da Ética e Pedagogia do Amor*



A LEVEZA DO DESERTO NA PROSA E POESIA BRASILEIRAS*

www.meupapeldeparededegratis.com.br

PAULA QUENTAL

A influência da cultura árabe é evidente na obra dos inúmeros escritores de origem sírio-libanesa no Brasil, mas também pode ser sentida na estrutura narrativa de contos e romances de todo o Ocidente, que não seriam os mesmos sem a magnífica e eclética herança de *As mil e uma noites*.

A arte de escrever, seja em prosa ou poesia, está profundamente relacionada à cultura árabe, cuja tradição da palavra escrita tem raízes no hábito da leitura do Alcorão e, as descrições literárias, na vida nômade do deserto. A influência dessa cultura é sentida na estrutura narrativa do conto e do romance ocidentais, defende o crítico e escritor Caio Porfírio Carneiro, autor de *O Sal da Terra* (Ed. Ática), já traduzido para várias línguas, inclusive o árabe. “A literatura árabe, para além da riqueza da imaginação, é a sutileza do como dizer – uma leveza que tem muito do universo contemplativo do deserto”, ensina.

Essa herança estaria condensada na magnífica obra *As mil e uma noites*, conhecida dos ocidentais há apenas 300 anos, mas que reúne histórias oriundas da Pérsia e da Índia, de autores anônimos dos séculos 8 e 9, de acordo com Porfírio Carneiro. Elas foram compiladas ao longo do tempo até serem compactadas no século 15 pelos árabes, “que lhes conferiram feição definitiva e única”.

“O livro deu novo alento à técnica do conto, à narrativa fantástica. Sublimação lírica que inoculou a poesia em geral. O curioso, o fantástico, sutis conceitos filosóficos. Uma narrativa ficcionada, lírica, que os árabes

lançaram como foguete mágico mundo afora. Eles interpretaram o mundo e alma orientais, mas a essência é árabe”, diz o escritor. “Eu que sou contista tive uma surpresa especial ao observar que está tudo lá em matéria de conto, o fantástico, o erótico, o alegórico”.

As Mil e Uma Noites tornou-se conhecida na Europa no início do século 18 e talvez seja o livro mais traduzido do mundo, perdendo apenas para a Bíblia e o Alcorão. Para Porfírio Carneiro, o seu legado, que pode ser estendido a toda a literatura árabe, é, além disso, a linguagem musical, a estrutura narrativa que seduz, a dimensão humana, o oposto da visão científica.

“A cultura árabe é uma cultura muito doce, muito humana, muito poética, apesar dos transtornos com os quais ela é identificada nos nossos dias”, afirma.

OS ÁRABES NA LITERATURA BRASILEIRA

Apaixonado por pesquisa e por tudo o que se relaciona à literatura (é também dono de uma biblioteca de 6 mil livros e secretário-geral da União Brasileira dos Escritores, a UBE), Porfírio Carneiro, a pedido do Centro Cultural Árabe-Sírio, em São Paulo, onde fez palestra em 2004, tentou identificar o que há em comum entre os escritores descendentes de árabes no Brasil e sua influência na cultura brasileira.

Para começar, a lista de escritores de origem sírio-libanesa que nasceram ou adotaram o país é imensa. Raduan Nassar, Milton Hatoum, Leon Eliachar, Jorge Medauar, Jorge Tufik, Jorge Tanure, Salim Miguel, João Batista Sayeg, Carlos Nejar, Malba Tahan (pseudônimo de Júlio Cesar de Souza, autor de *O homem que calculava*, que não era árabe, mas escreveu como um), são apenas alguns deles.

O primeiro nome lembrado por Porfírio Carneiro é o do jornalista e compositor Jorge Vidal Faraj (1901-1963), “o mais romântico e lírico letrista da MPB das décadas de 1930 e 1940”. Faraj foi autor de memoráveis canções gravadas por Orlando Silva, Francisco Alves, Sílvio Caldas e Carlos Galhardo. Uma das mais conhecidas é a valsa “Deusa da Minha Rua” (“A deusa da minha rua/tem os olhos onde a lua/costuma se embriagar/Nos seus olhos eu

suponho/O sol, num dourado sonho/vai clareza buscar..”), em parceria com Newton Teixeira. Um lirismo que, segundo o escritor, tem inequívoca raiz árabe.

Nem todos buscaram ou buscam escrever sobre as próprias origens, como o octogênio escritor e jornalista Salim Miguel, nascido no Líbano e radicado em Santa Catarina, autor de *Nur na Escuridão* (Ed. Topbooks). O livro, que conta a história de sua família, libaneses que aportaram no Rio de Janeiro sem saber o português – luz, *nur* em árabe, foi a primeira e emblemática palavra aprendida pelo patriarca Yussef, pai de Salim – é o 18.º do autor, premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

O que une a maioria dos escritores brasileiros descendentes de árabes, segundo Porfírio Carneiro, são os traços que podem ser remetidos à sua origem comum: além do lirismo, do aspecto humano, a “sobriedade da prosa e um grande talento para trabalhar personagens infantis”.

“O poeta filho de libaneses Jorge Tufik, por exemplo, tem dado contribuição importantíssima à literatura nacional: na sua obra, repleta de lendas da Amazônia, a linguagem poética tem o sopro dos ventos das *Mil e uma noites*”, descreve ele. Tufik e tantos outros, entre os quais o premiadíssimo Raduan Nassar (*Um copo de cólera* e *Lavoura arcaica*, ambos livros adaptados para o cinema), considerado um dos melhores escritores brasileiros contemporâneos, têm, de acordo com Porfírio Carneiro, “a leveza do labor poético, uma escrita que não cai nas construções apenas cerebrais”.

A influência dos árabes na literatura brasileira, porém, começa nas marcas desta cultura deixadas em Portugal, já que os árabes dominaram a Península Ibérica por oito séculos. São milhares de palavras portuguesas de origem árabe. “A cultura ibérica é impregnada da arte mourisca”, diz o escritor. E isso para além dos vocábulos, também na alma singela e poética.

PAULA QUENTAL

Jornalista

Editora e diretora da Hipermeios

www.hipermeios.com.br

* Anteriormente publicado no site da Agência de Notícias Brasil-Árabe: www.anba.com.br

Um certo oriente que ficou na memória

NELSON RODRIGUES FILHO

O meu assunto é a memória. Na verdade, é a invenção dessa memória de narradores que estão sempre em trânsito numa sociedade de conflitos.

Milton Hatoum, JB Idéias

Relato de um certo Oriente é o primeiro romance de Milton Hatoum, publicado em 1986. Figura o relato, dirigido ao irmão distante, de mulher que, após longos anos de ausência, retorna a Manaus, cidade de sua infância, e encontra fechada a casa senhorial da família e, em outras mãos, a casa de comércio.

O romance se constrói como um espaço de relatos de diversos personagens que se sucedem, sem manter nexos de causalidade, identificados pelo tempo/espaço e por personagens aparecidos em narração anterior na sucessão. Reúne, nas diversas narrações, as memórias individuais que construirão, por um processo de encaixe, a memória coletiva que a narradora, em seu empreendimento proustiano, deseja buscar, lançando mão o autor de estrutura que lembra, ao mesmo tempo, a prática de Faulkner (penso, especialmente, em *Enquanto agonizo*) e as estórias de *As mil e uma noites*.

Emilie, a matriarca da família de imigrantes libaneses, internara-se, na juventude, num convento católico, de onde foi retirada, quase à força, por um irmão. O mesmo que, tempos depois, adentraria o Rio Negro, para morrer, numa forma de certo modo ritualística. O suicídio do irmão veio juntar-se à morte trágica da neta muda, oriunda de uma relação ilícita (e misteriosa) da filha, rejeitada, por isso, pelos irmãos. O suicida e a neta se tornarão objeto de veneração da matriarca e causa da melancolia que passa a acompanhá-la.

Ela domina toda a cena do romance, como uma heroína adorada e obedecida, pela sabedoria, rigor, humanidade e um certo misté-



rio, sujeito de firmes decisões, tristezas e saudades. A sua crença cristã convive com o silencioso marido, comerciante fiel à observância da tradição cultural libanesa, leitor do Alcorão e contador de histórias semelhantes às das *Mil e uma noites*, quando não se mantém em silêncio.

A casa agora abandonada vai-se reconstruindo pela imaginação e pela memória da personagem-narradora, nutrida pelas diversas vozes que a constituem, já agora não mais um “oriente” presente fisicamente, mas como reminiscência de suas tradições, contradições, preconceitos e tragédias, que só pode existir no presente do passado, como definia Santo Agostinho o tempo da memória.

Diante da destruição do clã e a morte da matriarca, expressa na casa em ruínas, o relato da filha pródiga é a tentativa de resgatar o ir-resgatável, senão pela reminiscência.

A casa dos imigrantes libaneses, que tem como matriz a figura da matriarca, não constitui um espaço isolado da imaginação, mas incorpora a Manaus de um tempo, habitada por imigrantes de diversas tradições religiosas e culturais, que acabaram por se misturar, como diz, na orelha do livro, Davi Arigucci Junior.

NELSON RODRIGUES FILHO

Mestre e Doutor em Letras pela UFRJ

nelrofi@uol.com.br e www.nelrofi.blog.uol.com.br

LAVOURA ARCAICA

A hóstia hostil dos padecimentos familiares

Foto: Eduardo Simões, in *Cadernos de Literatura Brasileira*, Raduan Nassar – Instituto Moreira Salles, 2001



CARLOS LIMA

*Como o escorpião, meu irmão
você é como o escorpião
numa noite de terror*

Nazim Hikmet

Lavoura Arcaica é uma máquina suplicial; há nas vísceras deste inferno nassariano um açoite de escorpiões no ícone do ânus familiar e uma obsessão – a morte da palavra do Pai:

– Eu também tenho uma história, pai, é também a história de um faminto, que mourejava de sol a sol sem nunca conseguir aplacar sua fome, e que de tanto se contorcer acabou por dobrar o corpo sobre si mesmo alcançando com os dentes as pontas dos próprios pés;

sobrevivendo à custa de tantas chagas, ele só podia odiar o mundo (...).

Raduan escreve com o fogo, fogo roubado aos deuses ou aos demônios num discurso em estado selvagem; trata-se de uma apologética da subversão, com o requinte fabular e a soberania textual de um grande inquisidor:

– Toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade, não é por outro motivo que falo como falo (...).

– Por ora não me interessa pela saúde que o senhor fala, existe nela uma semente de enfermidade, assim

como na minha doença existe uma poderosa semente de saúde (...).

O personagem nos arrasta para o território dos arquétipos das taras domésticas no fogo fátuo de uma adolescência sonolenta e preguiçosa, que numa comunhão com as ervas daninhas cultiva as larvas do tédio, chafurda no lodo dos cochos da maldição e num incerto cesto ri com o demônio no porão do incesto cultuando o obsceno das danações, das roupas sujas, das manchas da solidão, dos lutos, das dores e das alegrias familiares:

– Eu só estava pensando nos desengañados sem remédio, nos que gritam de ardência, sede e solidão, nos que não são superfluos nos seus gemidos; era só neles que eu pensava (...).

Com a ortodoxia do grito tocando a pele do êxtase da sombra e da luz no uivo epilético da blasfêmia, toda família engendra os seus próprios malditos e estes são o espelho das suas perversões onde ela se reflete, mas não se reconhece na sua sabedoria devassa:

– Não se pode esperar de um prisioneiro que sirva de boa vontade na casa do carcereiro; da mesma forma, pai, de quem amputamos os membros, seria absurdo exigir um abraço de afeto; maior despropósito que isso só mesmo a vileza do aleijão que, na falta das mãos, recorre aos pés para aplaudir o seu algoz (...).

Com a prosa do desespero expõe a lepra das mataduras da crueldade familiar e prepara como o escárnio de um abutre a bofetada final na face de todas as ilusões mortas, pois André está condenado a ser André, e não pode ser o inatingível e prístino Pedro, assim como não pode nem mesmo jogando-se no poço extremo da sua *ptósis* possessiva ressumbrar o corpo de Ana ou com o seu pus masseterino macular a virilidade do anjo da revolta em Lula:

– O amor que aprendemos aqui, pai, só muito tarde fui descobrir que ele não sabe o que quer; essa indecisão fez dele um valor ambíguo, não passando hoje de uma pedra de tropeço; ao contrário do que se supõe, o amor



nem sempre aproxima, o amor também desune; e não seria nenhum disparate eu concluir que o amor na família pode não ter a grandeza que se imagina (...)

Do esplendor deste magma tempestuoso, Luiz Fernando Carvalho fez um belo e apaixonado filme, expondo com uma fidelidade litúrgica a saga narrativa de todo o circo da nudez familiar, numa ressunção do livro, na qual acredito que os seus e os nossos olhos foram atendidos.

Devoção e dissolução alternam-se no esplendor de uma *catharsis* da transgressão; com suas patas sagitarianas numa litania encantatória, *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar/Luiz Fernando Carvalho parece dizer (e nos diz literalmente): resta-nos o impossível.

“Dulcificuemo-nos”!

CARLOS LIMA

Poeta, tradutor, ensaísta e articulista Professor de Cultura e Literatura Brasileira no Instituto de Letras da Uerj Autor, entre outros, de *Anatomia da melancolia* (ed. Civilização Brasileira) e *Genealogia dialética da utopia* (ed. Contraponto)

ABADIL, O VIAJANTE

Abadil, o viajante.
Não era um, era muitos
confluindo no seu corpo
e o fatigando.

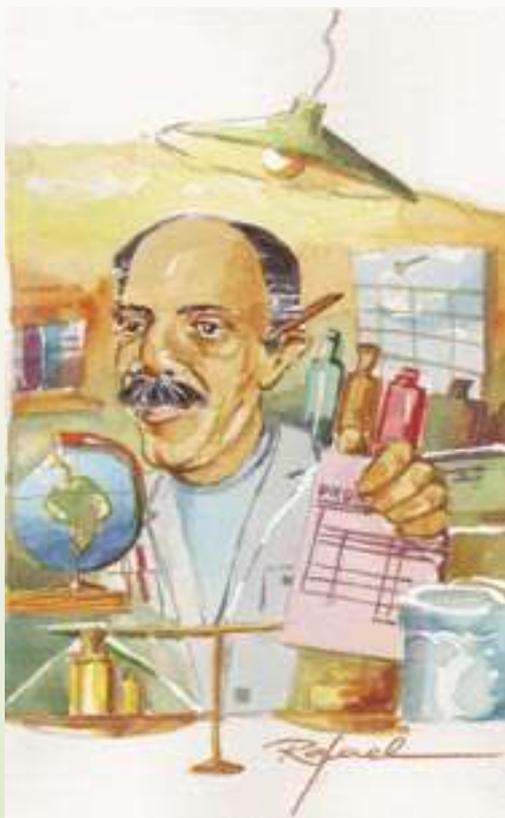
Abadil, mais que Abadil,
a infância dele, o rebelde,
suas letras de colégio,
o anterior e o sequente,
a baldeação de Abadil,
o seu arrabalde, o sítio.
E fora dele, a tronqueira,
o funcho, o mundo
encantado.

Fora dele, apenas ele
que em si mesmo divisava
companheiros, inimigos
e casas de tavolagem.

Ou talvez lhe divisassem
no rosto, as suas paragens,
as geografias e um povo
todo no esforço. Alguma
aldeia no peito, madeiras
de lei, colheitas.
Seus negócios: uma firma
de calendas.

Notícias e coragens
sobraçavam-lhe o jaleco.
Imprevistos: as botas
não os calçam
nem consertam.

Viajava. De Porto Alegre
a São Borja.
Ou melhor, desviajava
nas horas de nossas partes
ou mortes.



Um Abadil com as esperas,
a vencida duplicata.
Outro Abadil
entre cartas marcadas
por mão de ferro.
Outro Abadil dormia
no canteiro de uma praça.
E outro (meu Deus, eram
tantos!)
sobrevoa. O seu terno
de borboletas arqueava
e subia a noite alta.

CARLOS NEJAR

Suas malas não traziam
quase nada: uma esperança,
quem sabe uma leva
de vertigens.
E no fecho
certa lágrima.

Nas ruas, nas avenidas
um Abadil caminhava
firmado às pedras e outros
com mala e tudo voavam
na direção do que viam
ou pressentiam.

Vinham guardas, vinham alvas,
vinham-lhe marés de orvalho,
labirintos pelas folhas
de um jasmineiro.
Vinham recados
de sua firma,
pedidos de compra,
notas e em sonho
Abadil cumpria
o fado de vendedor.

Assim o insólito horário,
o duplicado labor.
Abadil entardecia,
amanhecendo o chão.



CARLOS NEJAR

Poeta, ficcionista, crítico e tradutor
Membro da Academia Brasileira de Letras
In Os viventes. Ed. Nova Fronteira, 1979

O legado cultural árabe em Portugal*



ADALBERTO ALVES

Um dos meus livros sobre a cultura do Gharb al-Andalus¹ leva o título emblemático de *O Meu Coração é Árabe*. Este título, que era o de uma canção árabe – *Qalbî Arabî* – que os Portugueses do Renascimento Europeu ainda cantavam, séculos depois de finda a conquista cristã, tem o valor mítico de uma intercultura do sentimento.

Qalb/coração é, para os muçulmanos, o órgão simbólico do conhecimento espiritual, aquele onde desabrocha a rosa mística. Afirmar a arabidade do coração é assumir, no mais profundo do ser, o fascínio da civilização do Crescente.

O testemunho de Gil Vicente, ao patentear a popularidade dessa canção, assume um significado antropológico que a abordagem das raízes da cultura portuguesa confirma de forma indiscutível. Poderemos dizer que a arabidade faz parte do coração dos portugueses?

Numa época, como a nossa, em que, para empregar uma expressão de Jung, a “coincidência dos opostos” é aceita como forma de ler a realidade, partindo da consideração das polaridades, estamos talvez, como nunca, em posição de entender o mecanismo Eu/Outro, ou seja, Cristão/Muçulmano, mecanismo esse que comportava atracção/repulsão e fascínio/receio. Os proto-portugueses são o cadinho humano onde se realiza uma complexa alquimia étnica, cultural e espiritual, na qual o elemento romano-árabe é factor decisivo da matriz mediterrânica.

A primeira fase deste processo completa-se com a incorporação de todo o território muçulmano e respectivos habitantes. É só nesse momento que a polaridade se completa e Portugal começa a tomar forma, enquanto nação.

Os primeiros reis portugueses construíram um ordenamento jurídico que deu expressão a esta natureza compósita de país em ma-



Poço árabe preservado no Museu de Antropologia de Silves

turação, mimetizando a tolerância islâmica, através de institutos jurídicos como o da *Dhima*, ao protegerem os direitos das suas minorias através das garantias dadas em Cartas de Foral e Ordenações.

A fascinação do Islão, sentida pelos proto-portugueses e primeiros portugueses, era uma inevitabilidade, dada a superioridade e sofisticação da cultura árabe, face à fruste rudeza dos povos do Norte da Europa na Alta Idade Média.

Por isso, desde tempos recuados, os árabes estão ligados, na memória do Povo Português, ao maravilhoso, ao belo e ao requintado. Para as gentes pobres da Idade Média, os protagonistas da brilhante civilização do *al-Andalus*, terra das ciências e das artes, o árabe era o Outro que complementava o Eu.

De tal maneira, que as lendas árabes constituem uma parte significativa do folclore português. Essas lendas são, invariavelmente, histórias de amor entre cristãos e muçulmanas ou vice-versa, em que eles são vítimas de um tempo intolerante para com os sentimentos dos amantes separados.

Estas polaridades sociais respeitadas, como dissemos, pelos primeiros reis de Portugal, vieram a ser dramaticamente postas em causa com a submissão da Coroa Portu-

guesa a interesses de ordem política. Num seguimento das estratégias de Castela, foi utilizada a arma da religião como pretexto para uma brutal uniformização.

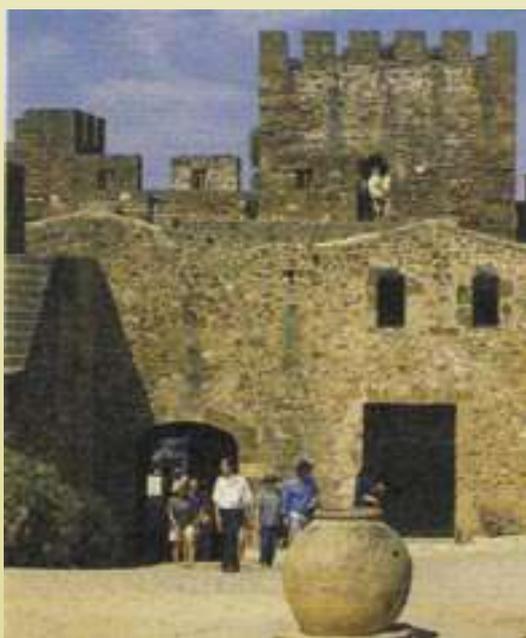
O Islão foi banido do território português pela expulsão dos crentes ou pela conversão forçada. Tais cicatrizes dolorosas só recentemente começaram a sarar, com o renascimento da liberdade religiosa a permitir a abertura de mesquitas, e com descendentes dos espoliados da sua fé a reencontrarem uma herança perdida.

Esse legado vem, não apenas do *Gharb al-Andalus*, mas também dos tesouros que os colonizadores e navegadores portugueses trouxeram do *Maghreb*², do *Mashreq*³ e do Oriente longínquo, onde contactaram reiteradamente com a Civilização Muçulmana. Dessas navegações adquirimos, não só apenas especiarias e pedras preciosas, mas ainda também convívios, palavras e costumes. Entre guerras e crueldades houve também amizades e alianças.

Se, num passe de mágica, fosse possível apagar, de Portugal actual, todos os vestígios do legado árabe, a nível étnico e cultural, a paisagem humana, física e civilizacional que contemplaríamos seria inteiramente diversa.

Tornar-nos-íamos, possivelmente, louros e não morenos como habitualmente somos. Deixaríamos de falar o latim arabizado que é o português, e perderíamos mais de mil palavras do nosso léxico. Muitas das nossas povoações deixariam de existir ou mudariam de nome. Não saberíamos como nomear a maior parte do que comemos ou cultivamos. Como chamaríamos o jasmim, a laranja, a tâmara e a romã? Que nome daríamos ao alguidar, ao alfaiate, ao alaúde e ao alferes?

A nossa poesia – o mais alto valor do génio português – sem o contributo árabe, não teria visto nascer, provavel-



Castelo de Silves, Algarve: fortificação muçulmana, séc. VIII-IX

mente, as cantigas trovadorescas. E sem o sentimento de saudade, herdado do *nasib*⁴ da *qasida*⁵ árabe, de raiz beduína, que seria feito do nosso lirismo? Que Camões seria possível? A este respeito, e bem, Fernando Pessoa afirma expressamente que nós somos um povo romano-árabe porque “foram os árabes que nos educaram”. E Antero de Quental, não o esqueçamos, filia a nossa decadência na expulsão dos árabes.

Nesse cenário de imaginação os núcleos históricos de muitas das nossas cidades perderiam o encanto do seu traçado labiríntico. Pensemos em Lisboa, sem Alfama nem Mouraria. Pensemos num Alentejo, sem a vertigem branca das suas casas, e num Algarve sem *açoteias*⁶ nem chaminés, minúsculos minaretes sobre os telhados.

Que artesanato teríamos? Sem tapetes de Arraiolos ou de Almalaguês, sem esteiras, sem filigranas, e sem azulejos. Que *alcofas*⁷? Que *almotolias*⁸?

E a *guitarra portuguesa*, que seria dela, órfã de seu pai, o *alaúde*? E os *adufes*, e os *pandeiros* e as *gaitas*? Estava escrito (*maktub!*) que sem destino não há fado e o nosso destino era cantá-lo e dançar *mouriscadas*⁹ e *fandangos*¹⁰. Os nossos ciganos também entoam *cante jondo*¹¹ e no Alentejo, sob um manto polifônico, esconde-se a nostalgia dolente do *cante* herdada dos beduínos e da *sulamijya*¹² dos sufis¹³.

Sem a Ciência Árabe – Medicina, Matemática, Astronomia, Geografia, Física e Botânica – que Renascimento teria sido esse? Que Filosofia teríamos tido, se os muçulmanos não tivessem preservado a maior parte do legado Greco-Latino desenvolvendo inovadoras direções? Que Mística teria nascido aqui, sem *Al-Uriani*¹⁴, *Al-Martuli*¹⁵ ou *Ibn Qasi*¹⁶?



Porta de reixa em parede azulejada, Tavira, Algarve

Como é que um pequeno povo, como o nosso, teria chegado aos quatro cantos da Terra sem o auxílio das ciências de navegação árabes? Até os aviamentos que levávamos para bordo eram arrancados ao solo através de práticas agrícolas – ainda hoje usadas – trazidas pelos muçulmanos.

Nesse aspecto, é sempre de lembrar, pelo que ilustra quanto ao carácter precursor das navegações luso-árabes, a viagem dos chamados *Oito Aventureiros* que, no século IX, em tempos do Califado de Córdova, partiram de Lisboa, por mar, tendo alcançado as Ilhas Canárias e depois o Marrocos.

Voltando à ficção histórica, que comida teríamos? Mais ou menos disfarçados, os guisados, cozidos e doces de grande parte da nossa cozinha tradicional não são senão receitas filhas de requintes introduzidos à mesa por *Ziryab*¹⁷ de Bagdade.

O *Gharb al-Andalus*, território que grosso modo é hoje o de Portugal, participou da glória e do drama do *Al-andalus*.

Al-Andalus é, para os Árabes, uma espécie de paraíso perdido, como o rei Faiçal da Arábia Saudita costumava sublinhar.

Também para nós, Portugueses, o *Gharb al-Andalus* tem o valor de um símbolo: de sabedoria, de beleza e de tolerância. Fomos desapossados, durante séculos, dessa realidade-mito fundadora através da intransigência política e religiosa. A polaridade foi desfigurada ao retratarem-nos os Árabes e o Islão como parte do mundo do Outro, escondendo-nos que o Outro, afinal, somos Nós.

Nestes tempos, em que surpreendentemente a Ciência, aproximando-se da Metafísica, quebrou as amarras do racionalismo aristotélico e cartesiano, urge afastar ridículos eu-



Doceria luso-árabe

Glossário

¹ *Al-Andalus* – nome dado à Península Ibérica pelos conquistadores islâmicos (séc. VIII). *Gharb al-Andalus* – parte ocidental da Península, atual Portugal.

² *Maghreb* – significa lugar do pôr do sol ou oeste. Compreende os atuais países: Marrocos, Mauritânia, Argélia, Líbia e Tunísia.

³ *Mashreq* – significa lugar do nascer do sol ou leste. Refere-se aos atuais: Irã, Iraque, Kuwait, Egito, Sudão, Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Emirados Árabes, Qatar, Bahrein.

⁴ *Nasib* – abertura nostálgica da poesia denominada *qasida*, cuja estrutura é composta de três partes.

⁵ *Qasida* – forma poética desenvolvida na Arábia pré-islâmica. É elogioso, elegíaco ou satírico poema, encontrado em árabe, persa, e em literaturas asiáticas. O clássico *qasida* está estruturado como ode de 60 a 100 linhas, mantendo rima única ao final de cada verso.

⁶ *Açoteia* – terraço no topo de um edifício, substituindo o telhado.

⁷ *Alcofa* – cesta com alças para transporte de bebês, “moisés” ou bebê-conforto.

⁸ *Almotolia* – pequena vasilha com bico estreito e comprido, próprio para guardar e aplicar substâncias oleosas.

⁹ *Mouriscada* – dança dramática que simulava o combate entre mouros e cristãos.

¹⁰ *Fandango* – dança que, em Portugal e Espanha, é caracterizada por movimentos vivos e agitados, e acompanhada de sapateado ou castanholas.

¹¹ *Cante jondo* – (canto fundo) símbolo musical da cultura andalusina, exprimindo-lhe o que de mais profundo encerra o espírito.

¹² *Sulamiyya* – música dos *sufis*, que inclui o canto, desempenhando papel importante na formação dos membros.

¹³ *Sufis* – seguidores do *sufismo*, movimento espiritual, místico e ascético do Islão, doutrina esotérica surgida no séc. VIII.

¹⁴ *Al-Uriani* – místico islâmico da cidade portuguesa de Loulé, no Algarve. Usava como abrigo a copa de uma figueira.

¹⁵ *Al-Martulí* – natural de Mértola, Algarve, viveu sessenta anos recolhido no eremitério da mesquita sevilhana de Arradi, exercendo grande influência sobre a sociedade andalusina.

¹⁶ *Ibn Qasî* – místico sufi, natural de Silves (uma das duas capitais islâmicas do Algarve), governador de Mértola e Silves, assinou com Afonso Henriques (primeiro rei de Portugal) um tratado de paz.

¹⁷ *Ziryab* – músico e cantor iraquiano da corte do emirado de Córdova no Al-Andalus. Fundou um conservatório de música e introduziu a quinta corda no alaúde. Interessado em culinária e etiqueta, recomendava que cada refeição deveria começar com uma sopa, seguida de um prato de peixe ou carne, e terminar com uma sobremesa.

Castelo de Silves: muralha e uma das torres

rocentrismos ou quaisquer outros centrismos porque, em boa verdade, o centro está em toda a parte.

Devemos, como portugueses, e para utilizar uma expressão de García Gómez, ser capazes de “digerir a nossa História”, ao encontro dos factos e, também, dos mitos, porque eles são suporte das civilizações.

Charles de Gaulle recebendo um dia um embaixador da Síria disse-lhe: “conheço-vos as areias e os sonhos”. É essa a percepção visionária que esperamos dos governantes, num momento da História em que os irmãos árabes precisam da nossa solidariedade. Eles são mensageiros de uma parte do nosso passado.

Deixaram-nos, entre tantas dádivas, a laranja perfumada (fruto e nome) e de nós levaram *Bortuqal* para designar o mesmo pomo. Parece uma justa retribuição neste comércio de afectos.

Há um poema de amor de al-Mu'tamid Ibn 'Abbâd, que verti em português, e que é, talvez, o maior dom do *Gharb al-Andalus*, à literatura árabe, já que tais versos do célebre rei-poeta de Portugal ornamentam *As Mil e Uma Noites* (*Alf Leila wa Leila*).

A amada, neste contexto, bem pode simbolizar a cultura árabe a cuja beleza a cultura portuguesa, afinal, ainda rescende e que não pode ser ocultada.

Diz ele:

*Por receio de quem espia
com muita inveja a roer
ela não veio nesse dia,
p'ra assim traída não ser
p'la luz que do rosto esplende,
p'las jóias a tilintar,
e pelo perfume de âmbar
a que o corpo lhe rescende:
é que ao rosto, com o manto,
tapá-lo 'inda poderia,
e as jóias, entretanto,
facilmente as tirarwia,
mas a fragrância do encanto
p'ra ocultá-la, que faria?*

ADALBERTO ALVES

Advogado, escritor, poeta e ensaísta orientalista português
Presidente do Centro de Estudos Luso-Árabes de Silves
Prémio Sharjah para a Cultura Árabe 2008/Unesco
*Capítulo de Portugal – *ecos de um passado árabe*. Instituto Camões, Lisboa, 1999

O LIVRO DO MUNDO

MARCO LUCCHESI

O árabe é uma das línguas mais belas. Uma das portas do sagrado. Fogo primordial. Tempo Forte. Tempo Mítico. Para Massignon, o árabe não sofre a anemia das línguas modernas. Sua estratégia é outra. Não se utiliza de períodos amplos e hierarquizados. Subordinadas de Subordinadas. Conjunções gradativas, o árabe coagula e condensa, com a força do ferro e o brilho do cristal, a idéia que emerge do Sagrado.

Minha paixão começou pela caligrafia. Linhas. Pontos. Corpo esbelto. Cortante. As altitudes do *alif* e as profundezas do *nun*. O árabe é uma pele que reveste a nudez antediluviana da palavra, com tecidos finos, como a renda; transparentes, como a seda; ásperos, como a pele de camelo; cortantes, como a espada; ou sinuosos, como os rios.



O amor entende todas as línguas.
Caligrafia de Hassan Massoudy

E as letras são vasallos da revelação. Estrelas em órbitas de fogo, consoantes em chamas, altas e indecifráveis, que aos poucos se agregam umas às outras – formando sistemas estelares –, a seguir o rumo dos astros, do oriente ao ocidente. Deus é o Calígrafo do Universo. E bem se utiliza da letra *nun*, fonte da tinta celestial. O mundo originou-se das letras. Do *kaf* surgiu uma vasta nebulosa, de que emergiram astros e galáxias. Depois disso, Deus escreveu os anjos. O amor entre os homens. As leis da gravitação universal. Auroras e ocasos.

Deus escreveu nossa vida. Amores. Saudades.

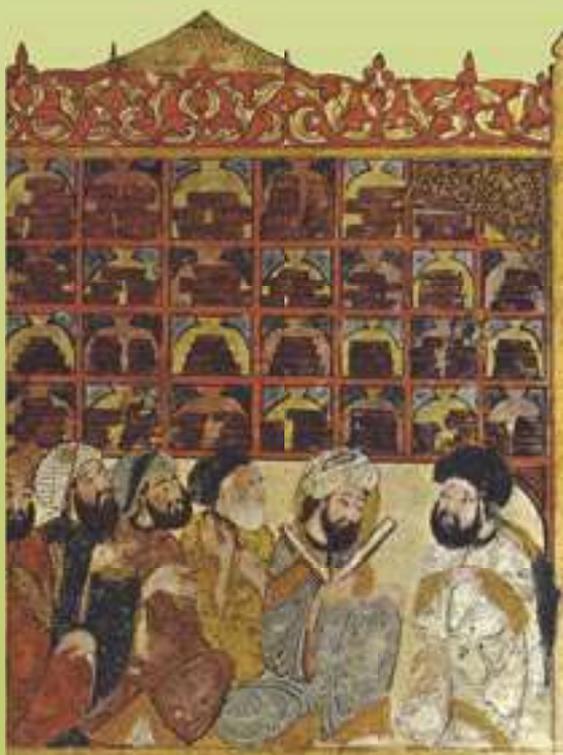
Somos uma página divina: o *nun* dos cílios, o *sim* dos dentes e o abraço dos amantes, como um *lamalif*. Para alguns poetas da Pérsia, o pescoço é um *dal* e, a cabeça um *vau*, a boca um *mim*, e os olhos um *sad*. Como se houvesse um pitagorismo das letras, assim como o poeta Khliébnikov entrevia pequenos números formando homens, árvores, animais. O mundo e o alfabeto coincidem, na trama das letras, que formam, sozinhas, tigres, rostos e pássaros. Deus é o primeiro poeta a redigir o livro do mundo.

Mas, como lembram os místicos, as letras não existem: o que realmente existe não é senão a tinta, única realidade que se automodifica. As letras não passam de fenômeno, sinais da superfície, simples, variação da tinta. Para Ibn Arabi, não passávamos de letras sublimes, ainda não pronunciadas, nos céus metafísicos. Desprovidos de singularidade, flutuávamos na tinta primordial. Hoje somos letra. Amanhã voltaremos à origem. De modo que poderemos dizer

Sou-te
És-me
E o negro da tinta. E o branco da página.

MARCO LUCCHESI

Poeta, ensaísta e tradutor
Professor de Literatura Comparada da UFRJ
Autor, entre outros, de *Poemas à noite* (Topbooks),
O sorriso do caos e *Bizâncio* (Record)
* *In Os olhos do deserto* (Record).



Biblioteca da mesquita, il. de al-Wasiti in *Maqamat* de al-Hariri, Bagdá, Iraque, 1237. Biblioteca Nacional de Paris

Filólogos brasileiros de origem árabe

VALTER KEHDI

Na impossibilidade de elencarmos um número apreciável de filólogos brasileiros de origem árabe, em virtude das limitações de um artigo de extensão média, optamos pela seleção de alguns, o que nos permite também apresentá-los com maior desenvolvimento.

No terreno dos estudos linguístico-gramaticais, destaca-se a figura de Manuel Said Ali Ida (1861-1953). Merece especial menção a *Gramática histórica da língua portuguesa*¹ (1931), não só pela exposição detalhada dos fatos morfológicos e sintáticos da língua, como também pelas influências que exerceu nos filólogos mais jovens. É um dos primeiros a contrapor os enfoques sincrônico e diacrônico em morfologia; leiam-se, a respeito, as suas ponderações sobre a formação de alguns vocábulos, como *esquecer*, *receber* e *rapidamente*. São também muito atuais as considerações que tece sobre os tempos compostos com os auxiliares *ter* e *haver*, o que o leva à conclusão correta de que as formas compostas constituem um subsistema específico, a ser contraposto ao dos tempos simples correspondentes. Em sintaxe, atento às armadilhas que um enfoque predominantemente psicológico ou lógico possa trazer, estabelece como bom ponto de partida o exame das combinações de palavras. Como também valoriza as alterações semânticas nos processos históricos, acaba, dessa forma, evitando as limitações do formalismo a que o conduziria inevitavelmente a fixação exclusiva nas combinações vocabulares. Exemplos ilustrativos dessa postura temos no estudo que realiza relativamente a alguns conectivos, como, p. ex., *contudo*, *embora* e *porém*.



Manuel Said Ali Ida - Acervo ABL

Referência especial cabe ainda às *Dificuldades da língua portuguesa*² (1908), com quatro reedições acrescidas. Dos doze ensaios que compõem a obra, destaque-se, particularmente, “O infinitivo pessoal”, em que, contrapondo-se ao dogmatismo de Soares Barbosa, expõe, com rigor e clareza, as regras relativas ao uso dos infinitivos flexionado e não flexionado. Ressalte-se que, no tocante aos usos do

infinitivo, nossas gramáticas mais recentes se mantêm fiéis à posição de Said Ali. Mencione-se, ainda, outro capítulo das *Dificuldades*, “O futuro”, em que o autor discute o caráter modal das formas verbais em *-ria* e defende, como básico, o seu valor temporal. A rigor, a discussão em torno do caráter modal ou temporal dessas formas verbais já vinha sendo explorado, de longa data, no francês e no espanhol; embora o ensaio de Said Ali seja mais tardio, com relação a esse tema, é pioneiro no mundo lusófono. Lembre-se que J. Mattoso Câmara Jr. publica, em 1956, a obra *Uma forma verbal portuguesa*³, em que avança muito mais no desenvolvimento desse tema, assinalando sempre que seu ponto de partida é o estudo de Said Ali.

Discípulo de Said Ali, Evanildo Bechara é autor, entre outras obras, da *Moderna gramática portuguesa*⁴, atualmente a mais divulgada entre nós. A 37.^a edição dessa gramática (a rigor, a segunda; as 36 anteriores são apenas novas tiragens da primeira, de 1961) contém numerosos acréscimos e alterações. Fixando-nos na parte da Sintaxe, cabe res-

saltar que o autor, apoiado na sintaxe funcional de Eugenio Coseriu, chama a atenção para as quatro propriedades dos estratos de estruturação gramatical: a superordenação (hipertaxe), a subordinação (hipotaxe), a coordenação (parataxe) e a substituição (antitaxe). Temos, aí, o eixo articulador de todas as considerações sintáticas propostas pelo autor. Um veio de pesquisa interessante para o leitor arguto seria rastrear, também, a influência das noções sintáticas de Said Ali sobre a obra de E. Bechara; a título de exemplo, lembremos o conceito de “anexo predicativo”, proposto por Said Ali e retomado, com maior desenvolvimento, na *Moderna gramática portuguesa*.

Não podemos, também, deixar de fazer referência a

dois filólogos de grande importância: Rosário Farâni Mansur Guérios e Adriano da Gama Kury. O primeiro é autor de uma excelente gramática histórica – *Pontos de gramática histórica portuguesa*⁵, cuja primeira edição, de 1937, contém um capítulo original e sugestivo, intitulado “Estudo elementar de fonética histórica tupi-portuguesa”, lamentavelmente excluído na segunda edição, de 1942.

Adriano da Gama Kury, entre outras obras, é autor da *Pequena gramática para a explicação da nova nomenclatura gramatical*⁶, em que explicita e comenta a Nomenclatura Gramatical Brasileira (de apresentação esquemática). Não menos importantes são as suas *Novas lições de análise sintática*⁷; aqui, atém-se às noções básicas concernentes aos períodos simples e composto, oferecendo, assim, ao



Evanildo Bechara – Acervo ABL

leitor um quadro geral, em que não faltam sugestivos comentários críticos.

No campo da lexicografia, destacam-se as figuras de Antônio Houaiss e Miguel Nimer. O primeiro é responsável pela elaboração do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*⁸, lançado em 2001, e que se distingue de outras publicações do gênero pela preocupação com a data-

ção dos verbetes, bem como das respectivas variantes. Dessa forma, foi possível partir da acepção mais antiga da palavra para as mais recentes, ou seja, privilegiou-se a ordem cronológica na apresentação dos diferentes sentidos. Esses dados são completados com a informação etimológica, além dos esclarecimentos relativos ao uso das palavras, sinônimos, antônimos, coletivos, notas gramaticais, estruturação morfemática, especificação do registro, entre outros.

Finalmente, referência especial cabe também às *Influências orientais na língua portuguesa*⁹, publicação de 1942, com reedição de 2005, da autoria de Miguel Nimer. Os verbetes estruturam-se com base em considerações etimológicas, morfológicas, fonéticas e semânticas, destacando-se, assim, de obras congêneres.

Referências

¹ ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965.

² _____. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.

³ CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Uma forma verbal portuguesa*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1956.

⁴ BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 1985.

⁵ GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Pontos de gramática histórica portuguesa*. São Paulo, Saraiva, 1937; 2. ed.: 1942.

⁶ KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática para a explicação da nova nomenclatura gramatical*. 11. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1968.

⁷ _____. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo, Ática, 1985.

⁸ HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

⁹ NIMER, Miguel. *Influências orientais na língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, EDUSP, 2005.



Antônio Houaiss – Acervo ABL

VALTER KEHDI

Livre-docente em Língua Portuguesa
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

A imigração árabe no Brasil: presença antiga e relações atuais

PAULO DANIEL ELIAS FARAH

Atualmente, vivem no Brasil cerca de 12 milhões de árabes e descendentes. A maioria deles é formada por libaneses (cerca de 8 milhões, que representam o dobro da população do Líbano) e sírios. Mas essa presença é antiga, remonta ao tempo em que o Brasil ainda era um império. Na segunda metade do século XIX, milhares de sírios, libaneses e palestinos começaram a migrar para o continente americano, principalmente para o Brasil, a Argentina, o Chile, a Colômbia e os Estados Unidos.

No início da migração, esses árabes viviam em uma região controlada pelo Império Otomano, e a denominação de “turco”, que alguns brasileiros utilizam quando se referem aos árabes, vem dos passaportes que portavam.

Ao contrário dos europeus, os primeiros árabes chegaram de forma espontânea, sem respaldo de contratos de trabalho ou ajuda de acordos oficiais. Os motivos que os levaram a deixar sua terra natal variam de acordo com a época. Entre 1860 e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), conflitos locais, massacres de minorias religiosas da região (em especial, cristãos maronitas, melquitas e ortodoxos – ramos do cristianismo comuns no Oriente Médio) e o crescimento demográfico da região representam fatores importantes.

Nessa época, a grande maioria dos imigrantes árabes que chegaram ao continente americano, e ao Brasil especificamente, era cristã embora houvesse, em menor quantidade, muçulmanos e judeus. Ainda hoje há uma diversidade religiosa muito grande no Oriente Médio; são monoteístas (acreditam em único Deus) de diversas religiões e denominações.

As dificuldades no transporte marítimo provocadas pela Primeira Guerra e as promessas de in-



Monumento à amizade sírio-libanesa, Praça Ragueb Chohfi, São Paulo

dependência no Oriente Médio (que se revelaram falsas mais tarde) reduziram temporariamente as correntes migratórias. Com o fim da Primeira Guerra e a derrota do Império Otomano, parte dos imigrantes retornou a seu país, mas muitos ficaram, e outros vieram.

De 1918 a 1945, o desemprego crescente, a crise nas pequenas indústrias locais e o crescimento demográfico foram alguns dos motivos que levaram os árabes a migrar, mas a principal razão foi a ocupação francesa e britânica da região. Em seguida, a ocupação crescente da Palestina e os conflitos no Líbano na segunda metade do século XX ampliaram a migração.

O livro *Hayāt thā'ir: hayāt almu'allif khilāl thamānīna 'āmmān, tariq tawīl kulluhu Ashwāk* (*A vida de um revolucionário: a vida do autor durante 80 anos, um longo caminho repleto de espinhos*)¹, de Said Chuqayr, relata a trajetória do autor e parte da história da migração árabe.

A obra ilustra o mecanismo da cadeia migratória árabe e da inserção social: os contatos pessoais, a comunicação e a ajuda entre as famílias, os amigos e os compatriotas das duas sociedades – a da partida e a da acolhida –, fatores fundamentais para determinar quem emigraria, qual seria seu destino e, por vezes, onde trabalharia. De qualquer modo, ainda se sabe pouco sobre essa migração para o Brasil; escasseiam os estudos sobre o tema.

A cultura em língua árabe floresceu na diáspora americana, sobretudo no Brasil, nos Estados Unidos e na Argentina. Em 1895, iniciou-se a publicação de jornais árabes no Brasil: *Alfaḡyāh* (*O liberal*), em Campinas, e *Albarāzīl* (*Brasil*), em Santos. No continente americano, circulavam centenas de periódicos entre 1900 e 1914.



D. Pedro II atraiu árabes ao Brasil

Muitos brasileiros desconhecem que D. Pedro II era grande admirador da cultura árabe e que tinha conhecimentos desse idioma. Em visita ao Oriente Médio, em 1876, chegou ao Líbano em navio brasileiro. Os jornais noticiaram a visita, revelando o que poucos sabiam: não só os Estados Unidos ficavam na América, o Brasil também... Assim, a ação do Imperador deu início às migrações do Oriente Médio, inclusive de cristãos, perseguidos pelos turcos otomanos em fins do séc. XIX.

A imprensa árabe no Brasil foi fundamental para o nascimento da poesia árabe moderna. Era instrumento de debate e divulgação de idéias estéticas, culturais, científicas e políticas. A produção intelectual e literária dos árabes em solo brasileiro foi tão intensa que seus inúmeros jornais e revistas literárias, de altíssimo nível, contavam com correspondentes em todo o Brasil e na América do Sul.

Desde o início do século XX, começou a surgir na América do Norte e na América Latina um movimento que revolucionou toda a literatura árabe, denominado *Mahja*². O exílio mostrava ser revigorante.

Literatos árabes que viviam nas Américas (sobretudo em São Paulo e Nova Iorque) criaram importantes obras de prosa e poesia que serviram de modelo aos autores árabes no Oriente Médio e ajudaram a revitalizar essa literatura. Entre os escritores, destacam-se Jubran Khalil Jubran³ e Mikhail Na'ima, nos Estados Unidos, e Chafiq Maluf, Ilyas Farhat e Rashid Salim Khuri (apelidado de "*axxá'ir alqarawi*", o poeta camponês), no Brasil.

Em busca da troca de experiências, fundaram-se diversos círculos literários: *Arrábita al-qalamiyya* (Liga de Escritores ou Liga Literária), em Nova Iorque, em 20 de abril de 1920; *Al'usba Al'andalusiyya* (Associação ou Liga Andaluza), em São Paulo, em janeiro de 1933; *Annadwa al'adabiyya* (Círculo Literário), em Buenos Aires, no final de 1947; *Annadwa al'adabiyya* (Círculo Literário), em Santiago, em 29 de junho de 1955. As escolas poéticas vinculadas a esses grupos foram comparadas às de Bagdá e da Andaluzia.

Na primeira metade do século XX, os escritores árabes do *Mahjar* inovaram a temática da poesia árabe e questionaram as formas fixas e a métrica da *qasida* (a poesia árabe tradicional). Entre as características dessa literatura do

Mahjar, estão ainda: a nostalgia do lar abandonado, a criação de metros e formas estróficas novas, como o poema em prosa (*xi'r manthúr*) e a "poesia sussurrada" (*xi'r mahmús*) – que puseram fim ao tom declamatório anterior –, um sentimento profundo pela Natureza e metáforas revigoradas.

RELAÇÃO ATUAL

"Eu me chamo Silva. Meu médico se chama Khalil. Meu cirurgião se chama Cuttait. Meu hospital é o Sírio-Libanês. Para mostrar minha admiração [pelos árabes], assisti ao sacrifício de um cordeiro, comi coração e bebi áraque... E não sei se já não havia um libanês infiltrado no navio de Cabral." A declaração foi pronunciada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em março de 2005, em São Paulo (durante uma comemoração vinculada à imigração libanesa), diante de 129 políticos brasileiros, além de autoridades religiosas e líderes empresariais.

Ao falar de sua relação com os árabes, o presidente afirmou: "Não podemos aceitar uma visão distorcida sobre os povos do Oriente Médio que se alimenta de ignorância e preconceito. O Brasil, dentro de suas possibilidades, tem buscado mudar isso; os árabes foram os pais da primeira onda de globalização, que aproximou o Ocidente do Oriente".

Observa-se no discurso a constatação de uma presença árabe expressiva no país e o reforço de uma aproximação do governo brasileiro com países árabes.

Hoje em dia, no Líbano, há ruas e avenidas com nomes brasileiros. Na cidade de Zahle, de onde vieram muitos árabes para o Brasil, uma das principais avenidas se chama Avenida Brasil. O português é a quarta língua mais falada, após o árabe (idioma oficial), o francês e o inglês. No Brasil, há escolas, templos religiosos, clubes, círculos literários e centros culturais (como a Biblioteca América do Sul-Países Árabes: www.bibliaspa.com.br) que promovem a aproximação entre as duas regiões.

Referências

Ver CHUQAIR, S., 1993, *Hayāt thā'ir: hayāt almu'allif khilāl thamānina 'āmmān, tariq tawīl kulluhu Ashwāk*, São Paulo, [s.n.].

² *Mahjar* significa, literalmente, "lugar da migração". Em geral, refere-se à literatura escrita no continente americano, sobretudo nos Estados Unidos, no Brasil e na Argentina.

³ Autor de "*O Profeta*" e "*Asas partidas*", entre outros livros. Na obra *Muqaddima lixi'r al'arabi* (*Introdução à poesia árabe*), Adonis afirma que "com Jubran começa a poesia árabe a visão que aspira a mudar o mundo (...) com ele começa a poesia árabe moderna (...). Jubran não foi apenas o primeiro reformador na poesia árabe. Além disso, ele foi o primeiro modelo para o poeta e a poesia criativa em seu sentido moderno". Ver ADONIS, 1979, *Muqaddima lixi'r al'arabi*, Beirute, Dār al'awda, pp. 79-82.

PAULO DANIEL ELIAS FARAH

Professor na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
Tradutor de obras do árabe, persa, francês, inglês e alemão
Autor, entre outros, de *O Islã e Glossário de termos islâmicos*

OS MALÊS

negros mulçumanos no Brasil

ANTONIO OLINTO

Nascido em Meca, em 570 da era cristã, Maomé foi considerado o terceiro grande profeta a pregar a palavra sagrada, na linha iniciada por Moisés (judaísmo) e seguida por Jesus Cristo (cristianismo). Aos 25 anos casou-se com uma viúva rica de 40 anos – Khadija. Dedicou, desde então, sua vida à meditação, retirando-se todos os anos para o monte Ramadan a fim de meditar.

Em 610, Maomé comunicou aos seguidores que recebera do arcanjo Gabriel mensagens divinas. Ao pregar a nova fé, baseada nas mensagens, o profeta e seguidores foram hostilizados pelos habitantes de Meca e fugiram para Medina, de onde voltaram para conquistar aquela cidade.

Os seguidores de Maomé reuniram as mensagens no Corão, livro sagrado da nova religião, que determinava leis morais sobre todos os assuntos, de heranças a orações, e que o adepto deveria rezar cinco vezes por dia, voltado para Meca, onde peregrinaria pelo menos uma vez na vida.

A religião de Maomé atraiu habitantes da África negra, como os hauçás no Norte da Nigéria e grandes populações no Senegal, na Guiné, no Mali, na Libéria, em Gana, no Togo, em Zanzibar, sem contar os habitantes da região Mediterrânea do Norte da África.

O Islamismo não dominou a África inteira porque seus adeptos o expandiam viajando a cavalo. Na Nigéria, por exemplo, o Islã dominou o norte do país, onde viviam os hauçás. Mas ao invadirem o sul, nas regiões florestais, os cavalos eram atacados por moscas tsé-tsé e morriam. Assim, nestas regiões, iorubás e igbos mantiveram suas religiões ancestrais.

Foto: John W. Freire



Máscaras malês de hauçás, do norte da Nigéria. Coleção do autor

Quando os portugueses no Brasil, os espanhóis no resto da América e os ingleses na América do Norte precisaram de mão de obra, recorreram ao comércio de escravos negros da África e, entre eles, vieram maometanos.

No Brasil os negros islamizados, de etnias hauçá e nagô, do grupo linguístico iorubá, eram denominados “malês”, corruptela de imalê – “mulçumano”. Eles foram levados principalmente para a Bahia, mas se isolaram dos escravos de Angola e

Moçambique, não maometanos. A maioria dos iorubás e ewes, analfabetos, seguiam, ocultamente, a religião de seus antepassados, cultuando os Orixás e dançando para eles.

O que diferenciava os malês dos demais escravos era falarem árabe e, em geral, saberem ler e escrever, sentindo-se superiores aos que desconheciam os ensinamentos de Maomé.

Nessa época, metade da população de Salvador era de negros escravos ou libertos, das mais variadas culturas e procedências inclusive a islâmica, como hauçás e nagôs. Como a maioria deles era de “negros de ganho” (escravos alugados para tarefas diversas, mediante pagamento de diárias aos seus senhores), tinham mais liberdade que os das fazendas, circulando pela cidade, embora tratados com desprezo e violência.

Depois de algum tempo no Brasil, os adeptos do Islã, cientes de sua superioridade sobre os demais escravos, rebelaram-se contra a escravidão e a imposição do catolicismo. Eles ansiavam pela liberdade de todos escravos e por uma sociedade sem escravos, na Bahia.

Liderados por Manuel Calafate, Aprígio, Pai Inácio, Ahuma, Luís Sandim, entre outros, protagonizaram a Revolta dos Malês, que abalou Salvador em 25 de janeiro em 1835. Ela es-

Tem influência árabe até no samba

Poucos sabem que a presença árabe é sentida até numa criação genuinamente nacional – o samba.

Ele se originou nas batucadas nos morros do Rio de Janeiro, no início do século XX, com instrumentos de percussão africanos e um de origem árabe: o adufe. Semelhante ao pandeiro, era hexagonal e sem platinelas, ajudou a criar a batida rítmica do samba, e contribuiu para sua marcação “diferente” em escolas tradicionais, como a Portela. Quem afirma é João Baptista de Medeiros Vargens, professor de árabe do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autor, com Carlos Monte, de *A Velha Guarda da Portela* (Manati, 2001).

Ele revela que o adufe, embora nunca lembrado pelo nome, aparece nos relatos de veteranos da Portela e do cantor e compositor Paulinho da Viola. A marcação rítmica com o adufe ajudava a dar marca especial à Portela, reconhecida imediatamente pelo público quando a escola entrava na avenida, “pelo menos até meados dos anos 1970”.

Não há estudos sobre a presença de descendentes árabes nos morros cariocas, porque são poucos os registros sobre essa população e o próprio samba, embora as letras de Aniceto (de Meneses e Silva Júnior), um dos fundadores do Império Serrano e compositor da Portela, morto em 1993, se refiram aos “mussurumins”, corruptela de muçulmanos, esta uma das pista sobre a convergência das culturas árabe e dos sambistas.



Em *Islamismo e Negritude – da África ao Brasil, da Idade Média aos nossos dias* (UFRJ, 1982), João Baptista e Nei Lopes afirmam que o primeiro contato dos brasileiros com a cultura islâmica ocorreu através dos escravos muçulmanos e não dos imigrantes árabes – aqui chegados em fins do século 19 e oriundos principalmente da Síria e do Líbano, com formação principalmente cristã.

O Islamismo teve papel importante na “aglutinação e resistência” dos negros escravos no Brasil. “Esse Islamismo (...) no Brasil sofreu, é claro, ainda outras influências, recebendo os nomes de ‘religião dos alufás’, e culto ‘mussurumin’, ‘muçulmi’ ou ‘malê’ – nomes pelos quais eram conhecidos os negros islamizados. Foi esse Islamismo que criou a mítica do negro altivo, insolente, insubmisso e revoltoso (...)”, diz o livro.

Parte deles, após a perseguição policial aos revoltosos no Levante dos Malês, migrou provavelmente para o Rio de Janeiro. Quanto às ligações com o samba e a cultura dos morros cariocas, há indícios e “muito para ser estudado”. Mais investimentos em pesquisa seguramente revelarão ligações mais íntimas – e surpreendentes – entre as duas culturas.

Extraído de matéria de Paula Quental para a Agência de Notícias Brasil-Árabe:

www.anba.com.br, *in* www.hipermeios.com.br

tourou numa batalha em praça pública, seguida de invasão à Câmara Municipal, onde estava preso Pacífico Licutan, um dos mais populares líderes malês.

Os detalhes da revolta e da luta ultrapassam descrições literárias. Na realidade, também mulheres negras participaram dela e dezenas morreram. Mães com filhos e aquelas que os haviam perdido constituíram um lado inesperado na revolta, independentemente da interpretação política da luta. Dentre elas, Luiza Mahin, africana livre da nação nagô, e mãe do abolicionista Luiz Gama – que dela herdou o caráter indômito e apaixonado –, tomou parte ativa nessa e na insurreição baiana de 1837, sendo deportada. Assim, os malês, em inferioridade numérica e de armamentos, foram derrotados pela Guarda Nacional, pela polícia e por civis armados, apavorados ante a possibilidade do sucesso da rebelião.

Acham alguns analistas da escravidão no Brasil que a Revolta dos Malês teve um papel relevante, juntamente com outras anteriores, como a de Zumbi, na abolição da escravatura.

Os acontecimentos de 1835 não costumam ser apresentados em livros de História, apesar de sua importância. O que houve naquele janeiro do século XIX mereceria maior divulgação, em textos que analisassem a expansão da religião maometana que, depois de dominar grande parte da África, chegou também, através dos malês, neste lado do Atlântico.

Quando o adepto de Maomé foi escravizado e trazido para o Brasil, aqui não havia, até então, escravos de cultura letrada e acostumados a lutar, considerando essa luta como de origem divina. Apesar da derrota, os malês demonstraram o potencial de contestação ao regime escravocrata, evidenciando, por outro lado, que um povo letrado tem melhores condições de se associar e defender seu direito de liberdade e de crença.

ANTONIO OLINTO

Escritor

Membro da Academia Brasileira de Letras

Autor da trilogia africana *Casa da água, O rei de Keto e Trono de vidro* (Ed. Record)

AL-KHAT

E A PALAVRA NA ARTE ÁRABE-ISLÂMICA*

AIDA RAMEZÁ HANANIA

A sacralidade da língua árabe, como meio de propagação da Palavra, dá-se inicialmente na escrita, enquanto a língua oral permite uma manifestação no tempo do Texto Eterno. O próprio Alcorão confere à escrita e à caligrafia (em árabe expressas significativamente pela mesma e única palavra *khat*) a máxima dimensão hierática, sobrelevando o cálam que as produz, como em 96, 3-5: “Recita! Teu Senhor é o Generosíssimo que ensinou o uso do cálam, ensinou ao homem o que ele não sabia”.

Por manter viva a Palavra, é o cálam o instrumento de Deus, e como tal, convoca à máxima reverência. Assim se inicia a sura denominada *O Cálam* (68,1), em que Deus jura pelo cálam: “Pelo cálam e pelo que escrevem!”

A Caligrafia define-se por um dinamismo grafofônico, na medida em que é *escrita* para ser *ouvida* no silêncio da fé que leva ao Islão. É poesia para ser vista, contemplada, pela harmoniosa concepção do signo como unidade estética. Capaz de abarcar pelo conteúdo e pela forma, a mensagem enviada por Deus, encontra, na mesquita, seu lugar natural.

“A mesquita – não há altares, não há imagens, mas há letras árabes em toda parte. Esses sinais, curiosamente revoltos e cursivos aparecem pintados e esculpidos nas paredes, tecidos nos tapetes e nos medalhões que pendem do teto. A letra árabe é a razão de ser da mesquita. Por ser uma casa da escrita, é a mesquita uma casa de Deus. A mesquita é uma casa de leitura, porque leitura é prece”¹.

Expandindo ao fiel, o caminho da ascese, a palavra escrita e recitada convoca-o pela fé, pela razão e pela emoção, permitindo-lhe o encantamento e, quicá, o encaicho paroxístico do Absoluto.

Exercendo as funções iconográfica e ornamental, a caligrafia busca – pelo ritmo e pela cadência; pelo sentido e pela forma hierática – conferir ao ambiente sagrado do muçulmano uma dimensão imponente de inteligência e beleza, adequada ao encontro com Deus.

Ritmo e cadência obtidos pela repetição das letras, das palavras, das frases, pela repetição que é o arabesco, muitas vezes associado à caligrafia.

É interessante destacar aqui, a observação de T. Burckhardt: “Nas inscrições sagradas, as letras árabes se combinam naturalmente com arabescos, especialmente com motivos vegetais, os quais se colocam, assim, em estreita relação com o simbolismo asiático da árvore do mundo; as folhas desta árvore correspondem às palavras do Livro Sagrado.”²

Dada sua estatura religiosa e considerando sua infinita gama de qualidades estético-estilísticas, a



Não será a bondade a recompensa da bondade?
(Alcorão 55,60) – Caligrafia de Hassan Massoudy

Caligrafia não se restringe apenas à mesquita: faz parte do ambiente didático da madrassa³; entra na composição decorativa da cerâmica, da tapeçaria e de mosaicos; alça-se aos cimos de monumentos e palácios; chega às tumbas; adquire, por vezes, no entanto, o caráter documental de uma época, pela celebração de nomes e de feitos de governantes; integra pergaminhos e livros científicos e literários, participando, assim, de instâncias que a fazem penetrar também no domínio do profano.

O renomado calígrafo Hassan Massoudy⁴ chega a afirmar que “em nenhuma tradição a letra esteve tão intimamente misturada ao cenário da vida”⁵.

Das artes visuais do Islão, é a Caligrafia a mais nobre. É a de fundamento e concepção mais peculiares. Está longe de ser uma arte em substituição à imagem, esta mal vista por um Islão em que o combate ao politeísmo e ao totemismo é um ponto fulcral de doutrina. A Caligrafia é antes uma arte em que a letra – o signo – se faz imagem. Para além de seu significado hierático adquirido a partir do Islão, as razões de valorização do signo encontram-se na mais longínqua Arábia pré-islâmica.

Impõe-se aqui, o percurso que leva de volta à realidade primeira do homem árabe, ao nomadismo, ao âmago da Península que proporciona a intimidade com o deserto. Deserto que parece ser o manancial do questionamento e da resposta; da angústia; do sofrimento; da coragem, mas também da beleza; sobretudo por ser o mentor do encontro do homem consigo mesmo, sem outra mediação, a não ser a do silêncio que, eloquentemente, o povoa.

Nesse mundo de ausência, de vital impacto com seu ser mais íntimo, a gente do deserto previne-se contra tudo o que, de certa maneira, se liga ao mundo do visível, preferindo a visão interior à representação clara e manifesta.

Com efeito, num mundo habitado por miragens, a imagem ganha contorno de mentira, de fantasia; não

tem significado real. É o deserto, o mundo do invisível; e, principalmente, um mundo sônico.

Os meios de expressão artística, já na primitiva realidade árabe, são, compreensivelmente, a música e a poesia: duas vertentes essenciais que procedem do espírito e a ele retornam, suprimindo a necessidade de beleza e de ligação com o mundo de que todo homem não prescindir; o errante em particular.

A palavra avulta em importância por materializar a poesia que se mistura ao canto e com ele frequentemente se identifica.

Ligado muito mais ao tempo que ao espaço, o homem do deserto aproxima-se da realidade por meio de signos abstratos que se traduzem, desde sempre, na forma de dizer, de escrever e de entoar...

O agudo senso rítmico, típico do nômade – que se manifesta na marcha, na dança, na música – encontra sua expressão mais justa na prosódia árabe, chegando à retórica e à poesia, através de uma expansão de pensamento que adquire precisão por meio de paralelismos e inversões de raciocínio estritamente interligados.

Não raro, as comparações e imagens de que se vale o Alcorão para fixar preceitos correspondem a



Creio na religião do amor, para onde se dirigem suas caravanas, pois o amor é minha religião e minha fé. (Ibn-Arabi, séc. XIII) Caligrafia de Hassan Massoudy

esses elementos familiares ao povo árabe.

Tomemos, para exemplo, a Sura 24, versículo 39, em que os empreendimentos dos infiéis são comparados à miragem (*kassaráb*): “As obras dos infiéis são como miragem no deserto: o muito sedento pensa que é água, até que lá chegando, não encontra nada”.

Por outro lado, “que é, de início, o próprio Alcorão – indaga Massoudy – senão uma música, um discurso cadenciado, destinado a ser aprendido de cor, quer dizer, conforme o ritmo do coração que bate, o ritmo dos passos do caminhante ou de sua montaria?...”⁶.

Pode-se dizer que o Alcorão tem uma “ossatura árabe”, tanto no que se refere à matéria simbólica de seu conteúdo, quanto à de sua forma. A massa conceitual parece moldar-se pelo cotidiano, pela língua e

pela mentalidade do árabe/beduíno.

A forma de expressão cifrada – e a caligrafia é, por excelência, comunicação cifrada – ainda que lembre a poética, remete a uma ancestralidade semítica, evidente já no dizer do apóstolo Paulo, quando afirma que os semitas buscam sinais (*ayyát*), contrapondo-se aos gregos que pedem sabedoria de argumentação racional (I Cor 1, 22).

Alcorão em língua portuguesa



O mais significativo dos inúmeros trabalhos realizados ou coordenados pelo Prof. Dr. Helmi Nasr, em prol da Cultura Árabe, é a monumental tradução do Alcorão para o português, primeira e única a partir do original árabe.

Inserida no projeto do Ministério dos Assuntos Islâmicos da Arábia Saudita, visando traduzir o sentido do Alcorão para todas as línguas, foi oficializada para os países lusófonos, com tiragem inicial de um milhão de exemplares,

pelo *Complexo do Rei Fahd para impressão do Alcorão Nobre*, em Medina, 2005, e distribuída no Brasil pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira.

Nasr é Professor Titular e introdutor dos Estudos Árabes na FFLCH/USP, de onde se licenciou por quatro anos das atividades acadêmicas, nos quais desenvolveu contínuo trabalho, liderando equipe especializada.

A tradução mereceu meticulosa revisão bilíngue e exegética da Liga Islâmica Mundial em Meca, que, após quinze anos, a aprovou, autorizando a publicação.

Referências

¹ Na inspirada formulação de V. Flusser, em seu artigo “Ex Oriente Lux”, citado por Lauand, L. Jean. – “Escrita e Caligrafia Árabes – A arte de H. Massoudy” na *Revista de Estudos Árabes*, Ano I, n.º 2, Centro de Estudos Árabes, DLO/FFLCHUSP, 1993, p. 31.

² *Sacred Art in East an West*, Middlesex, G. Britain, Perennial Books, 1967, p. 116.

³ Em árabe, “escola”, sobretudo no sentido da escola agregada à mesquita, preocupada com o estudo alcorânico.

⁴ Hassan Massoudy, nascido no Iraque em 1944, na histórica Najef, berço da escrita, cercanias do Eufrates, que, segundo o autor, “É um lugar onde a caligrafia sempre floresceu: a Mesopotâmia, terra de água apertada entre dois desertos, famosa pela qualidade de seus caniços...”

⁵ Hassan Massoudy, *Le Chemin d'un Calligraphe*, Paris, Phébus, 1991, p. 11.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 10. Note-se que o artista, no original francês, joga com o duplo sentido de *coeur* em *par coeur* e *coeur qui bat* (acumulação semântica que se dá também no nosso *de cor*, embora para nós menos evidente). O artista imprime assim como que um ritmo a sua própria expressão.

AIDA RAMEZÁ HANANIA

Professora Titular de Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP

Autora de *A Caligrafia Árabe*, Martins Fontes, 2000

Tradutora de *Discurso Decisivo* (original árabe), de Averróis, Martins Fontes, 2005

*Publicado na revista *Mirandum*, Ano VIII, n.º 15, 2004

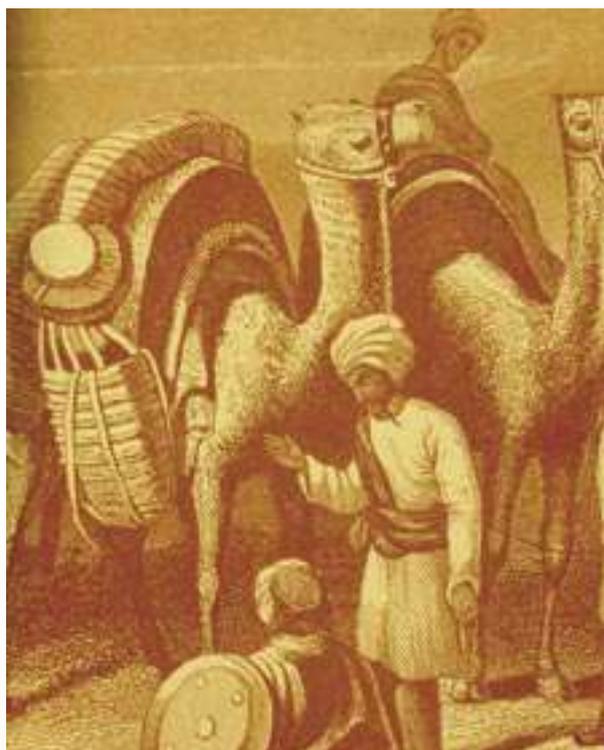
<http://www.hottopos.com/mirand15/>

AS ESPECIARIAS DO ORIENTE MÉDIO*

ROSA NEPOMUCENO

Os Jardins Suspensos da Babilônia, criados por volta de 580 a.C., na então próspera região meridional da Mesopotâmia, atual Iraque, e onde vicejavam árvores de flores e frutos, vinhedos, roseirais, plantas raras das mais diversas procedências, ervas como anis, alecrim e funcho, açafão, bulbos e especiarias asiáticas, não poderiam ter sido feitos em outro lugar. (...) Sua situação geográfica excepcional, compondo a extensa região do Oriente Médio então chamada Crescente Fértil, em forma de meia-lua, abrangia também a costa onde hoje se localizam Líbano, Síria e Israel, e avançava em direção à Pérsia, atual Irã. Era, portanto, o ponto natural de confluência de culturas, passagem obrigatória dos mercadores nas rotas comerciais terrestres entre o mundo de cá e o de lá. Além disso, ela própria um celeiro de espécies aromáticas, habitada por povos que marcaram profundamente a história da humanidade, domínio de impérios poderosos e antiquíssimos – o assírio, o babilônico, o persa, o árabe. O Oriente Médio é o coração do mundo das especiarias.

A região entre os mares Egeu e Negro – que chamamos Oriente Próximo – foi, durante séculos, dominado pelos fenícios, os ingleses da Antiguidade, geniais navegadores e comerciantes. Os bizantinos, herdeiros do Império Romano, estabelecidos estrategicamente à beira do Mediterrâneo oriental e do mar Negro, nas antigas Trácia e Anatólia, atual Turquia, tiveram papel importante na ligação entre Oriente e Ocidente. Nas vizinhanças do mar Vermelho, do golfo Pérsico e do mar da Arábia, estabeleceram-se os árabes, bem no centro do tabuleiro, instalados entre três continentes. Foram, por mais tempo e de forma mais obstinada ainda do que seus antecessores, os grandes articuladores do fantástico jogo comercial entre os dois mundos. Hábeis negociantes, gente forte



*Mercadores árabes de especiarias**

cheirando a alho e a cebola para se protegerem de doenças, lançaram-se por terra e mar às riquezas da Pérsia, da Índia, da China, do Japão e da Indonésia. Só perderam em ousadia e determinação para os fenícios, que se aventuraram pelos mares cerca de 24 séculos antes de Cristo e que ainda nos surpreendem pelo tanto que navegaram e pelos lugares que alcançaram.

(...) Contam as lendas, deixaram sua marca nos misteriosos sinais da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro. Dá para duvidar? (...) Guardavam segredo absoluto de suas rotas, seus conhecimentos de ventos e correntezas, seus pontos de comércio no Oriente, com o tempo desvendados por outros navegadores, inspirando as viagens árabes e depois as dos europeus.

O INCRÍVEL POVO DE SIMBAD

A incrível aventura árabe pelo mundo mistura ficção e realidade, tendo se desenrolado em tempos remotos, muito antes da Guerra Santa à qual se lançaram para expandir a doutrina de Maomé, a partir de sua morte, em 632 d.C. Os povos do deserto estabeleceram longa conexão entre a península da Arábia, o Oriente, o Mediterrâneo e a África oriental, fincando as bases do futuro império muçulmano, que engloba atualmente cerca de vinte



países. Há relatos de que, em 800 a.C., tenham ancorado na China e nas ilhas Molucas, lá no meio da Indonésia. Na volta, os produtos adquiridos na base de trocas eram negociados nos postos norte-africanos. Durante muitos séculos, fizeram crer que as riquezas vinham de casa, da Arábia, nunca revelando sua origem nem as longas viagens para buscá-las.

(...) Foram extraordinários divulgadores de sua própria cultura, difundindo, por exemplo, os algarismos criados por eles, a bússola e o astrolábio e, claro, sua forma de comer e suas crenças. Por outro lado, interessaram-se profundamente pelos mais diversos aspectos das culturas estrangeiras. Avicena e Averroes foram grandes filósofos e médicos muçulmanos influenciados pelas ideias de Aristóteles. A Averroes deve-se, já no século XI da nossa era, a recuperação da obra deste que foi um dos maiores pensadores gregos, e que estava esquecida na Europa. A partir de sua tradução para o árabe foi vertida, na Espanha, para o latim, e assim redescoberta e novamente estudada no Ocidente.

Ultrapassando portais invisíveis, por terra ou mar, em direção ao Oriente, os mercados chegavam aos reinos das pedras preciosas e das sedas, do arroz e do chá preto, das tintas para tecido e do açúcar da cana, e das chamadas grandes especiarias, a pimenta-do-reino, o cravo e a canela. Como moeda de troca, levavam ervas, como a menta, a sálvia e a manjerona, sal, azeites, cominhos; e coentros, açafres, pimentas, bálsamos, incensos, jóias, linhos, lãs, ouros, vidros, pratos, estanhos e corais, produtos babilônios, egípcios, africanos, europeus, persas e árabes. Por terra, as caravanas venciam lentamente desertos, montanhas e planaltos, desde o sul da Arábia, passando pelo Egito e pela Terra Santa, daí para os desertos do Iraque e da Síria, em direção à Pérsia, tomando a chamada Rota da Seda, alinhavada até o nordeste da China, à cidade de Changan.

(...) No século VIII, os árabes já haviam plantado cana-de-açúcar no norte da África, Egito, ilha de Creta, Sicília e Espanha. Já haviam hasteado suas bandeiras nos picos das montanhas de cravo, nas ilhas indonésias, e de canela, na ponta do Ceilão.

No século X, Constantinopla, capital do Império Bizantino,

hoje Istambul, criava dificuldades, por terra, ao trânsito árabe. Isto, entretanto, não impedia este povo de, nos seus navios, chegar aonde bem queria. Os mares estavam à sua frente, oferecendo vários caminhos. O de Omã virou mar da Arábia, tal o seu domínio sobre estas águas. Pelo mar Vermelho, atravessando o golfo Pérsico, navegavam em linha reta até Calicute, o mais importante posto comercial do Oriente, na costa do Malabar, sul da Índia, hoje estado de Kerala. Em 1453, após a conquista de Constantinopla, os turcos bloquearam de vez o acesso por ali e os árabes perderam o domínio do comércio no Mediterrâneo. Mesmo tendo que dividir com outros o grande negócio das especiarias, não deixaram de ser as grandes estrelas desse emocionante espetáculo.

Não poderia ser de outra nacionalidade o marujo mercador que povoou as histórias infantis: Simbad, com seu turbante esvoaçante. (...)

SABORES E CHEIROS

Se o Oriente Próximo e o Médio confluíram e irradiaram costumes, sua comida é uma rica mistura de sabores e aromas que só perde para a Índia em exuberância. Das ervas estrangeiras aí aculturadas, a hortelã, por exemplo, é quase sagrada para os árabes. (...) As folhinhas frescas nos quibes crus têm necessária função vermífuga. A salsinha é muitíssimo apreciada e não falta à pasta de *hummus*, feita de grão-de-bico e óleo de gergelim. Alhos, cebolas, azeites, cominhos e coentros, sempre nos pratos. Verduras, berinjelas, carnes de carneiro, cabra, pato, leites, iogurte, mel, azeitonas, grão-de-bico, trigo, arroz, pães, doces, frutas frescas e secas – pêssegos, ameixas, damascos, tâmaras, avelãs, pistaches, amêndoas – são os alimentos básicos dessa cozinha que se manteve imune a modismos culinários, com receitas tradicionais que juntaram a simplicidade do modo de comer do povo do deserto e o frescor dos alimentos dos agricultores palestinos à sofisticação dos pratos dos príncipes persas, que criaram iguarias com arroz, pato, amêndoas e frutas frescas, condimentados com especiarias da Índia e da China, como cardamomo, cúrcuma e gengibre.

Os persas eram *gourmets* e gostavam de luxo também à mesa: cobertos de seda e jóias, espiavam o mundo do alto de seus



tapetes voadores e, a perder de vista, não vislumbravam jardins mais belos do que os seus, onde cultivavam as ervas que serviam à arte culinária e à medicina. O fácil acesso às especiarias revestiu seus pratos de múltiplos aromas, como, por exemplo, o arroz com cardamomo, cravo, cominho e canela-cássia e o *khoresh*, cordeiro em molho espesso e acre-doce de especiarias. A prosperidade turca, por sua vez, inspirou a extravagante doçaria de toda a região, à base de pastas e tortas recobertas de mel e açúcar, com frutas secas condimentadas com cardamomo e regadas a água de flores – um luxo! Sementes de nigela, cominho, coentro e papoula polvilham pães e tortas.

Na cozinha do Oriente Médio, além dessas sementes, algumas plantas nativas ganharam *status* especial na gastronomia: a echalota, pequena cebola da Palestina, tão apreciada pelos franceses, e as bagas vermelhas, meio ácidas e picantes do *sumac*, colhidas de uma árvore do Líbano e vizinhanças, que são transformadas em pó para temperar pratos salgados. As folhas do *zahtar* dão nome a uma mistura típica da Jordânia e da Turquia que chegou ao norte da África, na qual elas entram secas, com o gergelim, o *sumac*, o hissopo e o tomilho – tudo moído.

Entre a Pérsia e o Afeganistão brotou um funcho gigante do qual se extrai uma resina infalível nos pratos orientais, considerada afrodisíaca e rejuvenescedora – especiaria mágica, portanto: a asa-fétida. (...) Com sabor entre o alho e a cebola, é uma das mais aromáticas que existem, comum na comida indiana, nos peixes, molhos e legumes. (...)

É provável que a região do Irã seja também uma das pátrias do aneto, cujas sementinhas transitam muito bem dos doces aos salgados, das receitas asiáticas às europeias. Do mar da Arábia são as sementes quadradinhas do feno-grego, outra preciosidade pouco conhecida dos brasileiros, embora encontrada nas boas lojas de temperos. Ela é a responsável, com todas as honras, pelo sabor e aroma típicos do *curry* – sim, senhorita! O *curry* não chei-



Flor de açafrão

raria maravilhosamente a *curry*, se não fosse pelo feno-grego. O cálamo, do mar Negro, é raiz de um arbusto que se espalhou pela Ásia e Europa. Seca e transformada em pó, tem sabor adocicado e quente, com uso semelhante ao da canela.

A MAIS CARA, A MAIS BELA

Isso não é tudo: o caviar dos temperos, o açafrão, brotou provavelmente entre Turquia e Pérsia, à porta do Oriente Médio, de onde saiu para ganhar as mesas mais sofisticadas da Antiguidade e dos nossos tempos. Nasceu caro, difícil de ser obtido. Suas florezinhas produzem aquele estigma fininho, levíssimo, vermelho-alaranjado, que tingem deste tom tudo o que simplesmente tocar: pratos, dedos, roupas, beijos. Sua reputação afrodisíaca vem de longe, sustentada por egípcios, fenícios, gregos, romanos, árabes. Não há por que duvidar. Foi o tempero favorito dos fenícios, que o levaram para todo canto e, provavelmente, para a Espanha, bem antes dos árabes. Os espanhóis, maiores produtores e exportadores da especiaria, o amaram desde que o conheceram e não deixa de ser nostálgico o fato de terem tido que optar, hoje, por outros vermelhos para as suas receitas, os colorantes alimentares à base de farinha de milho, que não têm gosto de nada, e os *pimentóns*, como chamam a páprica.

(...) Os franceses advertem: o açafrão de Bourbon ou o açafrão verde, encontrados nos seus mercados, não passam de pó de cúrcuma, bem amarelo, barato até mesmo no Brasil, que o cultivava com sucesso como açafrão-da-terra. Como saber qual é o *fake*? Difícil dizer. O mais seguro é comprar os fiozinhos em vez do pó, em bons estabelecimentos. (...)

A fértil região do portal das especiarias é o berço de outras flores belas e ricas em essências aromáticas. As rosas, de tantos poderes e significados, as preferidas de Afrodite, símbolos do amor, presentes de Eros ao deus do silêncio, surgiram na Pérsia. Pontificaram nos seus jardins, nos unguentos balsâmicos, nos rituais mágicos e terapêuticos e na culinária. Espalharam-se pela Turquia, Síria, Europa oriental, Índia e China através dos nômades árabes. Segundo as lendas do povo do deserto, quan-



Ramo de sálvia

do Maomé foi levado aos céus, uma gota de seu suor caiu na terra, transformando-se na flor.

Ao descobrir o processo de destilação, no século X, Avicena aplicou-o às flores e assim obteve o óleo das pétalas de rosa. A partir daí, fez a água de flores, que se tornaria condimento apreciadíssimo em toda a região. Com ela, especialmente turcos e libaneses sofisticaram sua culinária – mais que tudo, os doces. A água de rosas ou *maé wared*, encontrada no mercado internacional como *maward*, entra, por exemplo, no *rahat loukoum*, feito com calda de açúcar, maizena e pistaches, assado e comido frio em pedaços polvilhados de açúcar. A água de *azahar*, da flor da laranjeira, árvore nativa da Ásia oriental, é exportada como *maé zahar* ou *mazaher* e condimenta bebidas refrescantes e saladas, além dos doces. O jasmim, de inebriante perfume, florindo da Pérsia à China, aromatiza arroz, chás e, claro, doces – para acompanhar o café forte dos árabes perfumado sutilmente com sementes de cardamomo e servido em pequenas taças, delicadeza que os amantes desta bebida devem provar.

MAIS PRECIOSIDADES, MAIS TEMPEROS

O funcho, que não tem parentesco algum com a espécie gigante, da asa-fétida, e ainda a alcarávia, a manjerona e o cerefólio, condimentos já nossos conhecidos, surgiram também no lado oriental do Mediterrâneo. Obra da natureza ou de gente, quem sabe? A magnífica árvore do zimbro, sob cuja copa o profeta Elias descansou, nos seus retiros pelas vizinhanças do monte Carmelo, na Palestina, em 850 a.C., antes de subir aos céus numa carruagem de fogo, chegou ali, ao nascer das culturas. A lenda conferiu à planta poder de favorecer a meditação, estado que pode levar os mais dedicados ao céu da paz interior. (...)

Na antessala da Índia, a culinária da região misturou soberbamente, espécies da Ásia tropical como cardamomo, cúrcuma, gengibre e gergelim, criando temperos e pastas. Além do *zahtar*, o *zhug*, por exemplo, é uma invenção iêmen feita com cardamomo e cominho moídos, alho e pimentas, tempero

de sopas e cozidos. *Tahina* ou *tahine* é preparado com azeite e gergelim. Quando misturado ao grão-de-bico amassado, ao suco do limão, ao alho e à salsinha, tem-se uma entrada famosa, o *hummus bi tahine*, sucesso dos restaurantes árabes, passado no pão. As perfumadíssimas *masalas* indianas estão nas cozinhas do Oriente Médio, conjugando cominhos, cravos, canelas, cardamomos, pimentas e noz-moscada. A tal pimenta síria, que conhecemos, baga marrom, durinha e esférica, com aroma e sabor que remetem ao de várias especiarias, de síria não tem nada. É a excêntrica pimenta-da-jamaica, que ganhou usos na culinária oriental. No Brasil, usufrui, com o falso nome, do prestígio de uma região especialíssima na arte de criar pequenas mágicas do paladar. Uma delas é o *dukkah* mistura das sementes de coentro, cominho e gergelim com avelãs, tudo tostado e moído com sal, que é polvilhada sobre os pães regados com azeite – dá para fazer em casa.

Possivelmente na Turquia brotaram os olivais, daí se espalhando por toda a região mediterrânea e pelo Crescente Fértil, estendendo-se até a Grécia, há duzentos mil anos ou em tempos ainda mais remotos. De qualquer forma, as versões dão sustentação à lenda grega de Atenas e, ao mesmo tempo, explicam os restos fossilizados da árvore encontrados na região das antigas Trácia e Anatólia. As azeitonas pretas, verdes ou arroxeadas, grandes ou pequenas, gordinhas ou afiladas, guardam, em sua essência, o óleo da longevidade, que cura, unta, perfuma, alimenta e enobrece a refeição. Os árabes o batizaram de *az zait*, sumo de azeitona.

A oliveira ganhou sólida reputação de trazer bons augúrios: com um raminho no bico, a pomba trouxe a Noé a prova de que havia terra seca onde sua família, os bichos e as plantas, abrigados na Arca, poderiam, enfim, repovoar o mundo. Este pedaço de chão onde tudo recomençaria era o monte Ararat, entre Turquia, Rússia e Irã, treze mil anos antes de Cristo, não muito distante de onde homem e mulher surgiram na face da Terra, nos fantásticos jardins do Éden povoados de flores, frutas, plantas aromáticas – até mesmo a cebola, segundo alguns livros –, às margens do rio Tigre. O mundo, portanto, na ótica cristã, começou na Mesopotâmia, onde a oliveira provavelmente surgiu, na aurora dos tempos, presente divino destinado a trazer muitos benefícios aos homens.

ROSA NEPOMUCENO

Jornalista, escritora

Consultora de gastronomia, condimentos e azeites

* Extraído do seu livro *Viagem ao fabuloso mundo das especiarias* (ed. José Olympio)





Tom Jobim e a Poesia Árabe*

JEAN LAUAND E AIDA RAMEZÁ HANANIA

Inexplicavelmente, a genialidade de Tom Jobim continua sempre mais reconhecida no exterior do que entre nós, brasileiros, que, afinal, estaríamos em melhores condições de apreciar a beleza de suas canções, por exemplo no que se refere à concatenação melodia/letra.

Nesse sentido, muito aquém do que exigiria a magnitude do fato foi a divulgação, entre nós, de sua recente consagração como compositor nos EUA ao ingressar no *Hall of Fame*, ao lado de outros imortais como Gershwin ou Porter. Afinal, ele é o autor estrangeiro mais tocado nos EUA¹; diversas de suas canções ultrapassaram um milhão de execuções e foram interpretadas por Ella Fitzgerald, Sinatra, Nat King Cole, Sarah Vaughn e outros.

O brilho de suas composições musicais não deve ofuscar o talento do poeta. Neste artigo, analisaremos um aspecto da mais original de suas canções, *Águas de Março*, que, no certo juízo do renomado crítico americano Leonard Feather, é uma das dez melhores canções de todos os tempos.

Grande e grandiosa, inquietante, *Águas de Março* soa aos nossos ouvidos, sempre de novo, como diz sua letra, como “um mistério profundo”. Parte desse mistério reside, talvez, no fato de a poesia de *Águas de Março* nos arrancar de nossos padrões usuais de pensamento ocidental e nos conduzir às formas de pensamento do Oriente, “lugar” por excelência do mistério.

Heidegger fala de um enclausuramento do ser humano, onde não só a linguagem está a serviço do pensamento, mas também ocorre o contrário. Pense-se, por exemplo, na linguagem-pensamento árabe onde, em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de *flashes*, em frases nominais provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta.

Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em *Águas de Março*: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...).

Naturalmente, a presença constante do verbo *ser* na letra de *Águas de Março* não invalida a semelhança com o caráter oriental do

pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois trata-se da forma fraca, descartável, desse verbo.

Aliás, a orientalização² chega ao extremo quando no final da canção, interpretada por Tom e Elis (Elis com riso mal contido), o verbo *ser* é suprimido e se diz simplesmente:

*Pau, pedra, fim caminho
Resto, toco, pouco sozinho
Caco, vidro, vida, sol
Noite, morte, laço, anzol*

Assim, não é surpreendente que encontremos na literatura árabe composições muito próximas do estilo da nossa *Águas de Março*.

A título de exemplo e comparação, volte-mo-nos para um dos primeiros monumentos da literatura árabe, escrito há cerca de 1500 anos. Trata-se de uma composição do orador e poeta Quss Ibn-Sa'idah em que, após uma descrição da grandiosidade do mundo, convida os de sua tribo a refletir sobre a transitória e efêmera condição humana (sujeita à sucessão de contingências: pau, pedra, fim do caminho, carro enguiçado, tijolo chegando, noite, morte...).

Uma tradução quase literal dessa composição (e razoavelmente ajustada à melodia³ de *Águas de Março*), na qual procuramos preservar

NOTAS

* Este texto – originalmente publicado no *Jornal da Tarde* em 17-8-91 – comemora também a Coleção Oriente & Ocidente, abrindo-a com o primeiro volume. A atualidade de “Águas de Março” é atestada pela indicação como a melhor canção brasileira em recente pesquisa da *Folha de São Paulo*.

¹ Exceção feita a Lennon-McCartney (“Aí não vale, diz jocosamente Tom, eles cantam em inglês”). As informações deste parágrafo e as do seguinte procedem da entrevista de Tom Jobim à *Revista do CD*, maio 1991.

² Orientalização que se realiza também pela evocação de semitismos, como nos versos: “É a chuva chovendo...”, “É o vento ventando...”.

³ Com a melodia correspondente aos seguintes versos:

*É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida é o sol
É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol
É peroba do campo, é o nó da madeira
Caingá, candeia, é o Matita Pereira
É madeira de vento, tombo da ribanceira
É um mistério profundo, é o queira ou não queira
É o vento ventando, é o fim da ladeira
É a viga, é o vão, festa da cumieira
É a chuva chovendo, é conversa ribeira
Das águas de março, é o fim da canseira*

⁴ Gente “vai” (*yadhabúna*), empregado poeticamente no sentido de “morre”.

o “sistema operacional” de pensamento e expressão árabe, soaria assim:

*Noite escura, um dia de paz
O céu, um assombro, espaços siderais
Estrelas brilhando, mares a se agitar
Montes assentados, terra a atapetar
O que vive, morrendo; o que morre, findando
Vai vir, virá, o a-passar, passará
No céu, sinais; na terra, lição
Causa, porquê, explicação
Gente vai ⁴ e não volta, qual a razão?
Sono profundo?, satisfação?
Onde nossos primeiros? onde pais e avós?
Onde o grande poder dos fortes faraós?*

Naturalmente, há, em rigor, muito mais uso de frases nominais do que a tradução comportaria. O árabe, ao invés de dizer, por exemplo, “Eu estou saindo ...” diz “Eu saínte...” (*Ana dhahib*); “Você já experimentou suco de goiaba?”, “Você experimentante...?” Assim, em vez de “estrelas brilhando” ou “mares que se agitam”, na verdade o que se diz é “estrelas protagonistas do ato de brilhar” (*nujúmun tazhar*) e “mares protagonistas do ato de se agitar” (*bihhárun tazkhar*) etc...

O texto original de Ibn-Sa'idah, com ligeiras reduções e adaptações, também pode ser cantado com a melodia de *Águas de Março*:

*La-y-lun daj ua naharun saj
Ua sama 'un dhatu abraaj
Ua nujúmun tazhar Ua jibalun mursáh
Ua bihharun tazkhar Ua arduun mudháh
Ma bal an-n-asi yadhabúna
Ma bal, ma bal hum la yarj'aúna?
Ínna fy assama'i lakhabara
Ua ínna fy-lardi la'ibara
Ayna-l-aaba'u? aaráddu faqámu?
Ayna-lfara'inatu? túriku fanámu?
Man 'aasha maat ua man maat faat
Ua kulun ma hwa aatin aat*

Se acrescentarmos ao poema árabe os “é” e “são” (ou se os suprimirmos de *Águas de Março*) torna-se evidente o caráter oriental das formas poéticas de Tom.

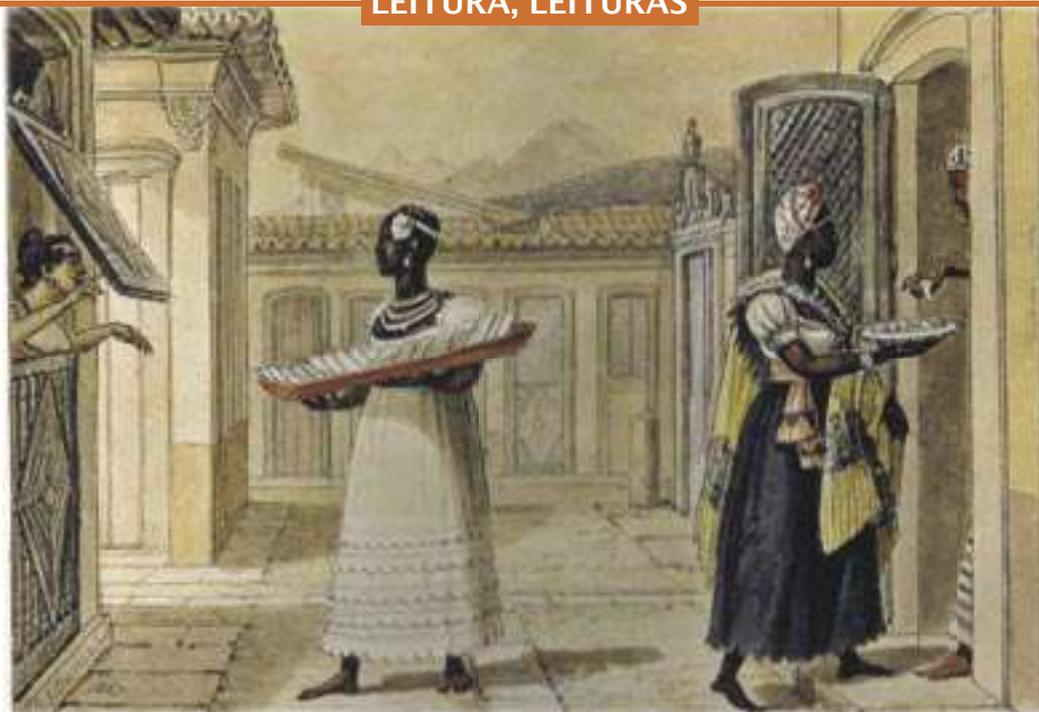
Águas de março, misteriosa canção, Oriente-Ocidente em estreita união.

JEAN LAUAND

Professor Titular da Faculdade de Educação da USP
Pesquisador Emérito do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto
Autor de *Cultura e Educação na Idade Média*, Ed. Martins Fontes

AIDA RAMEZÁ HANANIA

Professora Titular de Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP
Autora de *A Caligrafia Árabe*, Martins Fontes, 2000
Tradutora de *Discurso Decisivo* (original árabe), de Averróis, Martins Fontes, 2005



Gelosias em residências do Rio de Janeiro. Debret, 1826, Museu Castro Maya

Arquitetura no Brasil: influências árabes

MARIA LIGIA FORTES SANCHES

A influência árabe em nossa cultura surge muito antes da chegada dos portugueses ao Brasil. Por séculos, os árabes influenciaram a vida dos povos da Península Ibérica, ocorrendo intensa integração com seus habitantes. Os muçulmanos invadiram a península em 711, saíram de Portugal em 1139 e da Espanha em 1492.

Essa longa convivência justifica a receptividade que os árabes tiveram no Brasil, em fins do século XIX, como explica Gilberto Freyre, em *Casa-grande & senzala*: “Sangue e cultura que viriam ao Brasil, que explicam muito do que no brasileiro não é europeu, nem indígena, nem resultado do contato direto com a África negra através dos escravos. Que explicam o muito de mouro que persistiu na vida íntima do brasileiro através dos tempos coloniais. Que ainda hoje persiste até mesmo no tipo físico”. Na verdade, o português, amálgama do Oriente com o Ocidente, conseguiu criar uma cultura própria dos trópicos mantendo sua identidade original.

A arquitetura civil no Brasil Colonial possui elementos de característica muçulmana: portas e janelas verde-oliva, azul-celeste, ocre ou vermelho-chinês se destacavam sobre grossas paredes caiadas, às vezes matizadas de amarelo-pálido, vermelho-chinês, salmão ou cinza. O predomínio de espaços cheios sobre os vazios, muito comum na arquitetura mediterrânea, resguardava a intimidade familiar e proporcionava conforto térmico à edificação.

No Brasil Colônia, a clausura feminina se assemelhava à muçulmana, pois a circulação das mulheres se restringia a diminutos espaços, e sua comunicação

com a vida exterior se fazia por meio de portas conhecidas como *rótulas* ou *gelosias* (assim denominadas pela relação etimológica com *ciúme*) e dos *muxarabis* ou *muxarabiés* (balcões ou avarandados fechados) – usados na cultura árabe para resguardar as mulheres da visão alheia, permitindo, entretanto, que vissem o exterior. Isso possibilitava, ainda, regular a climatização e propiciar a ventilação natural dos espaços construídos, impedindo o excesso de luz e calor. Assim, recursos orientais criados para proteção contra o sol foram aqui incorporados: os raros vãos das fachadas recebiam treliças em madeira nas janelas em rótulas ou nos muxarabis.

Nas casas pobres, ao invés de *gelosias* de madeira nas portas e janelas usavam-se *urupemas*, esteiras de fibras vegetais empregadas nas Regiões Norte e Nordeste. Embora proveniente da experiência indígena tupi, assemelhavam-se às *adufas* árabes – anteparos moveis, de estreitas lâminas de madeira, dispostas horizontalmente, resguardando o interior da residência. No final do século XVIII, o Vice-Rei Marquês do Lavradio, exigiu que *urupemas* fossem substituídas por rótulas com fasquias de madeira.

As *adufas* árabes foram amplamente usadas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo até o início do século XIX. Com a chegada de D. João VI, sua utilização em casas urbanas foi proscrita. Para o governo, a rótula prejudicava a saúde pública, interceptando a circulação de ar e sombreando as edificações, sendo considerada, também, esteticamente depreciativa, remanescente de arquitetura ultrapassada, que retratava a falta de civilização de seus habitantes.

Entendia-se que a proibição era altamente civilizadora!

Os muxarabis, que avançavam sobre as estreitas ruas, foram proibidos, pois atravancavam o tráfego e criavam áreas sombreadas consideradas insalubres. Este desassombamento dos sobrados era impróprio às nossas condições climáticas e interrompia a saudável adaptação do homem ao trópico. Além disso, os muxarabis, aparentemente decorativos, emergiam em forte balanço das prumadas dos sobrados, integrando-se perfeitamente à composição arquitetônica, traduzindo a tradição luso-árabe.

A proibição se destinava aos sobrados, nos quais a utilização das rótulas era considerada incompatível com seu “porte nobre”. Nas casas térreas exigia-se que as rótulas não abrissem para a rua, atrapalhando a passagem de transeuntes e meios de transportes.

O prazo de oito dias para a substituição das rótulas por venezianas de madeira e vidro britânico – determinado em edital de 11 de junho de 1809, afixado nos quatro cantos da cidade do Rio de Janeiro –, foi estendido para seis meses aos muxarabis, que se transformariam em balcões abertos com grades de ferro ou madeira e balaústres torneados ou recortados, substituindo as fasquias de madeira.

As janelas de guilhotina, do início do século XIX, marcariam o declínio das adufas árabes na arquitetura civil doméstica brasileira. Acreditava-se, na época, que o desaparecimento das características orientais denotaria enobrecimento e europeização, vitória da cultura ocidental sobre a civilização brasileira.

No século XX, entretanto, o emprego das gelosias foi resgatado na arquitetura moderna, quando arquitetos brasileiros conseguiram conciliar a internacionalização do racionalismo com a linguagem nativista. A residência do Barão de Saavedra em Petrópolis, projetada por Lucio Costa, e a residência de Martin Holzmeister em São Conrado, projeto de Paulo Santos, exemplificam a interação do tradicional com o moderno, usando treliçado em madeira à moda árabe.

Os telhados de telha côncava, com fartos beirais, que nas fazendas coloniais propiciavam “ar preguiçoso”, esparramando-se sobre os alpendres das casas-grandes, recendiam a tendência mourisca. As telhas mouriscadas, em canal, eram fixadas com



Muxarabis numa residência em Diamantina, MG

argamassa e fragmentos de telha ou tijolos. A verdadeira função dos beirais das casas coloniais era afastar das fachadas a água derramada pelos telhados, mas suas dimensões eram insuficientes para protegê-las dos raios solares.

Despojadas das rótulas e dos muxarabis, muitas casas exibiam portentosas peças de madeira em balanço, que sustentavam as bacias dos balcões ou os beirais do telhado, conhecidas como *cachorros*, decorados à moda mourisca. Os telhados coloniais foram resgatados e se mantêm até hoje, pela estética e adequação ambiental, mantendo a interação entre passado e presente, tônica da linguagem arquitetônica moderna no Brasil.

A herança dos azulejos, caracteristicamente árabe e mourisca, estava ligada à vida familiar e à higiene

– a natureza do material mantinha o frescor e a limpeza. Originária de Portugal, por ascendência oriental, teve seu apogeu no Brasil durante os séculos XVII e XVIII, quando foram empregados tanto na arquitetura religiosa como na civil dos palácios, e nas bicas, fontes e nos chafarizes. A técnica mourisca de *embrechamento*, que consiste na incrustação de conchas e caramujos, pequenas pedras, cacos de porcelana ou de vidro na argamassa de cal de marisco ainda não curada, foi também muito utilizada no século XVIII para a decoração de chafarizes, grutas artificiais, pavilhões, muros e bancos de jardins em todo o Brasil.

O revestimento das fachadas de residências do Rio de Janeiro, de São Luís e de Recife com azulejos ornamentados à moda árabe ocorre no século XIX. As cúpulas de alguns templos brasileiros também receberam azulejaria, como as igrejas de Santa Luzia e de N. Sr.^a do Carmo, no Rio de Janeiro, e, segundo José Marianno Filho, “representavam um duplo compromisso de carácter muçulmano, quer no que respeita à forma propriamente dita, quer no que se refere ao revestimento de carácter decorativo.” (*sic*)

A técnica foi utilizada na arquitetura eclética, especialmente na neocolonial, embora depreciada pelos jovens arquitetos racionalistas, que a consideravam meramente decorativa. Ironicamente, o arquiteto Le Corbusier perceberia que ao caráter funcional da técnica de azulejaria se alinhavam possibilidades de expressão plástica e, deste modo, ela ajudaria os arquitetos brasileiros a solucionarem o impasse de conciliar a internacionali-



Azulejos em fachada. São Luís, MA

dade da arquitetura moderna com a regional – aparentemente antagônicas – para assegurar autenticidade e originalidade à arquitetura moderna no Brasil.

A integração entre essa arte e a arquitetura se exemplificam no edifício do Ministério da Educação (MEC) no Rio de Janeiro, projeto da equipe Lucio Costa; na Capela São Francisco de Assis, na Pampulha, Belo Horizonte, de Oscar Niemeyer, ambos com azulejos de Portinari; e na Escola Municipal Edmundo Bittencourt, no Conjunto do Pedregulho, no Rio, projeto de Affonso Eduardo Reidy, com azulejos de Burle Marx, Anísio Medeiros e Portinari.

Na segunda metade do século XIX, surge o Eclétismo Internacional, fruto do intercâmbio de influências culturais. Na arquitetura, sua tônica consistia na variedade de estilos, ditadas pela inspiração de outros países. É possível que a propensão pelos espécimes ecléticos de arquitetura mourisca tenha surgido da influência árabe na arquitetura colonial brasileira. Alguns exemplares resultavam na associação de diferentes estilos, como ocorreu com o edifício da Chácara ou Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro.

Considerado por Paulo Santos um dos primeiros exemplares ecléticos do século XIX o edifício, doado ao Regente por Elias Antonio Lopes, em 1808, sofreu diversas alterações. Segundo Debret, após restauração e acréscimos, em 1822, substituíram o estilo gótico por “estilo mais moderno, embora extravagante, pesadamente mourisco”.

Muitos edifícios ecléticos de estilo arábico-persa e mourisco se perderam ao longo do tempo, mas há remanescentes no Rio de Janeiro, como o Pavilhão Mourisco, edifício central do Conjunto Arquitetônico da Fundação Oswaldo Cruz, em Manguinhos. Projetado entre 1905 e 1908 pelo arquiteto Luiz Moraes Junior, a partir de croquis do médico sanitariano Oswaldo Cruz, o edifício foi concluído em 1918 e tombado pelo IPHAN em 1981. O sanitariano se inspirou no estilo neomourisco do Observatório Meteorológico de Montsouris de Paris e da mesquita de Berlim. A referência decorativa do Pavilhão é oriunda do Palácio de Alhambra, de Granada, sul da Espanha.

Interior e exteriormente, nele se ressalta a arte mourisca, pela rica decoração de estuques, vitrais, azulejos e mosaicos, que lembram tapetes orientais.

O Salão Mourisco do Palácio do Catete, Rio de Janeiro – ex-sede do go-



Corredor do Pavilhão Mourisco, Fiocruz, Rio de Janeiro

verno da República que abriga o Museu da República, tombado em 1938 pelo IPHAN, também exemplifica a influência árabe na nossa arquitetura. Destinado aos prazeres dos jogos e do fumo, para exclusivo uso masculino, é integralmente decorado com arcadas, mobiliários e ornamentos em estilo mourisco, numa alusão à analogia entre o Oriente e os prazeres mundanos.

Outro edifício neoslâmico no Rio foi o Café ou Pavilhão Mourisco, projetado pelo arquiteto espanhol Adolfo Morales de los Rios, na enseada de Botafogo. Em estrutura metálica, estilo neopersa, o Café era coroado por cinco cúpulas. Abrigou, na década de 1930, biblioteca infantil, por iniciativa de Cecília Meireles. Demolido em 1950, o nome *Mourisco* designa aquele trecho do bairro.

Do mesmo arquiteto é a Igreja do Imaculado Coração de Maria, no Méier, edificada entre 1909-29. Tem estilo moçárabe, inspirada na arquitetura mudéjar medieval da Espanha, destacada pelos tijolos aparentes nas fachadas, pelas torres serrilhadas e pela riqueza de ornamentos mouriscos.

Com inspiração árabe, na cidade de São Paulo destaca-se *O Palacete Rosa*, residência de Munira Jafet, filha de libaneses. A residência é ricamente ornamentada com arabescos e afrescos, e exibe vitrais da arte neomourisca, executados em fins do século XIX e início do XX. Restaurado o imóvel, foi tombado pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico.

Ainda em São Paulo, a residência

de Aguiar de Barros foi projetada pelo arquiteto Ramos de Azevedo e concluída por volta de 1895, em estilo mourisco até nos mosaicos do vestíbulo e na porta principal da residência. Outro projeto dele, em arquitetura mourisca, foi o Mercado Municipal de Campinas, de 1908.

Ao longo dos anos, a cultura árabe se disseminou em múltiplos segmentos da vida cultural brasileira e, como nos diz Gilberto Freyre, em *Sobrados e mocambos*, por meio das infiltrações “de paladar, de olfato, de traje, de formas de arquitetura, de moral e mesmo de estética”. Assim, como expressão cultural, nossa arquitetura revela quanto da influência árabe está enraizada no espírito e no caráter do povo brasileiro.



Residência de Aguiar de Barros: estudo para porta de entrada. Biblioteca FAU - USP

MARIA LIGIA FORTES SANCHES

Arquiteta-urbanista
Doutora em História pela PUC-Rio
Professora Associada FAU/UFRJ

A centenária biblioteca da Academia Brasileira de Letras

LUIZ ANTÔNIO DE SOUZA

Instalada no segundo andar do *Petit Trianon*, em três ambientes, guardando acervo bibliográfico, móveis de época, esculturas e quadros de grandes autores, a biblioteca da Academia Brasileira de Letras honra as tradições da casa que a abriga.

A ata de 28 de dezembro de 1896 registra a doação do livro que a originou: *Flor de Sangue*, romance de Valentim Magalhães. Mas passaram-se onze anos até sua instalação oficial, a 13 de novembro de 1905, proposta de Rodrigo Octavio, seu primeiro diretor, sob a presidência de Machado de Assis, com a missão de coletar, armazenar, conservar e divulgar a produção literária dos patronos, membros efetivos e sócios correspondentes da ABL. Em ata de 12 de setembro de 1907, por doações das livrarias Garnier e Laemmert, ela passa efetivamente a existir.

A Academia tem por fim o cultivo da língua e a literatura nacional, e em 2007 comemorou 110 anos, sob a presidência do Acadêmico Marcos Vilaça, pernambucano como Joaquim Nabuco, Secretário-geral à época da fundação. Criada para resguardar rico acervo, a biblioteca é o núcleo, o lócus que aglutina e consubstancia a condição para integrar aquela que é considerada uma das mais importantes instituições culturais brasileiras. Pelo Art. 2.º dos Estatutos da ABL: “Só podem ser membros efetivos da Academia [Acadêmico] os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário.”

De 1897 a 2008 elegeram-se 239 Acadêmicos, com 40 patronos. E se a produção literária de cada um compõe o cerne da biblioteca da ABL, a ela somam-se a de 122 escritores estrangeiros – sócios correspondentes –, com 20 patronos que contribuem para enriquecê-la e, por sua composição e história, constitui uma das mais significativas bibliotecas patrimoniais, singulares e fundamentais para estudo e resgate da história da literatura brasileira.

A biblioteca tem pelo menos uma obra dos patronos, membros efetivos e sócios correspondentes, destacando-se, dentre os patronos: Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, José de Alencar; dos fundadores: Aluisio Azevedo, Artur Azevedo, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Rui Barbosa. Dos patronos de sócios correspondentes: Antônio José da Silva – o Judeu, Matias Aires, Nuno Marques Pereira, Santa Rita Durão; e dos sócios pro-

priamente: Padre Serafim Leite, Eça de Queirós, Cândido de Figueiredo, Teófilo Braga, Roger Caillois e André Maurois.

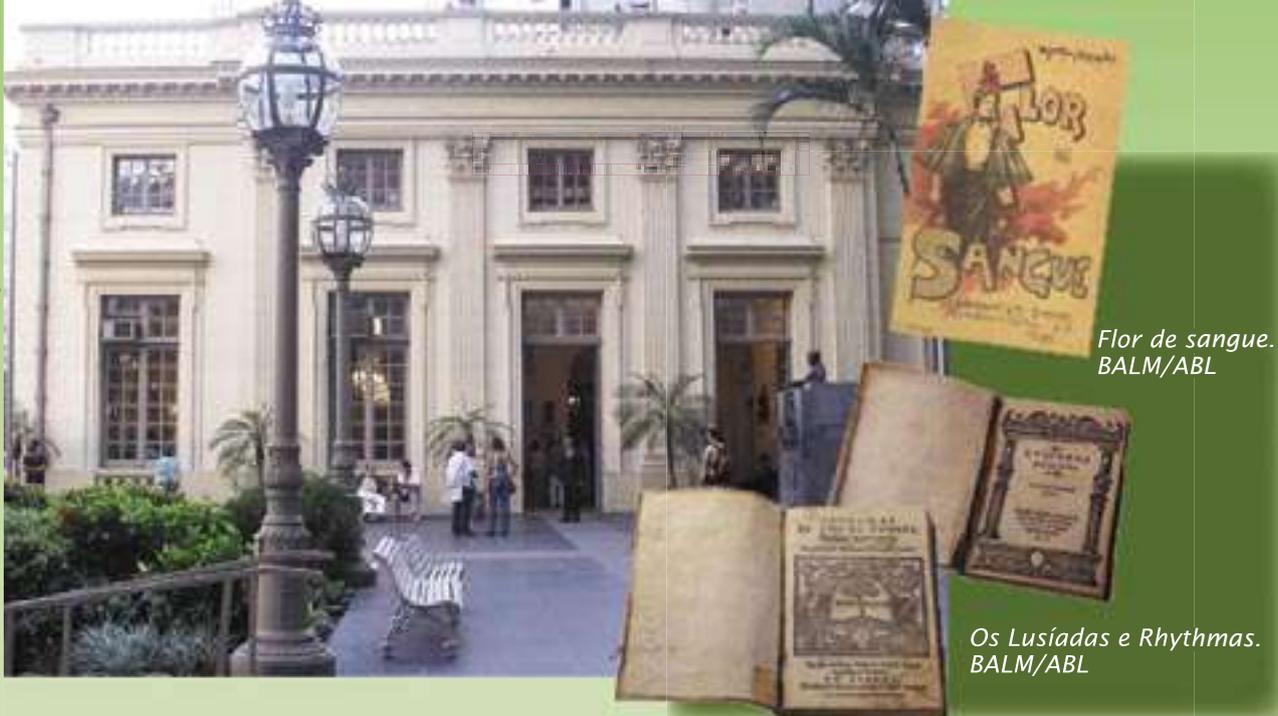
Desde sua fundação a ABL recebe doações de Acadêmicos, de personalidades do mundo literário e cultural e de bibliófilos. Como o acervo ultrapassou a capacidade de armazenamento da biblioteca, em 1999, na presidência do Acadêmico Arnaldo Niskier, decidiu-se criar a Biblioteca Rodolfo Garcia, por sugestão do Acadêmico Josué Montello. Na presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva foi construída. Em 22 de setembro de 2005 abriu-se ao público, na gestão do Acadêmico Ivan Junqueira, e do Diretor das Bibliotecas, Acadêmico Murilo Melo Filho.

Anteriormente, na presidência do Acadêmico Tarcísio Padilha e do secretário-geral Acadêmico Carlos Nejar, adequaram-se as condições ambientais e técnicas da centenária biblioteca, introduzindo novas tecnologias e intensificando-se a informatização do acervo. Sob novas condições foi reaberta ao público no dia 8 de novembro de 2001.

Em 2005, o Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs a atual denominação: Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça – BALM, em homenagem ao fundador da Academia Brasileira de Letras.

Depositária da coleção principal, ela reúne a produção literária dos membros, patronos e correspondentes e guarda: a Coleção Academia Brasileira – colige obras dos sócios correspondentes, publicações sobre a história da Academia e de seus membros; Coleções: Afrânio Peixoto (AP); Alberto de Oliveira (AO); Domício da Gama (DG); Luís de Camões (LC); Machado de Assis (MA); Manuel Bandeira (MB); Olavo Bilac (OB); Obras Raras (OR); Referência (R); e, as obras editadas pela Academia diretamente ou por co-edições.

Dentre as coleções, destacamos a Coleção Machado de Assis, que em 2008 fez 100 anos, pela importância do organizador e pelo que representa para a Academia. Foi legada à ABL pelo próprio, como relata Rodrigo Octavio. A documentação segue a ordem estabelecida por Jean-Michel Massa, que publicou o primeiro catálogo da coleção. A Coleção Alberto de Oliveira, com obras raras, anotadas de próprio punho, dá informações sobre o valor bibliográfico de cada livro e periódico do acervo. A Coleção Manuel Bandeira reflete suas atividades: poeta, e professor de literatura hispano-americana, com documentos que contemplam



Flor de sangue.
BALM/ABL

Os Lusíadas e Rhythmas.
BALM/ABL

escritores do México ao Chile. A integração latino-americana foi realizada bibliograficamente por Bandeira.

O acervo com 20.000 volumes provém de doações de colaboradores e da aquisições da Academia: destacam-se Valentim Magalhães (1859-1903), e o livreiro Francisco Alves, que em 1917 tornou a ABL sua herdeira, o que permitiu a aquisição de parte do seu patrimônio documental.

Valiosas contribuições integraram-se à biblioteca, por doações, destacando-se a dos Acadêmicos Lúcio de Mendonça, Salvador de Mendonça, Josué Montello, Sérgio Corrêa da Costa, Afonso Celso, Carlos Magalhães de Azeredo (Coleção Italiana), Celso Vieira; bem como coleções de Fernando Nery, Agliberto Xavier, Ari de Andrade, Arthur Vauthier, Franklin de Oliveira, Marcos Carneiro de Mendonça, Ricardo Xavier da Silveira e Silvio Neves, coleções hoje do acervo da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Cabe destacar a quantidade de cimélios e obras raras do acervo. Das obras raras, destacam-se: *Os Lusíadas e Rhythmas*, de Luís de Camões (1524?-1580), o primeiro impresso em Lisboa, por Antonio Gõçalvez, com duas edições de 1572, e o segundo por Manoel de Lyra, em Lisboa, 1595, quinze anos após a morte do poeta; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1839-1908), primeira obra que publicou após a fundação da ABL – na qual indica: “da Academia Brasileira”; *Utinensis In Librum Q. Horatii Flacci De. Arte poetica commentarius* de Francesco Luisini, (1523-1568), impressa por Paolo Manuzio (1512-1574), Veneza, 1554, doada em 1928, por Mário de Lima Barbosa; *Viola de Lereno Collecção das suas Cantigas Offerecidas aos seus Amigos de Calda Barbosa* (1740?-1800), dois volumes, Lisboa, Officina Nunesiana, em 1798; e o segundo volume publicado na Typografia Lacerdina, em 1826; *Vocabulário Portuguez Latino* de Raphael Bluteau (1638-1734), impresso por D. João V, em 1712, considerado o primeiro dicionário de língua portuguesa; além dos periódicos *Ostensor Brasileiro*; *Guanabara* – revista mensal, artística, científica e literária; e a *Revista Brasileira*, nas diferentes fases, e coleção completa da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, desde 1911,

um dos repertórios básicos para pesquisa histórica da literatura brasileira.

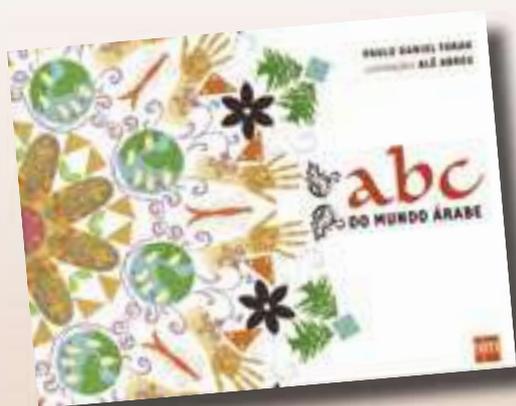
A singularidade da ABL é ainda maior pelo fato de ser, provavelmente, das poucas instituições no mundo, dentre as congêneres, a possuir biblioteca com estas finalidades; ademais, com acervo tão valioso, pois expressa a produção literária de povo tão rico como o brasileiro.

Outro fator que singulariza a BALM são seus usuários – ou seja, os Acadêmicos –, para os quais foi criada. O primeiro deles é Machado de Assis, que antes de ser o primeiro prosador da língua e o maior e mais completo homem de letras do Brasil, e o primeiro presidente da ABL, era também um grande consultente. Com Olavo Bilac iniciou-se a catalogação e Afrânio Peixoto, em 1923, a instalou no *Petit Trianon*. Ali, destacam-se, entre tantos ilustres usuários: Josué Montello e Raymundo Magalhães Júnior, que dedicaram parte de suas vidas à produção literária, mas, sobretudo, às pesquisas sobre a vida e obra de Machado de Assis, estudos que integram a BALM.

Por tudo quanto tem de singular, de público e de privado, a BALM não pode ser classificada nesta ou naquela categoria. Cabe dizer que ela se enquadra em muitas categorias: é biblioteca nacional, pois reúne o que de mais expressivo se publicou na literatura brasileira; é biblioteca especial, porque especial é o seu acervo; é biblioteca universitária, porque tem documentação básica demandada por pesquisadores e estudiosos da literatura brasileira; é biblioteca privada, pois pertence a instituição privada; mas é biblioteca pública, uma vez que dispõe, permite, possibilita e incentiva o acesso ao seu acervo. Resultado de processo harmônico e permanente, esse acervo representa a base intelectual do passado e do presente da Academia Brasileira de Letras.

LUÍZ ANTÔNIO DE SOUZA

Bibliotecário da UERJ e da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça - ABL



ABC do mundo árabe, de Paulo Daniel Farah, SM Editores, apresenta verbetes ilustrados sobre história, geografia, literatura, linguística, religião e economia dos países árabes, além de outros temas pouco debatidos como o que é ser árabe e qual a influência dessa comunidade na cultura brasileira. Embora muito citada no noticiário, é importante que crianças e jovens possam conhecê-la sem os preconceitos com que é, às vezes, tratada.

A obra ressalta os oito séculos de presença árabe na Península Ibérica, e sua influência na arquitetura, na língua, no vestuário, na culinária, além de outros aspectos. Ao chegarem imi-

ABC do mundo árabe

grados ao Brasil, a partir do século XIX, os árabes apresentavam documentos do Império Otomano, por isso a denominação genérica de “turcos”, embora não fossem nascidos na Turquia, país de maioria muçulmana, mas não árabe. O elemento fundamental desta cultura é o idioma árabe, no qual se expressaram inúmeros filósofos, médicos, matemáticos, prosadores e poetas.

Sobre o autor

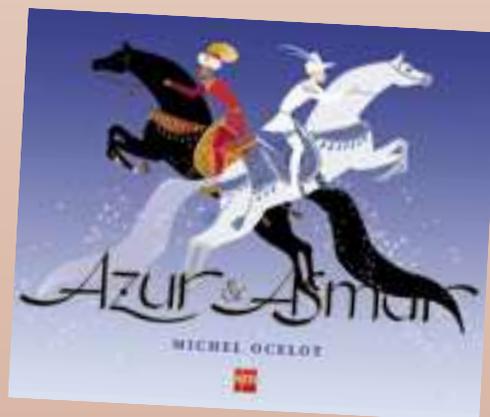
Paulo Daniel Farah é professor na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Morou no Oriente Médio e na África durante vários anos e edita a *Revista Fikr de Estudos Árabes, Africanos e Sul-Americanos*. Autor, entre outros, de *O Islã, Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e de maravilhoso* e de *Glossário de termos islâmicos*, e co-autor de *Por que nós brasileiros somos contra a guerra no Iraque* e *Diálogo América do Sul - países árabes*. Traduziu diversas obras do árabe, persa, francês, inglês e alemão, entre elas *O beco do Pilão*, de Naguib Mahfuz, e *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani.

AZUR & ASMAR

Azur & Asmar, de Michel Ocelot, SM Editores, nos leva a reinos longínquos, em que a realidade e a fantasia se mesclam. Neles, conhecemos povos e culturas diversas das nossas, num tempo recuado. Viajar por estas páginas é também uma aventura artística: nascido de um filme, o livro resgata a beleza da cultura árabe.

Duas culturas: francesa e árabe; duas línguas; duas etnias; duas religiões – cristã e muçulmana. Se a discriminação étnica e cultural fosse invencível, os heróis dessa história, Azur e Asmar, não se conheceriam. Criados pela mesma mulher, embalados com contos fantásticos, crescem juntos como irmãos, até que o destino os separa brutalmente. A lenda ouvida na infância e jamais esquecida permite que eles, adultos, se reencontrem e, mesmo rivais, atravessem o reino encantado do Maghreb em busca da Fada dos Djins, superando antigas mágoas.

Ocelot trata de uma questão política decisiva: o conflito entre Ocidente e Oriente, entre cristãos e muçulmanos – duas culturas que na verdade se complementam, apesar das diferenças. Este livro conta uma história em que a luta por um sonho permite perceber as diferenças entre povos como riqueza; uma aventura na qual a amizade e o amor triunfam sobre a intolerância.



As ilustrações do livro revelam um pequeno panorama da arte árabe. Os detalhes dos vitrais coloridos, as mesquitas com mosaicos e os edifícios com cúpulas bizantinas, além do colorido das frutas e cerâmicas do mercado onde Azur se perde, trazem ao leitor um pouco desse universo cultural.

Sobre o autor

Michel Ocelot, nascido em 1943, França, viveu na Guiné, África Ocidental, e reside atualmente em Paris. Estudou Belas-Artes e Artes Decorativas, mas dedicou-se à Animação. Produtor de séries televisivas, curtas e longas-metragens, premiadas por importantes instituições, dentre eles, os filmes *Príncipes e princesas* (2000), *Kirikou e os animais selvagens* (2005), e *Azur&Asmar* (2006) – melhor filme de animação no Festival Mundial de Filmes de Animação de Zagreb (2007), exaltando a civilização islâmica entre o séc. IX e o XV d. C., como forma de luta contra a intolerância étnica. (www.azuretasmar-lefilm.com)

www.edicoessm.com.br

A Caligrafia Árabe

A *Caligrafia Árabe*, de Aida Ramezá Hanania, editado pela Martins Fontes, é autêntico marco para os estudos árabes no Brasil. A obra visa projetar no meio acadêmico o conhecimento da caligrafia árabe em sua tripla dimensão: educativa, iconográfica e estética.

Sendo a caligrafia a mais fiel expressão cultural do mundo árabe-islâmico, o leitor é levado não só às origens dessa arte, mas à palavra alcorânica e aos alicerces da cultura árabe em geral. A autora analisa o percurso do *khat* (arte da caligrafia) em seu instrumental, estilos e, sobretudo, em sua essência: como fundamento e, ao mesmo tempo, tradução de toda uma visão de mundo. Mais do que a imagem – sempre suspeita para o homem do deserto – é a palavra que atinge os recônditos da alma oriental. A palavra é de Allah e a Ele se dirige, principalmente pelo cálamo do artista.

Objeto privilegiado de análise no livro é o trabalho de Hassan Massoudy, um dos maiores calígrafos árabes da atualidade, obra que se arraiga na tradição e abre-se para a modernidade. Embora fiel às milenares raízes de sua arte, Massoudy instala-se numa perspectiva universalista e entra em diálogo com a pintura contemporânea, especialmente em sua vertente abstrata.



O livro apresenta diversas lâminas que ilustram – pela dialética da interação cromático-formal-textual – o profundo e delicado senso estético do artista, com quem a então aluna do curso *L'Art calligraphique* privilegiou, em seu atelier em Paris. (Jean Lauand)

Sobre a autora

Aida Hanania é professora titular de Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP, Mestre e Doutora em Literatura Francesa. Membro das associações internacionais Société Internationale d'Histoire de Science et de la Philosophie Arabes et Islamiques, Asociación Latinoamericana de Estudios Afroasiáticos e Fédération Internationale des Professeurs de Français, participa de encontros culturais, no Brasil e no exterior, e de entrevistas com proeminentes estudiosos árabes e orientistas, estas publicadas pela *Revista de Estudos Árabes* (do Centro de Estudos Árabes da FFLCH-USP), de que foi fundadora, e editora (1993-95).

Atualmente, é membro do Conselho Editorial das revistas do Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente, da Faculdade de Educação da USP: *Notandum*, *Mirandum* e *Revista Internacional d'Humanitats*, onde tem vários artigos publicados. De sua autoria destacam-se, ainda, *Discurso Decisivo*, de Averróis (tradução do árabe, Martins Fontes, 2005) e o capítulo: "O Patrimônio Literário Pré-Islâmico e sua Repercussão na Cultura Árabe", in *O Islão Clássico – Itinerários de uma Cultura* (Perspectiva, 2007).

www.martinsfontes.com

Viagem ao fabuloso mundo das especiarias

Pequenos tesouros que fizeram o mundo girar, lançaram povos aos mares, perfumaram comidas, curaram dores do corpo e da alma, homenagearam deuses, as especiarias inspiraram esta saborosa *Viagem ao fabuloso mundo das especiarias*, de Rosa Nepomuceno, editado pela José Olympio.

Com muitas histórias e tratando de dezenas de espécies aromáticas, cujos usos se consagraram ao longo dos tempos, o livro mostra o acervo de ervas e pauzinhos, sementes e raízes, bulbos e favas, grãos, frutas e flores perfumados, criados para nos seduzir e tornar a culinária mais atraente. Nele obtêm-se informações interessantes sobre as especiarias, do alecrim ao zimbros: sua origem, histórias, usos gastronômicos e propriedades medicinais.

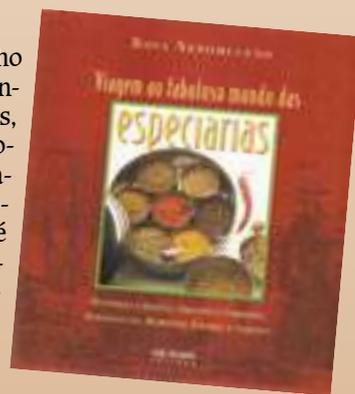
A autora percorre o mundo das especiarias, fazendo viagem que começa no Mediterrâneo, visita a África, chega ao Oriente Médio, passa pela antiga Pérsia e atinge a Índia, estendendo sua rota até os mares do Pacífico. Desembarca, por último, nas Américas, revelando espécies pouco conhecidas e seu uso pelos diversos povos.

Este é "um trabalho que se lê como um romance, cheio de cheiros, odores, perfumes, sabores e cores. (...) O impossível é parar de ler. É conter a curiosidade, porque este livro é especiaria pura, rica e deliciosa.", afirma com pertinência o escritor Ignácio de Loyola Brandão.

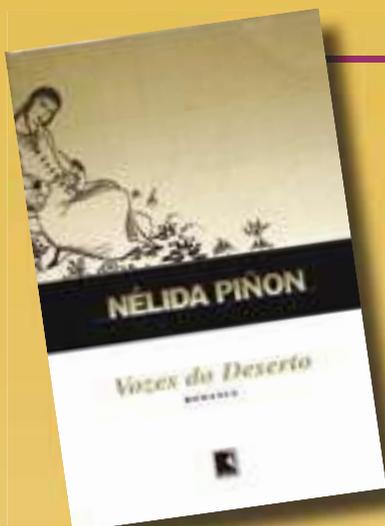
Sobre a autora

Rosa Nepomuceno é jornalista e escritora paulista, radicada no Rio de Janeiro há mais de três décadas. Trabalhou como repórter de cultura de *O Globo* e como assessora de imprensa para instituições culturais. Autora de *Música caipira – da roça ao rodeio*, Prêmio Clio 2000, e *O Brasil na rota das especiarias* (2005), colabora com revistas como *Casa Vogue* e *Gula*. Pesquisadora do universo de ervas e especiarias, criou uma empresa de temperos artesanais, apresenta *workshops* sobre o tema, e é consultora de gastronomia.

www.joseolympio.com.br



Vozes do deserto



Romance de Nélda Piñon editado pela Record, *Vozes do deserto* faz mais que recriar a história de Scherezade: mostra o papel que

a mulher transgressora pode desempenhar numa sociedade patriarcal.

Pela narrativa envolvente e irretocável, acompanha-se a história da jovem que, para salvar a vida de outras donzelas, ameaçadas de serem mortas pela vingança do Califa, traído pela sultana, casa-se com ele, e o seduz, noite após noite, com sua magia de narradora – o poder da imaginação a vencer a opressão e a morte.

A decisão de Scherezade é verdadeira ousadia para a época e antecipa um certo feminismo, em que a mulher está disposta a sacrificar-se pelas demais. Mas não sem antes tentar vencer um engendrado jogo de sedução e inteligência.

“Sutil e firmemente, Nélda nos faz ouvir as vozes do deserto, de onde vieram e para onde vão os sonhos da narradora, enfim liberta da missão a que se impusera. Quem tem ouvidos, ouça – é a palavra que resta dizer ao leitor desta obra que reinventa o fascínio das *Mil e uma noites*”, diz Alfredo Bosi na orelha do livro.

Sobre a autora

Nélda Piñon, primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, em 1996, carioca, de família galega, estudou na Espanha e cursou Jornalismo na PUC do Rio de Janeiro. Colaborou em revistas e jornais literários, foi correspondente no Brasil da revista *Mundo Nuevo*, e editora assistente de *Cadernos Brasileiros*. Autora de mais de uma dezena de livros, entre os quais os romances *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, *Fundador* (Prêmio Walmap), *A casa da paixão* (Prêmio Mário de Andrade), *Tebas do meu coração*. Os mais recentes, *Aprendiz de Homero* (ensaios) e o recém-lançado *Coração andarilho*, seu primeiro livro de memórias. Dedicou-se também à vida acadêmica, inaugurando em 1970 a cadeira de Criação Literária na Faculdade de Letras da UFRJ; no exterior, foi catedrática na Universidade de Miami (1990-2003). Detentora de importantes prêmios, dentre eles, os internacionais Juan Rufo (México), Gabriela Mistral (Chile) e Príncipe de Astúrias (Espanha).

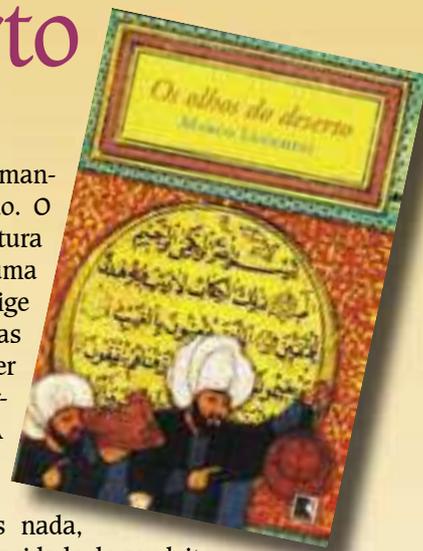
Os olhos do deserto

Em uma alquimia de palavras e estilos, Marco Lucchesi coloca lado a lado os mais díspares personagens, numa trama que tem o deserto como protagonista. Assim é *Os olhos do deserto*, publicado pela Record: narrativa, confissão, poesia e ensaio. O livro de Marco Lucchesi confirma a tendência do autor em desconstruir a estrutura do texto, de “enganar as palavras”. Hábito nascido de sua familiaridade com duas línguas – a materna italiana e o português natal.

O deserto descrito por Lucchesi neste livro é mais que um espaço geográfico. É o vazio interior, rico ou árido, dependendo da época, das pessoas encontradas, das interações. É nossa herança, nossa busca. Um lugar mítico, no qual o leitor precisará não de bússolas ou folhas cartográficas, mas sim de sua intuição. A primeira impressão é verdadeira e única, e não deve ser descartada pelos que querem encontrar o caminho. “Essas paragens não conhecem o meio-termo. Matam ou redimem”, a advertência lá está. E não deve ser ignorada.

Dono de profunda precisão verbal, Lucchesi não é um autor qualquer. Seu texto foge da sim-

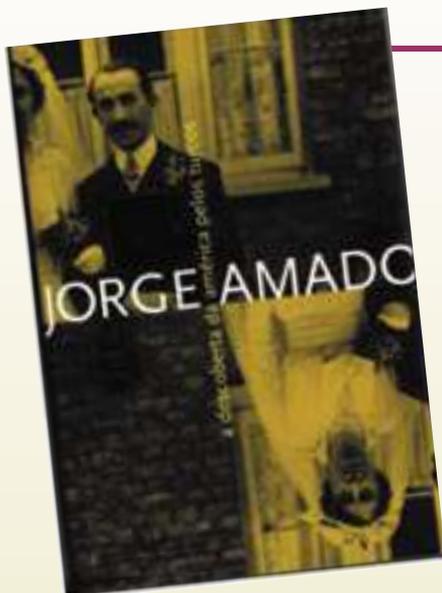
plicidade, mas se mantém aberto à criação. O resultado é uma mistura de prosa e poesia, numa linguagem que exige atenção do leitor. Mas o que pode parecer pretensão é, na verdade, humildade. A homenagem prestada por um autor que, antes de mais nada, não subestima a capacidade de seu leitor.



Sobre o autor

Marco Lucchesi, poeta e ensaísta carioca, fala e traduz italiano, alemão, russo, francês, espanhol, inglês, grego e latim. É autor de vários livros, entre eles *Faces da utopia*, *Leopardi*, *A paixão do infinito*, *Poemas à noite*, *O sorriso do caos* e *Bizâncio*. Os dois últimos publicados pela Record. Apesar de se afirmar apaixonado pela literatura brasileira, não abandona suas raízes italianas: domina também a literatura europeia. É professor de Literatura Comparada da UFRJ, membro do Pen Clube do Brasil e da Sociedade Brasileira de Geografia.

www.record.com.br



A descoberta da América pelos turcos

A descoberta da América pelos turcos, editado pela Companhia das Letras, em breve e bem-humorada narrativa sobre

a mistura racial brasileira,

Jorge Amado mostra como o sangue árabe – ou “turco” – ajudou a compô-la. Para ele o Brasil teria outros descobridores, além de Cabral e Colombo. O sírio Jamil Bichara e o libanês Raduan Murad desembarcam na Bahia e se instalam no litoral sul, na região grapiúna – eldorado do cacau.

Jamil abre empório em Itaguassu e Raduan prefere “fazer” Itabuna, onde se apresenta ao “turco” Jamil. Ibrahim Jafet, *outra brima*, quer casar sua primogênita – a feiosa Adma, cujo dote é sociedade no armazém *O Barateiro*, mas, *o homem põe e Jorge Amado dispõe...*

O livro, escrito para comemorar o quinto centenário do descobrimento da América, revisita

a formação da cultura cacaueira e do povo brasileiro, essencialmente mestiço. Zélia Gattai, em nota, revela que a obra surgiu de páginas salvas por ela do lixo.

José Saramago, no posfácio, qualifica a obra como “prodígio da arte de narrar” e, muito apropriadamente, a compara à tradição picaresca, que combina a violência, o humor, a inocência e a astúcia.

Sobre o autor

Jorge Amado, 1912-2001, escritor e jornalista (aos 10 anos criou e redigiu o jornalzinho *A Luneta*), publicou, em 1931, seu primeiro livro *O país do carnaval*. Cinco anos depois, recebeu o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras. Em 37, seus livros considerados “subversivos” foram queimados. Como deputado federal, participou da Constituinte de 45, pelo PCB, que abandonou em 1954. Conheceu Zélia Gattai, escritora e sua 2.ª esposa em 45. Foi eleito para a ABL, por unanimidade, em 1961. Sua obra, com mais de 30 títulos, tem edição em 52 países, 49 idiomas e dialetos, e até versão em braille, dando origem a filmes, programas e séries de TV. Condecorado por muitos governos, recebeu títulos *Honoris Causa* de inúmeras universidades e mais de 30 prêmios internacionais. Mas Jorge não cabe em tão poucas linhas...

www.releituras.com/jorgeamadobio.asp;
pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Amado

Noites das mil e uma noites

Usando os personagens e a atmosfera mágica da obra-prima da literatura árabe – *As mil e uma noites*, Naguib Mahfouz cria fábula moderna em *Noites das mil e uma noites*, editada pela Companhia das Letras.

Numa cidade islâmica, uma sociedade infestada pela corrupção e pela inquietação social tem chefe de polícia ativo no combate às ações de seitas religiosas para derrubar o regime e impor sua política de interpretação fanática e sectária da palavra sagrada – o *Alcorão*.

Como em *As Mil e uma noites*, gênios saem de garrafas abertas por ingênuos e transformam suas vidas para melhor ou para pior.

O contador de histórias Mahfouz critica a sociedade em que viveu e as seitas religiosas que lembram os atuais movimentos fundamentalistas, num romance tão encantador e multicolorido quanto a obra que o inspirou.

Ao criticar o extremismo religioso islâmico, o autor alerta para as demais intransigências e

fundamentalismos reinantes hoje entre nós, pois a fábula é a representação alegórica e universal da alma humana e de seus arquétipos.

Sobre o autor

Naguib Mahfouz, 1911-2006, egípcio, o primeiro escritor de língua árabe a receber prêmio Nobel de Literatura – 1988. Retratando a vida nos bairros do Cairo, do particular tira lições para o universal. Seus escritos e ações em prol do respeito ao outro o levaram a ser esfaqueado por fundamentalista islâmico que, como outros, considerava seus livros blasfemos e que ele merecia morrer.



www.companhiadasletras.com.br

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

Recém-lançada na Academia Brasileira de Letras, e publicada pela Global Editora, acaba de ser levada às livrarias a obra mais esperada do ano. Trata-se da 5.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, também conhecido simplesmente por *Volp*.

Continuamente elaborado pela Academia Brasileira de Letras em suas edições anteriores, o *Volp* sempre foi por ela comercializado. No catálogo da Global, ele continuará tendo a chancela da Academia – sob a supervisão do filólogo e acadêmico Evanildo Bechara, responsável na ABL pelo setor de Lexicografia e Lexicologia – e terá, enfim, maior visibilidade, pois seus usuários poderão encontrá-lo em livrarias.

O *Volp*, apresentado nesta edição por Cícero Sandroni, atual presidente da ABL, é obra de referência oficial para exames, concursos e para todos os que usam a escrita como principal instrumento de trabalho, uma vez que garante a correção da grafia, da acentuação, do uso do hífen, da pronúncia e do apontuesamento do vocabulário.

A edição, com 975 páginas, tem validade internacional porque reúne em uma só publicação as regras do idioma escrito segundo o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, assinado por representantes de todos os países lusófonos, além de contribuir para o uso internacional da língua portuguesa e para sua adoção como um dos idiomas oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU).

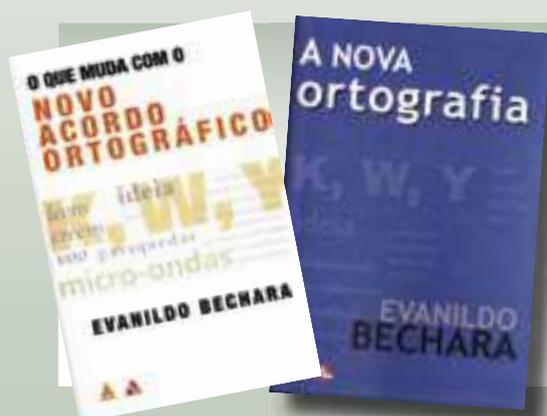
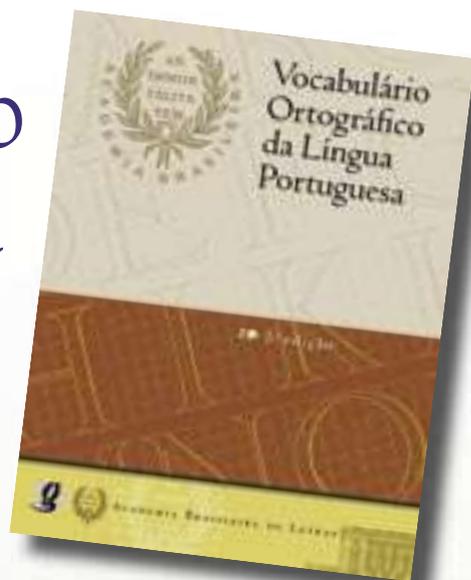
Publicado integral e fielmente de acordo com as instruções da Comissão de Lexicologia e Lexico-

grafia da ABL, formada pelos acadêmicos Alfredo Bosi, Eduardo Portella e Evanildo Bechara,

o *Volp* contém 381.128 verbetes, com classificação gramatical e ortoépia, para não deixar dúvidas acerca da pronúncia correta. Inclui verbetes de palavras estrangeiras de línguas de uso corrente no Brasil (inglês, espanhol, francês, latim, alemão, japonês, italiano etc.) e vocábulos para reduções – abreviaturas, abreviações, siglas, acrônimos e outras formas reduzidas de uso frequente.

O *Volp* traz também: texto integral do *Acordo Ortográfico de 1990*, com todos os anexos, relatórios e justificativas, assinado por representantes de todos os países em que o português é língua oficial – Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe; os decretos presidenciais sobre a adoção e a implementação do Acordo no Brasil; apresentação e nota editorial da Academia Brasileira de Letras sobre esta edição e sobre as anteriores, assinadas por Austregésilo de Athayde (1.^a ed., em 1977); Arnaldo Niskier (2.^a e 3.^a edições, em 1998 e 1999), Alberto da Costa e Silva (4.^a edição, em 2004) e Cícero Sandroni (5.^a edição, 2009); legislação anterior: o *Formulário Ortográfico de 1943*, o *Decreto de 1971* e outros.

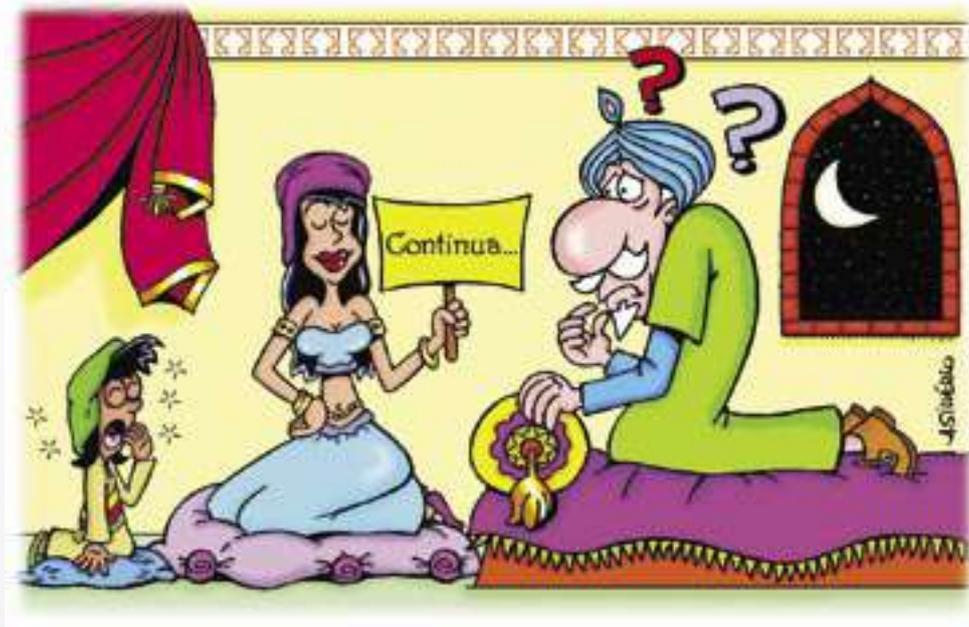
www.globaleditora.com.br



O que muda com o novo Acordo Ortográfico e A nova ortografia, editados pela Nova Fronteira, são guias práticos e abrangentes sobre as mudanças estabelecidas pelo novo *Acordo Ortográfico*. Elaborados de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa **Evanildo Bechara**, estes manuais esclarecem dúvidas relacionadas à nova ortografia, já em vigência em 2009, tornando fácil a consulta na hora de escrever.

www.novafrenteira.com.br

Um livro, uma leitura e uma proposta “das Arábias”



WELINGTON MACHADO

Conta-se que assim foi a primeira noite: *Quando a noite se fez mais espessa, Duniyade ficou atenta e esperou até que o rei se satisfizesse na irmã e ficassem todos bem acordados. No momento oportuno, pigarreou e disse: “Minha irmãzinha, se você não estiver dormindo, conte-me uma de suas historinhas com as quais costumávamos atravessar nossos serões, para que eu possa me despedir de você antes do amanhecer, pois não sei o que vai lhe acontecer amanhã”. Xarazade disse ao rei Xariar: “Com a sua permissão, eu contarei”. O rei concedeu. Xarazade ficou contente e disse: “Ouça”.* In Livro das mil e uma noites

A expressão “das Arábias” se refere a terras exóticas, fantásticas, com gente e coisas incomuns, extraordinárias, encantadoras e encantatórias, que despertam a curiosidade. Por extensão, usamos esta expressão para nos referirmos a algo fabuloso. O *Livro das mil e uma noites* é o que se pode chamar, com a força da expressão, *das Arábias*. O título fala de mil e uma noites e não de mil ou de novecentas e noventa e nove, veio dos árabes, cuja superstição entende que números redondos atraem coisas ruins. Fica o número em aberto, enquanto humana for a lábia sedutora, esse “dom de mulher que os homens têm” (Chico Buarque), assim como a curiosidade, filha do fascínio pelo desconhecido, mãe do desassossego e da inquietude. Nas narrativas, o encantamento da voz joga o tempo todo com a curiosidade do ouvinte. O poder de encantamento e de sedução do dizer/escrever histórias articulado à capacidade imaginativa do ouvir/ler é o que mantém o jogo libertário e salvador da literatura, a amansar o mal e preservar o humano em nós. Sobre esse pano de fundo se assenta todo o Livro.

As histórias se originam na oralidade, mais que um dom, uma necessidade humana de contar e de ouvir histórias. São contos das Arábias – egípcios, persas, hindus, siríacos, judaicos – que os árabes reuniram. Neles ouvem-se, através de Xarazade, as vozes de todos os contadores de histórias que existiram, existem e existirão. Mais que a essência da alma árabe, o que sai pela voz de Xarazade vem de tempos imemoriais, do fundo das cavernas. Ela é a voz do encantamento, mágica e sedutora; Xariar, o ressentido rei, o ouvido curioso do leitor. Entre eles se dá o jogo salvador da Literatura. A *contação* de histórias, no *Livro*, é uma forma de amansar o ódio, de não se deixar matar, de se libertar, para que a humanidade possa prosseguir. É do conhecimento de tantas vozes e de tantas histórias, desde a origem da Literatura e em todo seu percurso, da tradição oral à escrita, que Xarazade tira seu saber e dele trama seu ardil de salvação e de libertação. Ela é a voz que vem das origens e que, plurívoca, se desdobra em todas as vozes. Nesse sentido, Xarazade é o outro nome para Literatura.

Resumindo o primeiro fio, que com mil outros se entrelaça para formar a teia narrativa das mil e uma noites, conta-se que, com ódio de sua primeira esposa, que o traía com um vil escravo, Xariar (do persa راي‌ریش “rei”), homem do ressentimento mas também de ouvidos curiosos, a cada dia desposava uma virgem, a cada noite a deflorava e a cada manhã mandava matá-la. Já matara três mil mulheres, até que conhece Xarazade (do persa دازره), que se oferece para casar com ele, apesar dos protestos do pai, o vizir encarregado de escolher as virgens e de matá-las depois.

Nos aposentos do rei, ela pede para se despedir da irmã, Duniazade. No meio da conversa, como combinado, esta pede que a irmã lhe conte uma história. Xarazade era exímia contadora de histórias, arte que aprendera na praça do mercado, ouvindo os mercadores, e por haver lido escritos de toda a espécie.

Ela conta à irmã uma história que, como planejara, cativa a atenção do rei que, curioso, a escuta. Xarazade estende a narrativa até o romper da aurora, e a interrompe, inconclusa. Curioso para saber o final da história, Xariar não manda matá-la. Nas noites seguintes, tudo se repete: o rei, excitado com a narrativa, concede que Xarazade prossiga. Ela segue, deixando solta uma ponta do fio, puxando dela novos fios, tramando, tecendo e entretecendo sua infinita teia mágica, encantatória. Assim, consegue que ele a mantenha viva, até que,

“mil e uma noites e três filhos depois”, o rei, encantado, seduzido e “moralmente elevado pela histórias”, desiste de matá-la e faz dela, Xarazade, ou da Literatura, sua rainha.

Assim, *o Livro das mil e uma noites* pode ser entendido como a história das origens e da continuidade da Literatura, jogo que se dá entre a voz esperta de quem conta e os curiosos ouvidos de quem escuta, jogo de infinita urdidura.

No início do livro, um diálogo esclarecedor guia-nos a leitura. Na primeira narrativa, numa

conversa com o pai, a quem tenta convencer que a deixe se casar com o rei, Xarazade diz: “Ou eu me converto em um motivo para a salvação das pessoas ou morro e me acabo, tornando-me igual a quem morreu e acabou”. O pai tenta demovê-la, citando um provérbio popular daquele lugar e tempo: “Eu estava tranquilo e sossegado, mas minha curiosidade me deixou ferrado.”

Errou de alvo o pai, mas acertou na escolha da seta. Talvez aí, a filha tenha recebido o ensinamento que usará no ardil para seduzir o rei. Sem a curiosidade do outro, não haveria salvação; logo, nenhuma Literatura seria possível. Assim como Xarazade, a Literatura só morrerá quando já não houver salvação para a humanidade, nem nada mais a salvar.

XARAZADE E A MITOLOGIA GREGA

Há, nos mitos gregos, histórias e personagens que moldaram a cultura e o pensamento ocidentais e que são parte do repertório narrativo e filosófico do ocidente. *Aracne* e *Perseu* estão entre eles e, através deles, podemos “ler” Xarazade, para o que aqui interessa. Enfocaremos os mitos resumidamente.

Aracne, jovem tecelã, viveu na Lídia, região da Ásia Menor. Seu trabalho era tão perfeito que ganhou fama de ser a melhor na arte de fiar e tecer. Inconformada em ter seu talento julgado à conta da generosidade dos deuses, deixou-se dominar pela vaidade, veneno dos venenos. Esquecida da generosidade divina, teve de ser lembrada de que era discípula de Atena Minerva e que à deusa tudo devia. Demasiadamente humana, Aracne quis provar sua independência, afirmando ser capaz de competir com Atena e derrotá-la na arte de tecer. A deusa aceitou a provocação, seguríssima de seu poder. Desceu do Olimpo, misturou-se aos mortais, desvelou-se e desafiou Aracne. Iniciada a competição, as duas teceram, e Atena não conseguiu apontar uma falha na tessitura de Aracne. Irrada, rasgou o tecido e golpeou Aracne na cabeça. Triste e sem consolo, Aracne tentou enforcar-se. Atena, compadecendo-se dela, a fez sobreviver. Mas, em sua perversa generosidade, transformou-a em aranha e, em teia, a corda da forca. Assim, Aracne escapou da morte, embora condenada a ficar dependurada eternamente em sua teia, e a tecer infinitamente, presa na beleza de sua arte. Aracne é outro bom nome para Literatura.

Perseu foi um mortal, ou melhor, um filho de Zeus com a mortal Danae. Entre outras peripécias fabulosas, para libertar sua mãe da sanha sexual de um maldoso rei, ofereceu-lhe a cabeça decepada da Medusa – a mortal das três Górgonas –, tão hedionda que quem lhe fitasse o rosto se transformava em pedra. Para vencê-la, Perseu, protegido de Zeus, recebeu dos deuses e das ninfas um arsenal mágico que o auxiliaria na empreitada. Dele constava o escudo reluzente dado por Atena. Para não se petrificar pela ameaçadora Medusa, nem dela fugir, Perseu juntou magia e racionalidade. Evitando encarar a realidade-Medusa, capturou-lhe a imagem no espelho de seu escudo, aproximou-se e cortou-



Perseu apresentando a cabeça da Medusa, Benvenuto Cellini, Florença, séc. XVI



lhe a cabeça. Assim, para lutar com a realidade que desafiara, Perseu mobilizou seu arsenal mágico com sagacidade e inteligência, conferindo peso à imaginação e leveza à razão. Pela imaginação criativa podemos aproximar-nos do “monstro”, conhecê-lo, enfrentá-lo, jogar com ele, controlá-lo e dominá-lo.

Que força há na Literatura senão essa? A força imaginativa, que dá leveza ao peso do mundo, a jogar com a força de mundo, que dá peso à leveza da imaginação, e a não nos permitir a fuga nem a paralisia diante da realidade. Saber prender, ler e ver a realidade no espelho da literatura mostra-se assim uma possível mudança no ponto de observação: nova ótica, outra lógica, outro meio de conhecimento e controle. Uma fuga à petrificação, um re-enraizar-se ao humano em nós. Perseu é também um outro bom nome para Literatura.

PERSEU, ARACNE E XARAZADE NA ESCOLA

Um cisco de gente, cheio de porquês, e uma perguntação que não acaba mais. Tantos balbucios, tantas incertezas, uma tentativa danada de decifração. Que infante é esse com tantas e tão primeiras dúvidas? Esse é o professor, tentando pensar-se a partir de sua experiência na escola, hoje. A dura realidade à sua frente e o ter de enfrentá-la. E quem para ajudar? Quem para responder? Com quem aprender?

“Decifra-me ou devoro-te”, parece propor a escola, que não é mais que o universo de seus alunos, e contém toda a complexidade do mundo extramuros, o ruidoso turbilhão da vida que invade o prédio escolar, por mais murado e gradeado como hoje se constrói para protegê-los... de quê?

A desumanização invade rapidamente todos os recantos da vida diária, e a escola não é um recanto privilegiado nem protegido dos deuses. Não é só lá fora que o monstro da inumana realidade ameaça devorar cada uma de nossas crianças. Sabedor disso, cabe ao professor não dar o desespero.

Fabulemos. Eis o professor, diante da realidade-esfinge. Está no centro do labirinto. Desafia-o o Minotauro da desumanização, esse que parece conter o espírito negativo da cabeça medonha da Medusa, a ira vaidosa de deuses desafiados, a maldade ressentida de reis traídos. Labirintos, como bem aprendemos com Teseu, não têm saída; têm segredos a desvendar. Nesse contexto, o professor precisa, mais que nunca,

ser movido por esperança e necessidade. Precisa se reinventar. Precisa de outra ótica, de outra lógica, de outros meios, não obrigatoriamente novos: o mais tradicional, talvez, mas mobilizado de forma inovadora. Precisa da força da leveza, da imaginação criativa, da vivacidade de Perseu, da ousadia desafiadora de Aracne, da lábria sedutora de Xarazade a mobilizarem, com engenho e arte, seu arsenal mágico; a desenrolarem o fio de Ariadne que, segredo desvendado, inventará para ele a saída.

Precisa, pois, muito da Literatura. Precisa, para desafiar o que em si próprio já se instalou de ira divina, de realidade-Medusa, de maldade dos reis. Precisa tornar à insegurança e à incerteza primeiras, tomá-las como valores positivos. Precisa do vigor, da mobilidade da inteligência vivaz, proativa. Precisa se encontrar, na perdição do labirinto, para se libertar. Precisa jogar com a charada e ter o monstro sob controle, preso na sua lábria, na sua teia, no seu espelho-escudo. Salvar-se, libertar-se, para salvar e libertar seus alunos da desumanização.

Parece uma tarefa grandiosa demais. E é! Parece esperar-se demais e exigir um professor-herói. Nem tanto. Basta o que ele mesmo espera e exige de si. O que se propõe aqui não é voltar ao esfarrapado sonho da escola salvadora, libertadora. Propõe-se que o professor não fuja da realidade, que a enfrente sem se deixar petrificar. Que se volte a saber que toda aula, de qualquer disciplina e em qualquer nível de ensino, tem origem na oralidade; é, portanto, uma narrativa ou tem como pontos de partida e de chegada uma narrativa.

A Literatura, desde suas origens e em todo o seu percurso, da tradição oral à escrita, sempre esteve aí, como arsenal mágico a nosso dispor; mágico e sempre humano e humanizador. Precisamos trazer para a escola Xarazade, Aracne, Perseu e outros personagens do vasto repertório narrativo de que somos feitos. Precisamos fingir-nos heróis da história, sabendo que não há história interessante que não tenha um monstro terrível a ser enfrentado. E despertar a curiosidade do aluno, sem a qual não haverá salvação e nenhum ensino (ou aprendizado) será possível.

Leituras sugeridas

Livro das mil e uma noites, vol. I: ramo sírio. Anônimo. 1. ed., São Paulo: Globo, 2005; tradução do árabe por Mamede Mustafa Jarouche.

Vozes do deserto. Néliida Piñon. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Seis propostas para o próximo milênio. Italo Calvino. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

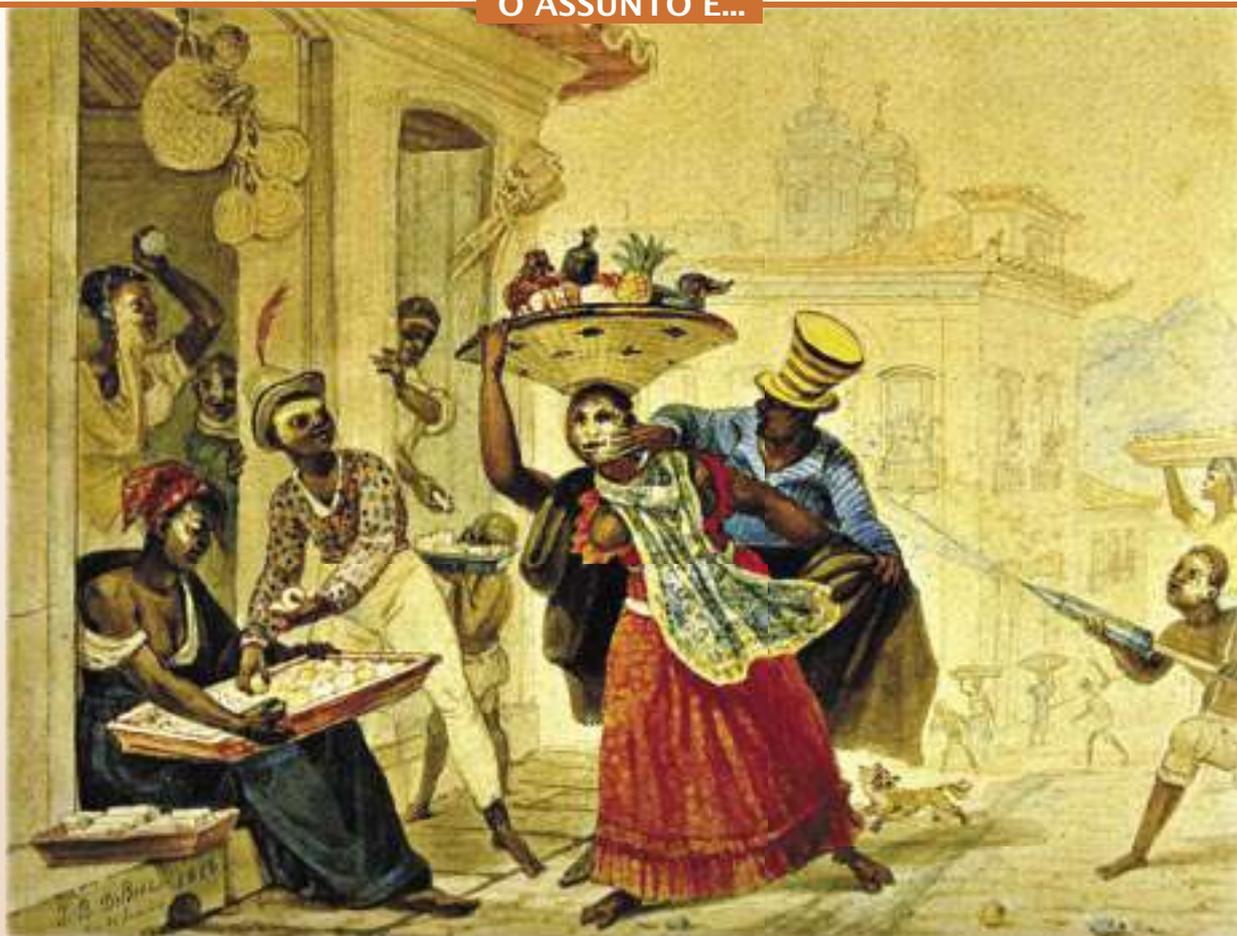
Haroun e o mar de histórias, Salman Rushdie. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mitologia grega. Junito de Souza Brandão. 3 v. 18. ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

Livro de ouro da mitologia grega. Thomas Bulfinch. 32. ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

WELINGTON MACHADO

Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira



Dia d' Entrudo – J.B. Debret, 1823. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro

Uma Veneza parisiense no carnaval carioca

FELIPE FERREIRA

Considerados como verdadeiros paradigmas da sofisticação, os bailes carnavalescos realizados em Veneza, nos séculos XVII e XVIII, serviriam de modelo para a festa carnavalesca parisiense importada pela elite brasileira para civilizar sua folia no século XIX.

O carnaval carioca deu seu primeiro passo em direção à modernidade quando, em meados do século XIX, a burguesia brasileira decidiu importar de Paris a moda dos bailes mascarados e dos passeios de carruagens. É a partir dessa tentativa de civilizar as brincadeiras populares, conhecidas genericamente como *entrudo*, que o sofisticado modelo francês entraria em contato com a saudável desorganização das ruas cariocas, fazendo surgir uma festa que uniria elegância à alegria.

O carnaval carioca – e, por extensão, a festa carnavalesca brasileira que o teve como parâmetro até meados do século XX – surge a partir do contato entre essas duas formas de comemoração: o luxo e a pompa da folia civilizada francesa e a exuberância agressiva da brincadeira mestiça brasileira. Se a esta última devemos a alma e a identidade de nosso carnaval – marcada por seus ritmos negros e por sua alegria espontânea – não se pode negar a importância da herança europeia para a definição de uma forma própria de expressão carnavalesca. É exatamente o gosto pela fantasia galante, pelo mascaramento e pela sofisticação que, associado aos tambores, ritmos e alegria de raiz negra e popular darão forma a uma festa única, transformada na maior comemoração popular do planeta.



Máscaras Venezianas
– Henrique Pontual,
Exposição CCJF, 2007, Rio
de Janeiro

máscara, que escondia totalmente a pessoa que a usava, protegendo sua identidade.

O uso de máscaras era comum em Veneza, mesmo fora do período do carnaval, e a cidade era famosa por suas intrigas. Aos mascarados era garantido, inclusive, o direi-

to ao anonimato através do *segno di maschera*, um sinal colocado sobre a vestimenta. O centro do carnaval veneziano era a praça São Marcos, onde os mascarados vinham se exhibir numa espécie de passeio conhecido como *listone*. Ao final do passeio, as pessoas se dirigiam aos teatros onde aconteciam grandes bailes mascarados. Foram exatamente estes bailes que deram fama ao carnaval de Veneza. A sofisticação das fantasias, o clima de mistério e intriga e a pompa, características da cidade, deram repercussão internacional ao evento que acabaria sendo copiado pelas principais capitais da Europa, incluindo-se Paris. Chamados de “bailes venezianos”, os bailes parisienses seriam o grande momento do carnaval europeu durante boa parte do século XIX.

As indumentárias elegantes que a burguesia desfilava pelas ruas do Rio de Janeiro em suas carroças enfeitadas, representando reis, princesas, mefistófeles e camponesas, difundidos, por exemplo, em ilustrações e pinturas apresentando foliões nas ruas da Europa, serviam de inspiração para as fantasias populares que, pouco a pouco, se incorporavam aos grupos que disputavam o espaço das ruas centrais da cidade. As pastorinhas, diabinhos, palhaços e princesas dos blocos carnavalescos representavam, desse modo, uma espécie de tradução das pomposas, e caras, fantasias importadas para a linguagem e o vocabulário visual das esquinas cariocas. As saias rodadas das porta-bandeiras e baianas, as casacas dos mestres-salas e as largas roupas dos clóvis, ou bate-bolas, da folia contemporânea ainda remetem às antigas indumentárias de princesas, barões e palhaços (daí o nome “clóvis” que seria uma corruptela da palavra inglesa *clown*), atualizando antigas referências.

Vale, entretanto, notar que as fantasias sofisticadas do carnaval parisiense, que tão fortemente influenciaram o carnaval brasileiro, foram, elas mesmas, influenciadas por tradição mais antiga, os famosos bailes de Veneza em seu período de esplendor, que remonta aos séculos XVII e XVIII – uma festa que durava várias semanas, indo do início de janeiro até a quarta-feira de cinzas. Durante esses dias, a cidade era ocupada por grupos de fantasiados mascarados. A principal indumentária era a de dominó, consistindo numa grande capa unida a um capuz, além de

to ao anonimato através do *segno di maschera*, um sinal colocado sobre a vestimenta. O centro do carnaval veneziano era a praça São Marcos, onde os mascarados vinham se exhibir numa espécie de passeio conhecido como *listone*. Ao final do passeio, as pessoas se dirigiam aos teatros onde aconteciam grandes bailes mascarados. Foram exatamente estes bailes que deram fama ao carnaval de Veneza. A sofisticação das fantasias, o clima de mistério e intriga e a pompa, características da cidade, deram repercussão internacional ao evento que acabaria sendo copiado pelas principais capitais da Europa, incluindo-se Paris. Chamados de “bailes venezianos”, os bailes parisienses seriam o grande momento do carnaval europeu durante boa parte do século XIX.

O costume de se realizar festas no período carnavalesco, nas quais os convidados deveriam estar fantasiados, já era corrente na corte de Luís XIV. O evento, na verdade, era mais próximo de uma representação teatral do que de um verdadeiro baile. Após a Revolução Francesa, a moda dos bailes retornaria com força total, marcando o espaço em que a alta sociedade da época representava sua força e declarava suas alianças. O relato dos bailes nos jornais franceses de então assemelhava-se à descrição de um verdadeiro evento teatral. A própria entrada dos bailes se apresentava como espetáculo para as pessoas que se reuniam à sua entrada somente para observar o movimento. Além disso, no espaço criado pela elite, o baile servia para marcar o grau de prestígio

*Na mesma máscara negra
Que esconde teu rosto
Eu quero matar a saudade.*

Máscara negra
Ze Ketí

Une Mascarade au XVII^e siècle
Adrien Moreau, 1887



de cada um e para afirmar, através de manifestações filantrópicas, sua responsabilidade social. Os bailes mascarados da burguesia francesa do século XIX tinham nas fantasias não só a função de espetáculo, mas também a de estruturação do grupo, seja em torno de um tema histórico imposto aos convidados, seja pela necessidade de astúcia, imaginação e esforço para sua apresentação.

Apesar do grande número de bailes presentes no carnaval parisiense, um deles se destacava como o mais importante: o chamado Baile da Ópera. Criado em 1716, ao estilo dos apresentados na corte de Luís XIV, ele se tornaria um grande momento carnavalesco após os anos 1830, quando o famoso maestro Musard assumiria seu comando. A multidão que se reunia no salão e o anonimato promovido pelas fantasias incentivavam a participação de mulheres e homens da sociedade que se envolviam com o clima licencioso do evento. A máscara servia, desse modo, tanto para ocultar a identidade do folião quanto para permitir que ele pudesse liberar sua pulsão pela esbórnia.

É essa característica dual que será herdada pela fantasia carnavalesca brasileira. Enquanto a elite importava indumentárias e materiais caros para se exibir nas festas dos salões e nos passeios de caruagens pelas ruas, a população recriava e reinventava temas e formas da elite, fazendo surgir expressão visual carnavalesca genuinamente brasileira.

Nos últimos anos a fantasia carnavalesca vem-se mantendo através dos figurinos para escolas de samba. Foi nas alas das agremiações cariocas que se perpetuou o gosto pela indumentária foliã através da criação dos carnavalescos. Incorporadas à narrativa do enredo por Arlindo Rodrigues na década de 1960, elas cumpriam a função de instaurar o espírito da brincadeira sofisticada, herdeira da tradição europeia. No final do século XX, a fantasia popular perdeu espaço nas ruas com a ascensão do carnaval ao estilo baiano, caracterizado por abadás e camisetas. Além disso, a decadência dos bailes mascarados fez com que o costume da fantasia individual sofresse notável decadência.

A virada para o século XXI, entretanto, tem trazido novos elementos a esse processo que, para muitos, parecia irreversível. A chamada retomada do carnaval de rua no Rio de Janeiro recupera o velho costume dos blocos, reunindo os mais diversos grupos de foliões. Esses blocos vêm reelaborando antigas tradições que pareciam esquecidas, como as marchinhas de carnaval ou a auto-organização da folia popular. Entre as tradições que vêm sendo atualizadas nos últimos anos destaca-se o costume das fantasias populares. Personagens que pareciam esquecidos, como os bebês chorões, os aqualoucos, as *negas* malucas ou os palhaços, voltam a ocupar as ruas nos dias de folia, ao lado de super-heróis, aiatolás, políticos corruptos e “popozudas”, legítimos representantes da contemporaneidade carnavalesca.

O carnaval carioca mostra, desse modo, sua força através da retomada de um de seus mais antigos costumes. A idéia da fantasia – que chegou aqui com ares de coisa estrangeira e como espécie de antídoto importado pela elite oitocentista para depurar a folia, foi assimilada pela população da cidade e transformada na própria identidade da festa, e quase desapareceu com a ascensão do carnaval-axé –, retorna com força total como verdadeiro símbolo da capacidade de reinvenção do povo carioca.

FELIPE FERREIRA

Professor Adjunto do Instituto de Artes da UERJ
Coordenador do Centro de Referência do Carnaval – UERJ
Autor de *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro* (Ediouro),
Inventando Carnavais (Ed. UFRJ) e *Meu Carnaval Brasil* (Ed. Apazível)

REIS MAGOS: origens e tradições populares brasileiras

AFFONSO M. FURTADO DA SILVA

As celebrações em louvor aos Reis Magos ocorrem basicamente entre o Natal e 6 de janeiro, dia de Santos Reis: é o terceiro momento do ciclo festivo do Natal, que se integra ao patrimônio artístico e cultural. Para alguns, esta alegre manifestação teria surgido entre nós; entretanto, ela se originou bem mais remotamente.

Esses personagens bíblicos surgem no capítulo 2 do Evangelho de Mateus, no episódio da *Adoração dos Reis Magos*, que a eles alude vagamente, sem especificar nomes, categorias, número ou procedência. Após meditação exegética, Apologistas e os Pais da Igreja – Gregório, Ambrósio, Jerônimo, João Crisóstomo, Agostinho e Tomás de Aquino, entre outros, formularam os primeiros dogmas e rituais cristãos e se manifestaram sobre os Magos.

No século VI, os Magos já eram considerados “Reis” e Leão I, o Grande, fixou-os em número de três. No século XII, em documento atribuído ao monge beneditino inglês Beda, surgem os nomes definitivos: Gaspar, Baltazar e Melchior, e suas descrições foram estabelecidas.

Os Magos influenciaram artes e tradições populares desde os primórdios da cris-



*Ó di casa, ó di fora
Qui hora tão excelente
É o glorioso Santo Reis
Que evem do oriente*
(Anônimo)

Bandeira da Casa dos Santos Reis - Rio das Flores/RJ

tandade. O pesquisador francês Gilbert Vezin afirma: “O tema da Adoração dos Magos foi o assunto mais popular e frequente que se expressou na Arte, no Oriente e no Ocidente”.

Na Idade Média, em Creccio, Itália, Francisco de Assis concebeu a representação da cena da natividade (Presépio), que se difundiu para toda a cristandade. Surgiram também estórias e lendas envolvendo os Reis Magos, no sentido de “(...) complementar o que faltava à imaginação popular (...)”, anota o historiador de arte francês Émile Mâle, em artigo publicado no início do século XX, na *Gazette de Beaux-Arts*. Dentre elas, sobressai o manuscrito *Historia Trium Regum* de Johannes von Hildesheim, carmelita alemão e professor de teologia em Paris, publicado entre 1364-1375, para elucidar a origem dos Magos. Seus restos mortais, trasladados do Oriente, estiveram no século VII em Milão – Itália, e a partir de 1164, colocados numa urna dourada na Catedral de Colônia – Alemanha, o “Relicário de Santos Reis”.



Cabalgata de Reyes Magos – Sevilha

O texto de Hildesheim mereceu abordagem crítica, na *Early English Text Society*, em 1876, assinada por seu presidente C. Horstmann, reconhecendo “(...) o grande número de manuscritos espalhados na Inglaterra e por toda Europa cristã, o que comprova a grande popularidade do referido manuscrito”. E conclui: “(...) o assunto dos Três Reis Magos tornou-se um dos temas favoritos da Idade Média, eram os santos mais populares do mundo cristão”. Afora a Terra Santa, as peregrinações a Colônia só eram suplantadas pelas de Roma e de Santiago de Compostela.

A presença dos Magos nas artes plásticas alcançou o apogeu na Renascença: artistas de muitas nacionalidades retrataram a Adoração dos Magos. Giotto representou como cometa a estrela que conduziu os Magos do Oriente a Belém, depois de o Cometa Halley passar sobre a Europa, em 1301. O próprio Leonardo da Vinci deixou pintura incompleta da Adoração dos Magos.

Consta que Goethe, inspirado nos Magos, compôs o poema “*Epiphanias*”, redescobriu o manuscrito de Hildesheim, em 1818, e se empenhou em traduzi-lo para o alemão, entregando a tarefa ao poeta alemão Gustav Schwab, que não só o traduziu, mas compôs poema para fazer parte do texto. Publicado

em 1821, incorporou pequeno poema de Goethe que conclui:

*(...) pois, afinal, somos todos
Reis Peregrinos,
ao alvo querendo chegar.*

No medievo, o episódio dos Magos do Oriente era representado nas igrejas europeias através dos *Autos Litúrgicos Medievais*, *Mistérios* ou *Officium Stellae*. A dramaturgia sobre os Magos se sobressaiu como um dos temas mais apreciados para encenações, segundo W. Smoldon e C. Young, estudiosos do teatro medieval. Alguns Autos eram dialogados, outros musicados, como dramas musicais, óperas, ou operetas. Foram famosas as dramatizações do século XII, nas catedrais francesas de Rouen, Limoges e Besançon, cujos originais ainda estão conservados.

Na Espanha encenava-se o *Auto de los Reyes Magos*, de autor desconhecido. Encontrado na Catedral de Toledo, o texto é incompleto e escrito em linguagem *castellianizada e influenciada por el dialecto mozárabe*, sendo reconstituído por Ramón Menendez de Pidal, com data provável do século XII, e considerado *la pagina más antigua del teatro español*. Presume-se que ele se disseminou pela Península Ibérica, influenciando obras similares, abundantes nas literaturas hispânica e lusa.

Horstmann observou: “A celebração no dia de Santos Reis era solenizada com incommum alegria e esplendor, com encenações dramáticas dentro da igreja e de mascaradas fora (...)”. Émile Mâle registrou a tendência de popularização dos dramas litúrgicos medievais sobre os Magos: “(...) ganhavam o gosto popular e no século XIV o drama dos Magos não se representava somente nas igrejas, mas também em pleno ar livre”. Ele a ilustra, relatando o cortejo dos Reis Magos, dos dominicanos em Milão, em 1336. A tradição voltou a ser representada em 1962, após longa interrupção. Cidades europeias realizam cortejos: Florença, Sevilha e Coimbra, dentre outras.

No tocante a Portugal, escreve Luiz Francisco Rabelo sobre o teatro português: “Jograis e Trovadores, no seu repertório, incluíam nar-

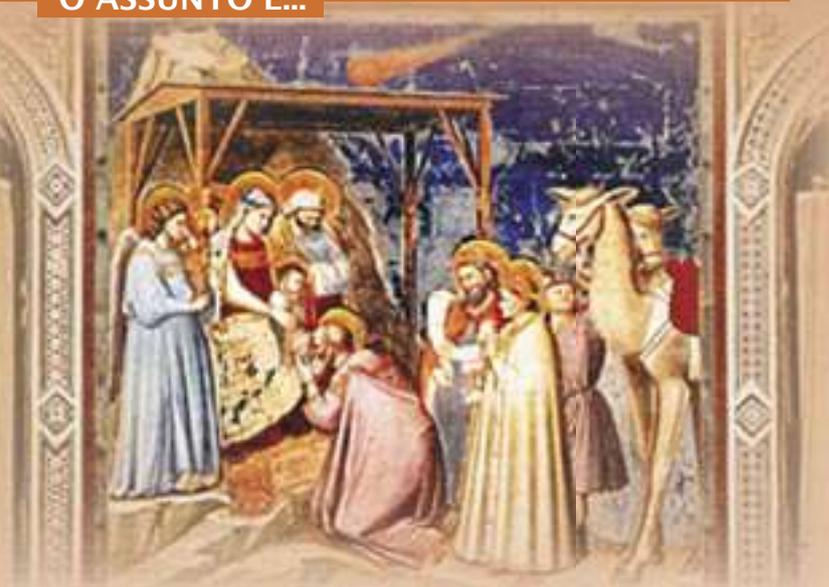
ração dialogada e minada de episódios burlescos ou inspiradas nas novelas de cavalaria e nos livros hagiográficos, de tão grande popularidade alcançaram nos países (...).”

As ordens religiosas na Espanha e em Portugal incorporaram os dramas litúrgicos dos outros países para ensino e propagação da doutrina cristã. Na quadra natalina, grupos peditórios iam de casa em casa, pelas aldeias e freguesias: na Espanha, o costume dos *Vilancicos* e, em Portugal, os *Cantares de Janeiras e Reis*.

As tradições populares ibéricas, como dramatizações ou grupos peditórios, foram transplantadas para o Brasil. Os jesuítas que aqui aportaram com o primeiro Governador Geral Tomé de Sousa, em 1549, utilizavam essas tradições sob forma de canto, dança e encenação, na catequese e no ensino a indígenas e colonos portugueses – *reinóis*. Anchieta, o precursor das letras brasileiras, formado na escola de Gil Vicente, compôs (a pedido do Padre Manuel da Nóbrega), ensaiou e representou sua peça *Pregação Universal*, reintitulada *Na Festa de Natal*, na igreja dos Jesuítas, em São Paulo de Piratininga (atual cidade de São Paulo), no Natal de 1561, no Ano Novo e Dia de Reis de 1562. Nesse Auto, insere-se ato com os Reis Magos.

Sobre o auto, o P^e Armando Cardoso, em obra sobre o teatro anchietano, diz que foi encenado noutros núcleos jesuítas, no litoral brasileiro. Um deles, o dos Reis Magos, localizava-se no Espírito Santo, 20 km ao norte de Vitória, sendo aí erigida a igreja dos Reis Magos, marco jesuítico do Brasil, tombado pelo Iphan, em 1943.

Outro registro consta do *Compêndio Narrativo do Pere-*



Adoração dos Reis Magos – Giotto di Bondone

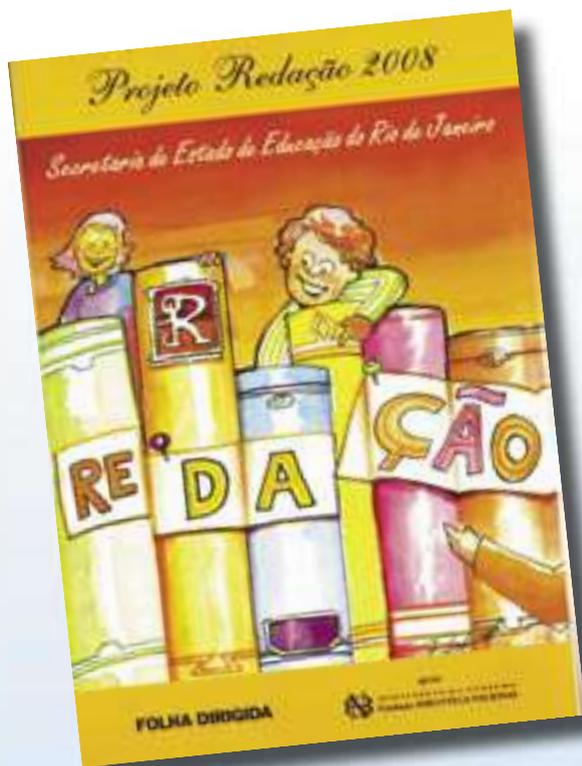
grino da América, de Nuno Marques Pereira, citado por Luiz da Câmara Cascudo: “desses grupos pedindo os Reis (no sentido de oferta) na Bahia, na segunda metade do século XVII”. Do *Compêndio*, o etnógrafo português Leite de Vasconcellos extraiu comentário sobre a presença de mascarados nas peças jesuítas.

Graciliano Ramos, atento observador de nossos costumes, no conto *Um Natal*, escreveu: “O Natal, festa profana, alcança duas outras; Ano Bom e Reis. Começa dia 24 de dezembro e termina 6 de janeiro, representa uma solução de continuidade nas aperreações do sertanejo”.

Assim, entre nós, as tradições populares dos Reis Magos derivam de manifestações ibéricas, em rituais litúrgicos e paralitúrgicos que sofreram influências locais, regionais e étnicas. Realizados no interior das igrejas, pouco a pouco, foram se popularizando no meio rural, praças e ruas. Aqui, são designados por *Reisados*, “festejam o Natal e os Reis”, segundo Câmara Cascudo. Compreendem: *Folias ou Companhias de Reis*, *Tiração de Reis*, *Presépio*, *Pastorinhas*, *Pastoris* e o *Bumba meu boi* do nordeste oriental. Há, ainda, o *Cavalo Marinho*, o *Boi de Reis*, o *Terno de Reis* (baiano e sulino), as *Reiadas* e outras expressões, cobrindo praticamente todo o território brasileiro.

AFFONSO M. FURTADO DA SILVA

Presidente da Comissão Fluminense de Folclore
Membro do Conselho Estadual de Cultura/RJ
Autor de *Reis Magos: história, arte e tradições* (Léo Christiano Editorial)



PROJETO REDAÇÃO

e, às vezes, crescem sem brincar,
mas os sonhos vão nascendo
e podem se realizar.
Aqui se cai levantando,
não há tempo para moleza.
Há aqueles que mesmo ralando
não conseguem pôr o pão na mesa.
Numa terra de mães solteiras
e milhares de desempregados,
vender chiclete é brincadeira
e estudo é para privilegiados.
Mas o que nos trouxe a isso?
Se o Brasil tem tanta riqueza...
Ambição e egoísmo são algumas das causas
da pobreza.
Os idosos são abandonados
Como coisas sem utilidade.
Depois de uma vida de trabalho,
tiram-lhes o prato e a dignidade.
Essa é a história que se repete
Praticamente o tempo inteiro.
É uma herança de brasileiro para brasileiro.
Aqui o preconceito é o grande imperador,
e ser um homem negro
é antônimo de trabalhador.
Sem respeito e oportunidade,
a vida se torna difícil.
Discriminar, para a sociedade,
Na verdade é quase um vício.
E como todo viciado,
eles querem sempre mais,
como se nenhuma humilhação
a que nos submetem fosse demais.

A SEEDUC, muito breve, divulgará o *Projeto Redação 2009* em toda a rede estadual, esperando contar com um significativo número de participantes, como acontece tradicionalmente.

MARIA GISELA CERSÓSIMO

Há oito anos consecutivos, a SEEDUC realiza o *Projeto Redação*, promovido pelo jornal *Folha Dirigida* em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional. Apesar de a SEEDUC desenvolver, divulgar e incentivar inúmeros outros concursos de redação, esse projeto se reveste de caráter altamente motivador, uma vez que sua culminância é a edição de um livro em que todos os alunos participantes figuram como co-autores.

O projeto destina-se a alunos do Ensino Médio de toda a rede estadual e, no ano de 2009, realizará sua 9.^a edição. O trabalho é iniciado nas unidades escolares com um concurso de redação, com tema livre, para seleção do melhor texto, que representará a escola no projeto.

No ano de 2008, entre tantos bons trabalhos, um dos que se destacou foi o da aluna Walleska Firmino, da 2.^a série do Colégio Estadual República Italiana, de Porto Real.

Aqui é assim...

No Brasil se nasce chorando
e se vive querendo sorrir.
Aqui se acorda trabalhando
e trabalhando se vai dormir.
As crianças vão crescendo

MARIA GISELA CERSÓSIMO
Professora da SEEDUC/RJ
Coordenadora do Projeto

FAZERES ARTÍSTICOS ÁRABES E SACRALIDADE

Mesquita de Masjid-i Shah,
Isfahan, Irã, séc. XVII: cúpula



ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

Se nos debruçarmos em algumas das muitas janelas do tempo (sabendo ser o tempo sempre plural e móvel, participe de ambientes culturais diversos) e deixarmos o olho mover-se até atingir aquelas obras produzidas pelo mundo árabe, obras de *arquitetura* e de *escrita* em seu sentido ampliado, ou seja, obras de arte de toda sorte a instalem-se de maneira única no espaço, e se, por tática, desenharmos um recorte a abranger os valiosos fazeres ao redor do século IX d.C., veremos que em tudo – nas páginas de livros, nas formas próprias de construir a letra em sua beleza exigente, exigente e provinda de cálculos nascidos de uma sabedoria excepcional, no trato de uma parede, de uma coluna, de um objeto de uso, no erguimento de locais de culto – bem se instala o forte e manifesto senso de sublimidade ou, mais que isso: a radicante pulsão do sagrado. Pulsão exposta em obras reveladoras de específicos sistemas constituintes, em um só ato, do que podemos nomear de *cérebro-ocidente-oriental* nosso. Nas obras e nos homens de lá e de hoje, as duas forças intrínsecas de tal cérebro atuam, geram criações, sentimentos, amplitudes de recursos plásticos e afetivos. Formam redes necessárias ao viver e que se disseminam desde sempre, que pedem mais e mais arte e mais e mais vida. Daí foi possível construir uma ardorosa, complexa e incansável cultura

que se dedica, sem cessar, ao trabalho ativo de traduzir a potência da sacralidade em riscos e linhas a gerarem labirintos, desvios, retornos, levezas. Uma arte, sim, em sentido espiritual e excelso, do arabesco – tão exato termo!

Precisamos todos, para o equilíbrio amplo e vivo dos corpos, desta arte: da arte árabe. Perceberemos, então, claramente, da imaginária janela, este sustento necessário: ali, aquela – entre inúmeras – coluna-caule, com suas ramagens íntimas, externas, firmes, fluidas, proliferantes. Para vê-la, podemos estar para além de um campo de conhecimento, com suas normas, preceitos, vocabulários, regras funcionais etc., com que tendemos a observar as obras. Estas fazem-nos intuir estarmos fora dos territórios seja da História da Arte ou das Civilizações ou das Culturas. Nenhum desses termos (história, arte, civilização, cultura) é justo para designar o afeto (o êxtase) epifânico que aqueles fazeres convocam. Pois neles encontramos uma matéria sinestésica plena de respiração e ar, signos de sua sacralidade, independentemente do terreno religioso que possamos ter escolhido. O sagrado refere-se a uma força natural arcaica e extemporânea, diz respeito ao incontornável ímpeto de eternidade e de sobrevivência, que constitui o mundo vigoroso de todos os seres: tudo quer vida, tudo exige o expandir da vida – da vida aqui, mesmo quando, por habilida-

des diversas, se fazem obras para anunciar os indícios de um lá, de um depois. Um depois plantado pela obras no coração do presente. Um presente que se expande, que perdura, que nos chega como dádiva – a dádiva árabe, marca alegre de um povo que ama o presentear: o transmitir.

Nas iluminuras, nas caligrafias, nos corpos dos edifícios, na composição dos tantos elementos que compõem todas estas *arquitecturas e escritas* (no papel, no solo, na massa das coisas), ali feitas e aqui vistas, um imenso e estonteante poder estético revela-se e alastra-se, gerando sutis cavidades e relevos. Com seus alvéolos, com sua matemática produção de teias, tecidos, rendilhamentos e minudentes vidros, com seus modos vastos de elaborar pensamentos sobre a radical existência do traço, com suas volatilidades formais, seus silêncios e ritmos, as obras acionam em nós o outro-que-somos (o mesmo diferido do sagrado) e o sentir-se nos limites, quase ou talvez diluídos, da divindade. Estejamos em divindade, clamam as obras. Estado supremo que nos sustenta e nos sustentará. Nas obras, tal arco luminoso: a divindade dos (nos) homens. De suas colunas necessitamos, em havendo – e há – o caminho e o imperativo de nela, com ela, existir. Nas obras, ofertas sem fim de nutrientes para fortalecer a pulsão-divindade. Pulsão escrita dentro e fora das obras. Olhem-se aquelas iluminuras, aquelas letras, aquelas tradições, aqueles templos repostos em formas de arte. Todo

Foto: John W. Freire

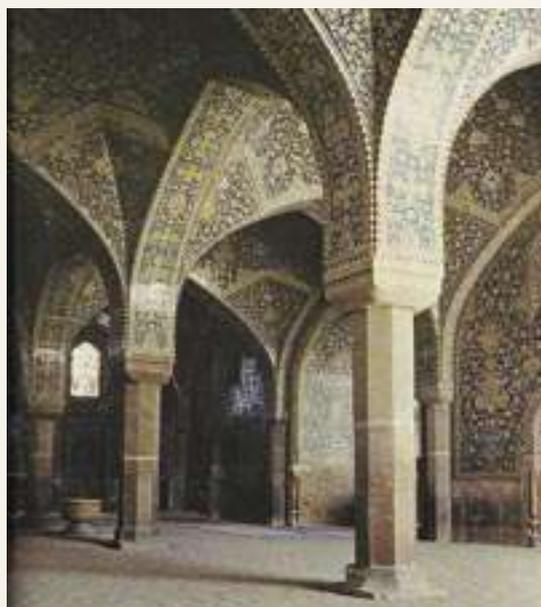


Palácio Alhambra, Granada, séc.XIV: detalhes da cúpula com estalactites

esse devir divino em obras – em nós – atualiza-se na necessidade de transitarmos por esses sítios artísticos de maravilhosos desenhos, pois seguimos os percursos da linha a estruturar-se nas escolhas das cores (as cores de perfeitas luzes), das curvas, dos efeitos das técnicas da flutuação, nos arran-

jos, frases, páginas, nas suas concretudes das matérias, no sábio uso dos espaços. Podemos, dizem as obras, entrelaçar e entender. Entender, por sentir: sentir o divino em magnitude e esplendor. Para tanto, cabe plasticizar o elevado afeto, criar a acolhida corporal do sentimento, este – o de divindade. Daí se entregarem os árabes, e muitos de nós, ao trabalho constante de amplificar as possibilidades das formas. A ardente e geométrica existência árabe foi capaz de acionar, levando ao extremo do requinte, com seus ilimitados meios e empenho, o tão perto-longe Bizâncio, retraduzido por filtros e filtros do fazer e do compreender.

De que tanto carece o espírito, seus acionamentos pulsionais, para tornar pública sua corporeidade? Luz, luz. E luz (com suas sombras moventes). Dela, o florescer da cor, o ressaltar do desenho, o potencializar do detalhe e do mínimo. Afetar de luz e luz 'outros' e 'anteriores' livros sagrados, transformando-os com seus gestos de irisar. Também aqui, no agir árabe, o mundo como livro: prédios, iluminuras, caligrafias. Tinturas em prata, as películas de ouro, a mão humana concentrada, o proje-



Salão de Orações da Mesquita de Masjid-i Shah

tar, o ir grão em grão, a capacidade cada vez mais intensiva e a agir e a pensar conectada à música visual dos mosaicos, um campo de nuances. Sempre visando a suspender levemente, a redistribuir o peso, a soprar o que se quis sobre o solo. A divindade, e seu levitando. Pairar. Cavar amorosamente nos blocos edificadas vãos e vãos, abrindo e aumentando a fartura do interior, para estender a transparência; o céu a entrar:

o vento, a vida orgânica. Todos aqueles efeitos do polido apaixonamento plástico da esplêndida arte bizantina alarga-se. Escreveram os árabes, em obras de papel, tecido e pedra, novos lugares santos, novos espaços de abençoamento da Terra; valeram-se dos cuidados dos ornamentos, pois de ornamentos veste-se o espírito; com eles, clareia-se o hemisfério espiritual. Nas obras, oferecem-se a erudição islâmica, as especiais relações entre a Bíblia e as Escrituras do Alcorão, as linhagens dos profetas. Estas conversações infinitas e densas, suas maneiras de dizer o saber e de dizer o sentir estão grafadas, assim como estão nas tecelagens impressas nas mesquitas e nos mosaicos, que assinalam, mantêm e excedem seus iniciais sentidos e usos. Igualmente, encontram-se nas sobreposições de paisagens, no ouro, nos sopros de ouro, nos retornos dos tratos ópticos das pinturas de Pompéia. A divindade, a pulção-divindade espalha-se, dissemina-se pelas



Hagia Sofia, Istambul, séc.VI: capitel bizantino com motivos vegetais e o monograma de Justiniano

diferidas culturas. Ela em perfeitos cruzamentos, em testes variados de acúmulos conceituais de volumes e cores. Vemo-las nas séries das colunas, das finíssimas colunas a elevarem arcos e arcos e arcos, com seus rendilhamentos, suas dobras e 'vazios' sutis, inúmeros. Deus estará louvado e visível na criação de locais de expressões plásticas e físicas provindas do observar e do reconstituir a inteligência

da vida e da arte botânicas: encontra-se em nós, nas ramagens nossas. Somos assim divinos, e, por meio de uma arte expandidamente escriptural e de seu poder centrífugo, das janelas escolhidas também

Foto: John W. Freire



Palácio Alhambra, Granada, séc. XIV: motivos vegetais, arabescos e inscrição em parede

veremos: em nós, em nossos corpos (dentro, fora) a bela certeza das ramificações e das multiplicidades divinas. Uma certa natureza de divindade imprescindível, bem aqui – na arte do arabesco; nela, o tempo trabalhando, trabalhando. Da sabedoria árabe, do arabesco, nutriu-se Borges, para teorizar (toque-mos *O Aleph*), Guimarães, para expandir (sigamos *Grande sertão: veredas*), Joyce, para espocar (estejamos com *Ulisses*).

ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

Doutor em Semiologia
Professor de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da UERJ
Autor, entre outras, de *Clarice Lispector (Atual)*, *Para uma teoria da interpretação* (Forense Univ.), *Tais superfícies: estética e semiologia* (Otti Ed.), *Matéria e crítica* (Sette Letras)

Passei os olhos no site/revista e achei-a um deslumbre! Fico pensando como sairia no papel se o destino a enveredasse nesse sentido...

GF

Vi as duas últimas edições e achei-as excelentes, com material variado e interessante, não se restringindo às seções normais de uma publicação educativa. A seleção de autores aberta e ampla, abrindo espaço para muitas vozes e visões dos temas propostos. Parabéns pela dedicação e competência!

FF

Vou indicar a leitura da Educação em Linha aos colegas. Gostei demais do trabalho, acredito que tenham encontrado o equilíbrio exato entre o academicismo e a prática educacional. A medida certa para os textos que, sem banalização das questões apontadas, são acessíveis e atraentes tanto para a academia quanto para o professor de sala de aula. Sou assinante da revista Língua Portuguesa e aprecio bastante os textos que nela veiculam. Educação em Linha, na minha opinião, fica um degrau acima em qualidade, fundamentação teórica e variedade.

CV – SP

Vou ler tudo com mais calma e atenção, como li o texto da Nélida que me prendeu já nas primeiras linhas e não me soltou mais. Maravilha! (...) A autorização para imprimirem a revista é merecimento. Vocês fizeram muito para merecerem esse presente; presente que vai, na verdade, para todos os leitores da revista.

WM

Parabéns pelo bom-gosto e pela pertinência.

NRF

Os artigos parecem abordar assunto de grande interesse atual e de sempre. As ilustrações também estão excelentes. Muito



Peregrinos a caminho de Meca. Il. de al-Wasiti in Maqamat de al-Hariri, Bagdá, Iraque, 1237. Biblioteca Nacional de Paris

bom! Esta revista me parece estar melhor que a do Conselho de Cultura... será de grande utilidade para os leitores, estudantes, professores e interessados pelos fatos brasileiros, sobretudo a visão cultural.

ARMC

Acabo de ver a revista. Parabéns !!! Muito boa !!!

DD

Enviei para a Associação de Professores de Francês do Rio de Janeiro (APFERJ) a edição que fala da França. Vocês estão de parabéns, a produção está ótima!

MAR

Fiquei muito contente em saber que a revista será também impressa e, assim, terá um alcance ainda maior! Os nossos professores estão carentes de materiais com essa qualidade.

VG – SP

A revista está maravilhosa, visual fora de série. Li alguns artigos

e o meu, é claro. Quando impressa, estará mais linda ainda. Vou continuar as leituras. Tudo de alto nível, como sempre!

AL

Que maravilha essa edição sobre o Japão! Aqui nos Estados Unidos eles são uma força! A revista está muito bem escrita e gostei muito da lindíssima ilustração!

KR

A superação é constante. A cada número mais qualidade. Conhecendo a forma com que agem os editores, temos certeza de novas e bem cuidadas edições. Que venham as impressas, depressa.

PPG

Parabéns pela revista. Aguardo ansiosa o exemplar.

RC

Desde o lançamento tenho lido e acompanhado as edições da revista. Como Coordenadora Pedagógica no I.E. de Três Rios, tenho recomendado a leitura dela, pelos professores, funcionários e alunos. Os textos dão-nos respaldo muito grande nos trabalhos em sala de aula e diferentes pesquisas. Gostaria que ela fizesse parte do acervo de nossa Biblioteca, já que nem todos os alunos têm acesso à Informática.

MES

Sou professora no Curso Normal do CE Milton Campos, em Nova Iguaçu. Gostaria de elogiar a excelente publicação, as matérias são bem interessantes e sobretudo, bem escritas. Lamento a revista não ser em papel, chegaria mais facilmente aos professores que ainda não têm acesso – nem o hábito – de acessar a página da SEEDUC. Sugestão: colocar a revista, ou um link no Conexão Professor e no Conexão Aluno, assim estaríamos integrando os ambientes e divulgando esse trabalho tão bom. Mais uma vez, parabéns pelo excelente trabalho!

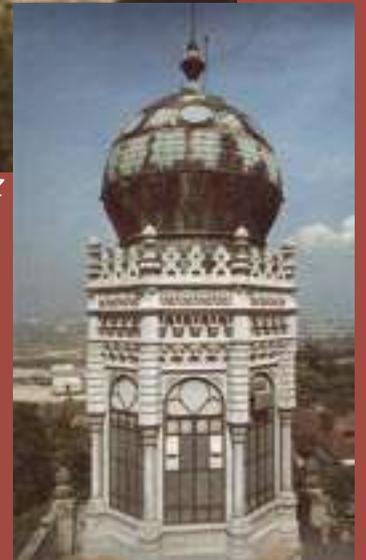
AV

Presença arquitetônica árabe no Rio de Janeiro

Fotos in Rio 92, Edição Comemorativa, Bloch Editores



Pavilhão Mourisco da FIOCRUZ



Conheça mais o mundo árabe...

Embaixadas de Países Árabes do Oriente Médio no Brasil

Arábia Saudita Tel: (61) 248-3523/3525/2201

Argélia Tel: (61) 248-4039/1449

Egito www.opengate.com.br/embegito

Irã www.webiran.org.br

Iraque Tel: (61) 346-2822/6612/7561

Jordânia Tel: (61) 248-5407/5414

Kuwait www.embaixadadokuwait.org.br

Líbano www.libano.org.br

Marrocos www.embmarrocos.org.br

Palestina Tel: (61) 226-4760

Síria Tel: (61) 3226-1260/0970

Tunísia Tel: (61) 248-7277/7366/3725

Turquia Tel: (61) 242-1850/244-4840

